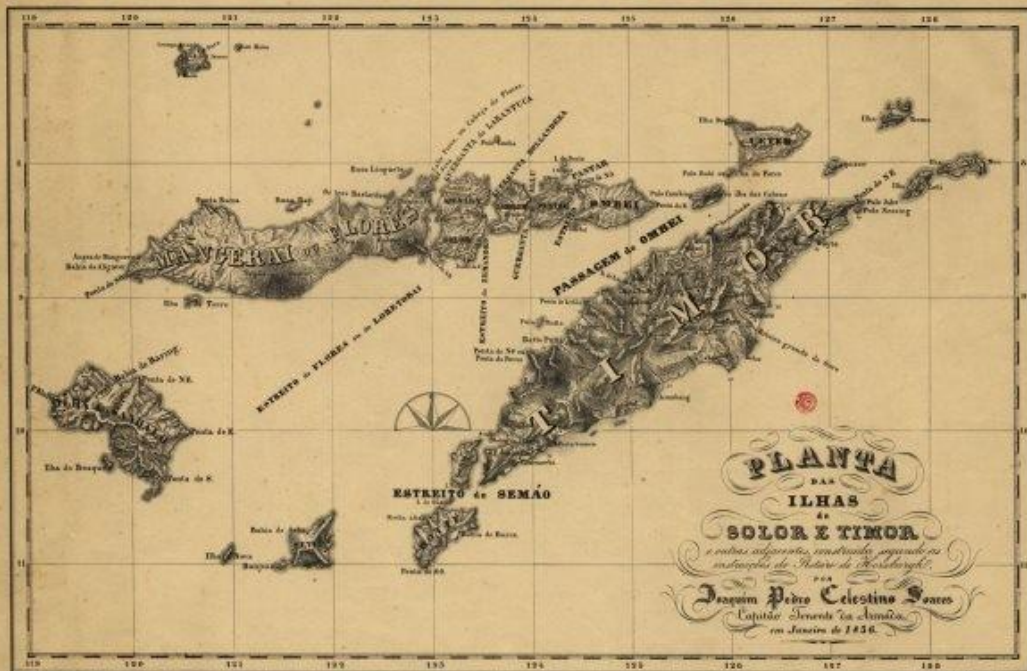


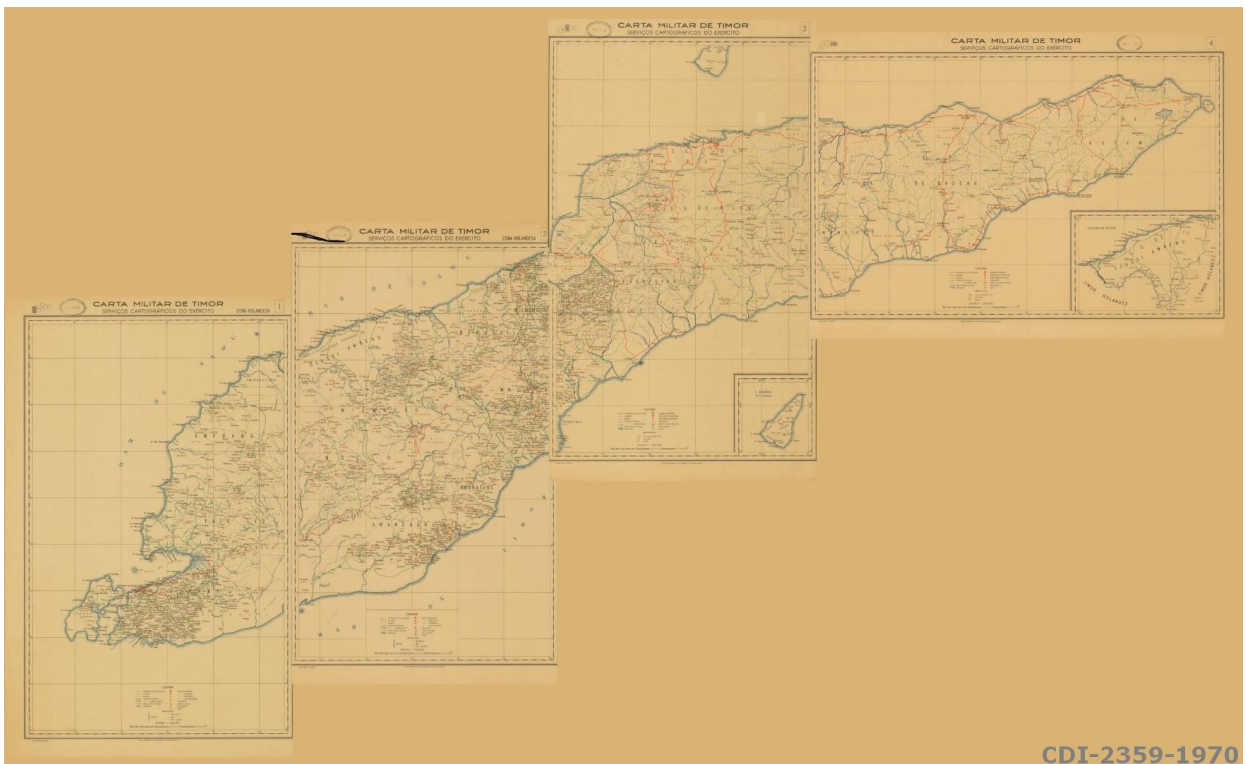
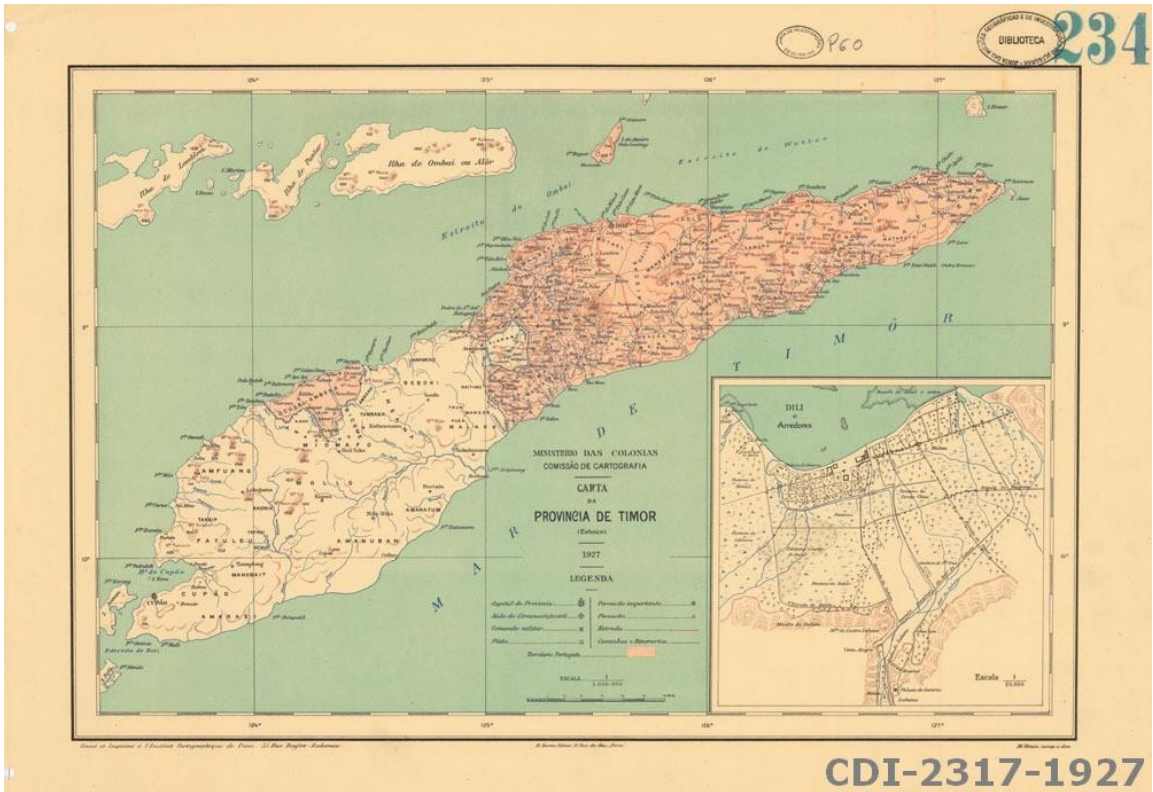
TIMOR LESTE VOL. 3, AS GUERRAS TRIBAIS, A HIS- TÓRIA REPETE-SE (1894-2006)

J. CHRYS CHRYSTELLO

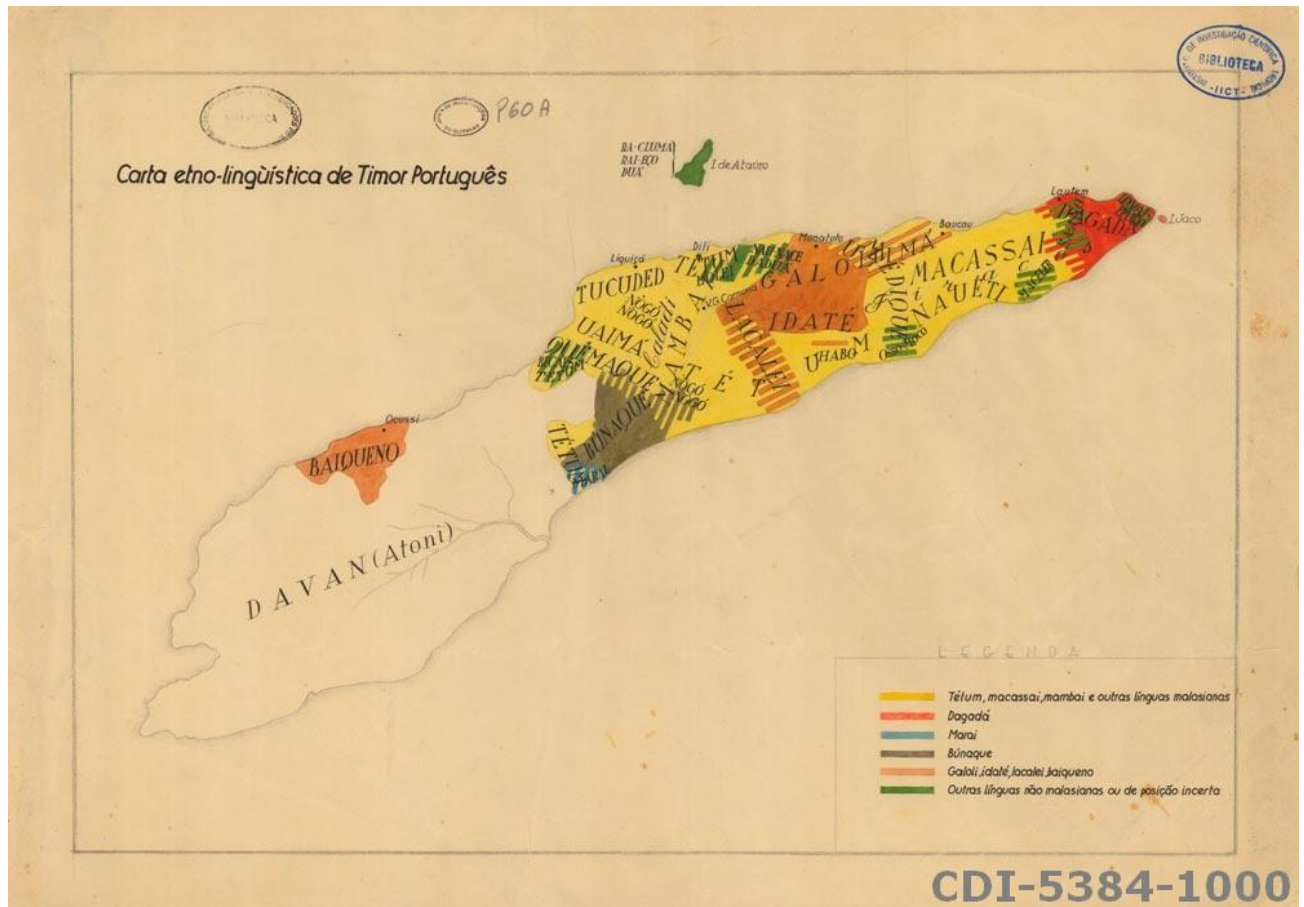


maps timor (12)

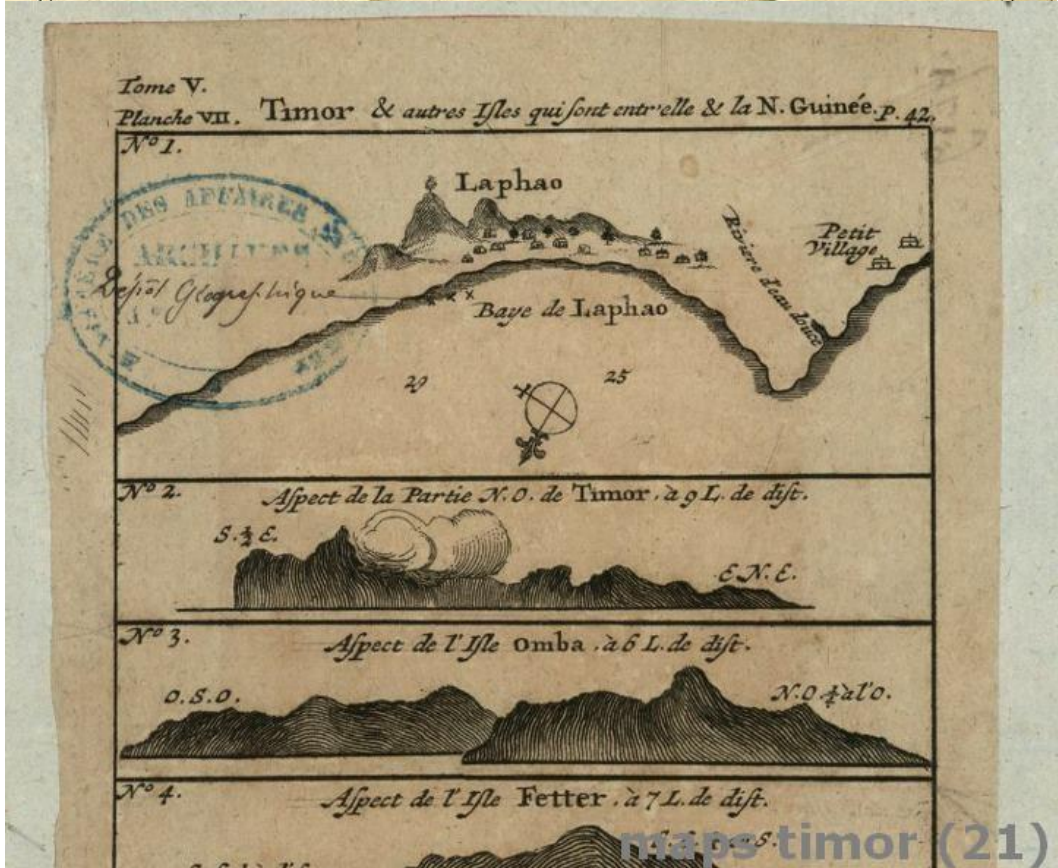
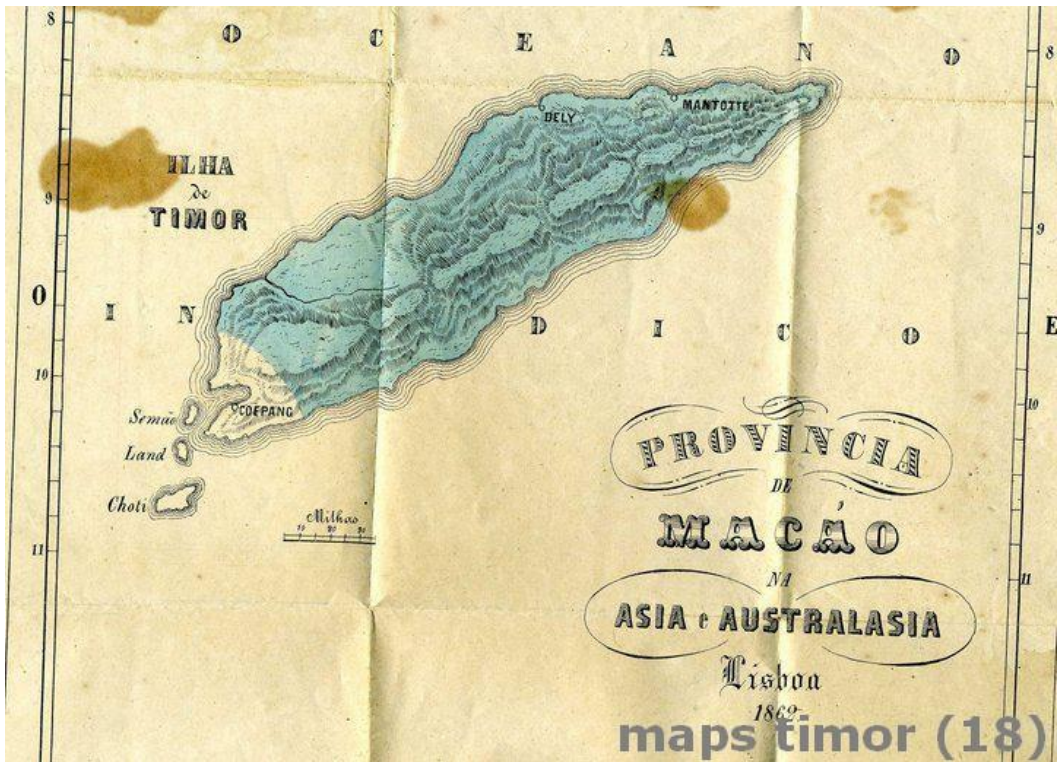
Timor volume 3



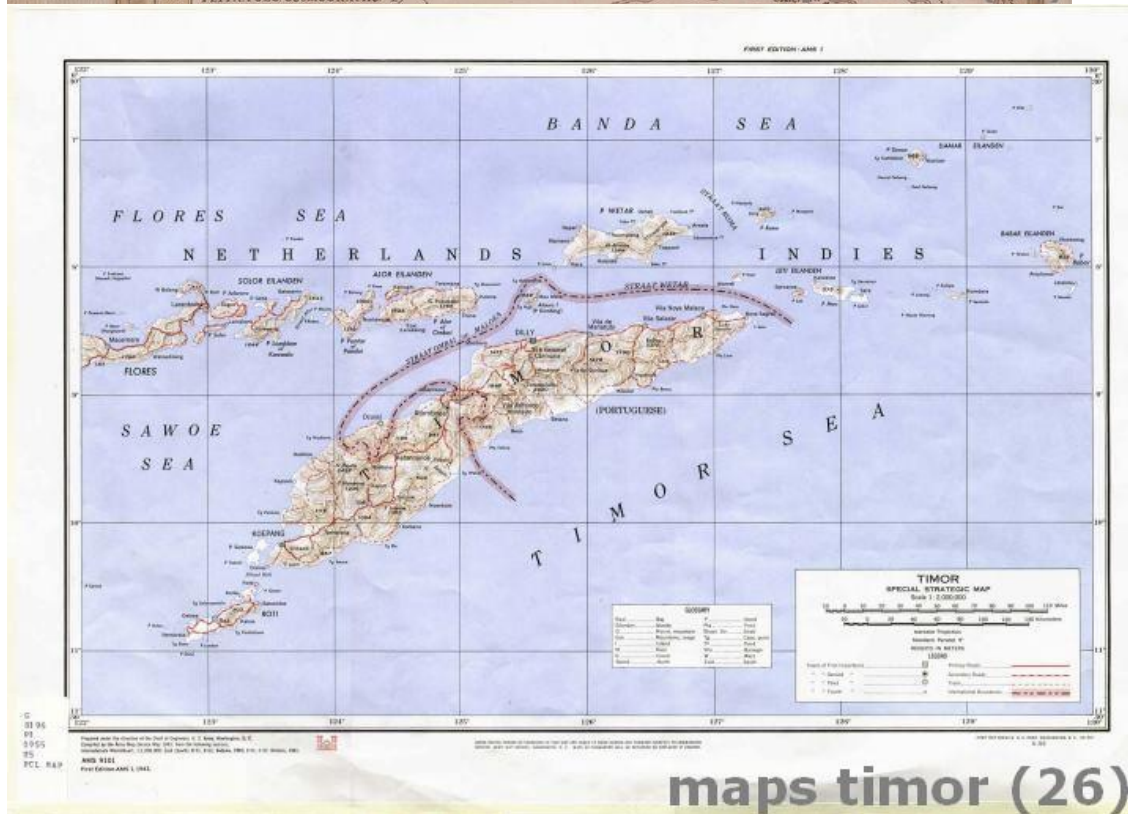
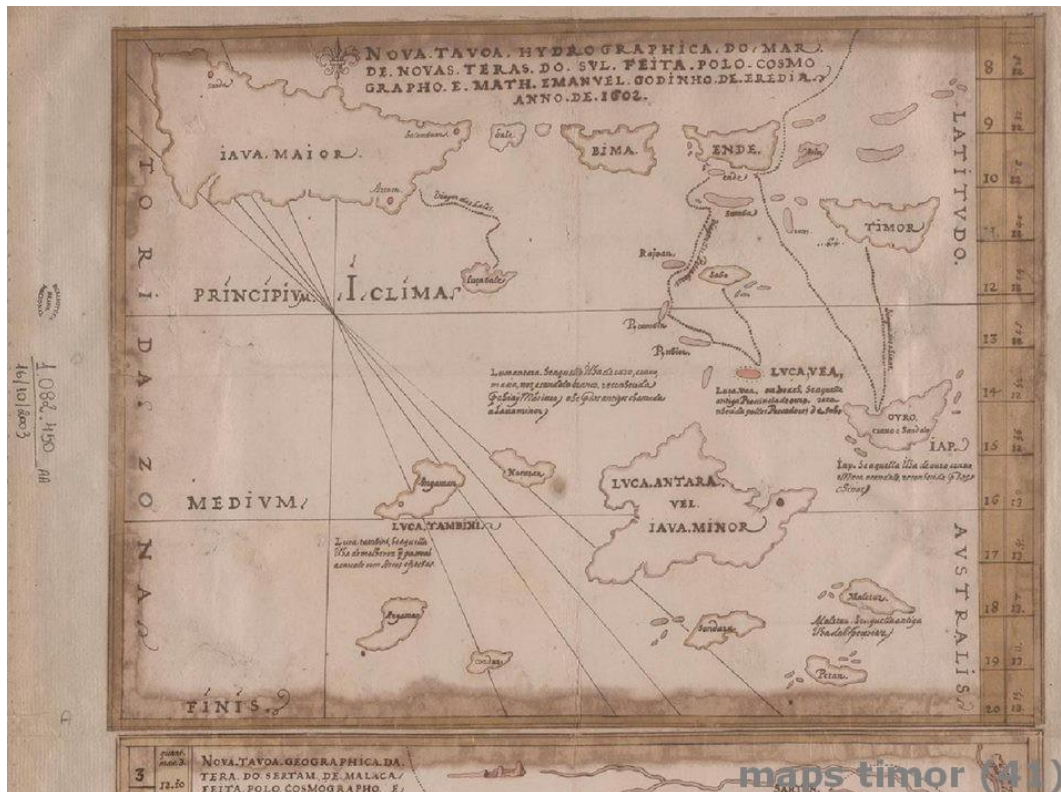
Timor volume 3



Timor volume 3



Timor volume 3



CAPÍTULO 1 - TIMOR PORTUGUÊS – DE TIMOR ANCESTRAL AOS DIAS DE HOJE



“A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma (os olhos), visto que já a tem; mas, como está mal orientado e não olha para onde deveria, esforça-se por encaminhá-lo na boa direção.”

Platão, “A República”, quando dialogava com seus discípulos sobre uma república ideal.

Timor volume 3



Amar é encontrar na felicidade de outrem a própria felicidade.
Gottfried Leibniz



Naturam expelles furca, tamen usque recurret / mesmo que expulses a natureza com o esteio, ela voltará sempre
Horácio, Epístolas, I, 10, 24:

1.

PORQUE É

QUE HÁ GUERRAS TRIBAIS EM TIMOR – I (23-31 maio 2006)

Antes de mais creio que a única coisa de que não posso ser acusado é de ser politicamente correto: nunca o fui durante o Estado Novo e muito menos agora em que a censura é mais sofisticada e invisível, escreveu JC em 25 maio 2006 no blogue do Elos Club de Uberaba http://www.uaisites.adm.br/iclas/forum_ver.php?CdNotici=13)

O Diploma legislativo 107 de 19 dezembro 1928 do Governador Teófilo Duarte dizia

"Considerando que a função colonizadora dos diversos povos...se exerce principalmente pela intervenção dos elementos Europeus... Considerando que a fixação de tais elementos no seio das populações atrasadas é o melhor incentivo para o seu progresso e integração no Movimento civilizador..."

Por aqui se vê o politicamente correto da posição colonial portuguesa em Timor. Geoffrey Gunn fala especificamente e dá-lhe o título ao seu capítulo 10 (Timor Lorosae 500 Anos ed. Fundação Oriente pp. 211) "O Colonialismo Capitalista em Timor Português 1894 - 1941".

Foi Celestino da Silva que em 1897 criou a SAPT (Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho) descrita por Clarence-Smith como um estado dentro do Estado. Não podemos deixar de examinar os métodos de Celestino da Silva...acusado de

"...fomentar guerras para se apoderar de terras e mesmo de prisioneiros, para os fazer trabalhar virtualmente como escravos...mas algum trabalho livre, especialmente nas plantações chinesas à volta de Liquiçá, coexistia com uma "quase escravatura"...e o uso de trabalho forçado...mas a primeira grande tentativa para um regime fundiário colonial encontra-se num decreto especial de 5 de dezembro de 1910. Ao abrigo deste Diploma competia ao Governador toda a responsabilidade na concessão das terras em regime de aforamento e na transferência de propriedades com áreas até 2500 hectares..."

Timor volume 3

O esquema Freycinet de 1818 é esclarecedor sobre os "reinos da Ilha de Timor": 23 sob soberania portuguesa, tributários 24 e aliados 18, isto ao longo de um período de 200 anos. A partir de 1811 Goa foi ordenando ao Leal Senado de Macau que adiantasse fundos para cobrir as despesas da administração colonial em Timor...num subsídio anual de 6000 patacas. Só lendo a História se sabe que Timor foi sempre uma Colónia Portuguesa, mais por omissão do que por ação, citando o próprio JC em "Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975", logo na introdução... Ora reza a história que quando os portugueses chegaram a Timor encontraram uns que ficaram calados quando os viram: eram os Timorenses ocidentais ou kaladi enquanto os da Ponta Leste lhes viraram o cu, daí serem os Firaku. Posteriormente esta noção passou a distinguir os do leste Lorosae e os do oeste Loromonu. Mais recentemente surgiram designações como "maubere", termo de que Ramos Horta tanto gostava e que viria a ser abolido em 1998. Para entender melhor o que se passou no século XX debruçemo-nos atentamente no livro da Coleção Fórum "Ocupação e Colonização Branca de Timor" da autoria de Teófilo Duarte, datado de 1944.

1894...Ano em que assumiu o seu Governo.... Celestino da Silva...

A nossa ação de presença efetuava-se em Dily, por intermédio do funcionalismo e duma companhia de guerra com um efetivo de setenta praças, que durante quase todo o ano permaneciam no hospital ou nos presídios para onde os arrastavam os seus vícios e o seu caráter de incorrigíveis vindos de Macau. Em todo o litoral norte, havia os comandos de Pante Makassar em Okussi e os de Batugadé, Maubara, Liquiçá, Aipelo, Manatuto, Baucau, Lautém; e no sul apenas os de Viqueque, Alas e Fatumeia. Estes comandos reduziam-se a uma paliçada, quase sempre de palapa, sem consistência nem condições defensivas de valor...

A sua ação limitava-se à área contígua ao forte, e quando os ventos corriam desfavoráveis, desaparecia com a fuga no vapor, de todo esse pessoal escapo às represálias dos reinos e que vinha refugiar-se em Dily, à espera que as habituais operações de reocupação lhe permitissem voltar aos seus postos. O interior encontrava-se assim sem um Comando...

Certamente que a eleição dos Régulos era sancionada pelo Governo; também é facto que eles vinham prestar vassalagem a Dily, formalidade que pouco lhes custava cumprir, e que os interessava pelo espetaculoso de que era revestido tal ato; ainda é certo que expedições compostas de "moradores" e de reinos inimigos batiam umas vezes por outras, os povos mais insubmissos, mas os resultados práticos eram nulos, pois que vencedoras as colunas, logo que elas retiravam, os povos continuavam as suas vidas com umas centenas de búfalos e cavalos a menos, com a perda de luas de ouro, de panos, etc. e com uns milhares de habitantes mortos ou foragidos, e vivendo os restantes no mesmo estado de selvajaria e insubmissão que dantes. ...

As diversas tribos agremiadas em reinos mais ou menos importantes passavam os anos em guerras intestinas cujo fundamento era o desejo de roubar aos seus vizinhos os seus gados, os produtos agrícolas, as mulheres e as terras. Não havia progresso compatível com tal desordem que era extensiva às centenas de milhar de Timores, e ora se viam lutas formidáveis entre vinte e trinta mil homens de cada partido, ora elas se resumiam a pequenos, mas numerosíssimos combates de centenas de guerreiros.

Esta introdução permite esclarecer - recuando cem anos no tempo - porque existem em 2006 confrontos que se chamam de étnicos, que alegadamente assentam na discriminação das tropas entre Lorosae e Loromonu.

São centenas de anos de guerras tribais (das quais se fala adiante) que nunca foram resolvidas de forma satisfatória muito por culpa da colonização branca dos portugueses, caracterizada sempre pela omissão em todos os quatro cantos do Império. Durante todo o século XX houve centenas de revoltas e guerras tribais, sendo as mais célebres as de Manu-Fahi e a de Uato-Lari, embora se tivessem diluído após a II Grande Guerra. Com isto pretende-se deixar bem claro que a pretensa unidade Timorense contra o invasor indonésio colocou de parte estes conflitos tribais nunca resolvidos. Quando o inimigo era só um e se chamava Indonésia as guerras tribais ficaram esquecidas. Depois de conquistada a independência e dados os primeiros passos rumo à democracia, que não tem fundamentos históricos ou tribais onde assentar, é chegada a altura de se acertarem as contas.

Se não houver uma intervenção firme que permita sentar à mesma mesa, todos os intervenientes tribais do território, a situação ficará decerto fora de controlo, para gáudio da Indonésia e da Austrália que melhor partido podem tirar da sua exploração das riquezas de Timor. Ainda será possível evitar mais confrontos, mas terá de se criar, por exemplo, um Conselho de Sábios como propunha Castro Seixas em "Pública" (jornal Público de 21 de maio de 2006) e "criar mais do que uma rai-klaran (Terra do Meio ou Mundo) e torná-las património nacional. Regiões onde as pessoas afluem duas ou três vezes por ano. Sem esses rituais de nacionalidade será mais difícil construir adequadamente a nação". É apenas preciso que a elite dominante, burguesa e educada em português, entenda esta realidade raramente estudada e tenha a coragem de não se vingar mas antes crie uma atmosfera de conciliação que dê razão a uma nação para todos os Timorenses e não apenas para as tribos que agora estão na mó de cima (JC, maio 2006).

Timor volume 3

.... As diversas tribos agremiadas em reinos mais ou menos importantes passavam os anos em guerras intestinas cujo fundamento era o desejo de roubar aos seus vizinhos os seus gados, os produtos agrícolas, as mulheres e as terras.

Não havia progresso compatível com tal desordem que era extensiva às centenas de milhar de Timores, e ora se viam lutas formidáveis entre vinte e trinta mil homens de cada partido, ora elas se resumiam a pequenos, mas numerosíssimos combates de centenas de guerreiros.

Para o comerciante, tal estado de coisas era lucrativo, pois que o consumo de pólvora e de armas permitia-lhe auferir largos proventos; para o Timor, tal ocupação era agradável, visto que dotado de índole guerreira preferia os frutos das razias, àqueles que pudesse arrancar à terra, mas mantinha-o selvagem; para Portugal esta situação embora vergonhosa, era inevitável, visto que uma ocupação imediata e sólida só se conseguiria à custa de pesados sacrifícios com expedições, e com a permanência de quadros e efetivos que pudessem colher os frutos, sempre tardios de tais processos.

Por isso os nossos governadores consideravam-se muito felizes, quando as ditas guerras entre os reis Timores não se apresentavam com o caráter de francamente rebeldes contra a nossa soberania, e quando os Régulos se prontificavam a aceitar a fórmula, embora platónica do preito de vassalagem.

Muitas vezes, um ou outro pedia o nosso auxílio, o qual quase sempre se procurava negar, ou a nossa intervenção como medianeiros, e numerosos eram os casos em que Portugal aparecia como árbitro entre as partes, que ou se conformavam com a solução proposta, ou preferiam recorrer às armas, e neste caso, o nosso papel limitava-se ao de espetador impotente para se impor aos milhares de contendores.

Bem cedo, Celestino da Silva reconheceu que antes de ensaiar e levar a efeito, tentativas de desenvolvimento económico, se impunha o terminar de contendas, quer de povos para povos, quer de rebeldias contra a soberania, e por isso começou uma obra de ocupação, morosa, porque os recursos lho impunham, mas contínua e segura. Não se sentiu com forças para entrar logo numa campanha franca e aberta contra todos aqueles que não acatavam a sua autoridade; e assim é que tendo desembarcado em maio, manda em sete de julho, o alferes Duarte com cem moradores, a fim de procurar conciliar os reinos do Piço e de Liquiçá, que se encontravam em guerra. A diplomacia do Oficial, os presentes aos Régulos intermediários, e ainda a força de cem espingardas, fizeram com que terminasse a luta sangrenta, e é de notar o trabalho do referido Comandante, que antes de recolher a Díli, entendeu que devia completar a sua missão de mediano, com a solicitação, de resto atendida pelos povos, para uma limpeza geral às plantações de café, contíguas ao seu acampamento, e que eram propriedade dos referidos indígenas.

Este episódio é o despontar de uma nova política em Timor, que mais tarde haverá de ser generalizada com um grande sucesso, não só ali, como em outras colónias...o Oficial deixava de ser o severo Comandante de tropas e colunas, tudo raziando, devastando, e fazendo consistir a sua glória no número de vítimas caídas, para se transformar no colonizador, que após os rudes combates a que obrigava a índole insubmissa dos povos que lhe mandavam bater, procurava encaminhá-los no sentido da riqueza e civilização. Ampliações de plantações, aberturas de estradas, limpezas de caminhos, etc., tudo, trabalhos que faziam do Comandante Militar ou de Posto, o guia de todos os que na véspera tratara com a severidade de um dominador.

As instruções dadas por Celestino a tal respeito eram as seguintes:

“É indispensável que os comandantes militares subalternos se instrua sobre a língua dos indígenas, seus usos e costumes; que conheçam dentro da área da sua jurisdição, todos os caminhos ainda os mais recônditos, todas as povoações, todos os habitantes, os chefes indígenas e suas famílias; que lhes não passe despercebida a saída para fora, ou a entrada de qualquer; que tenham perfeito conhecimento de todos os casamentos, óbitos e nascimentos; que façam um arrolamento exato da população; que não deixem derrubar florestas cuja destruição possa exercer influência nas condições climáticas; que não deixem despir de arvoredos, as nascentes de água; que conservem sempre em bom estado de limpeza as suas plantações de café, e se fazem cultivos suficientes para a sua alimentação; se há transgressão dos regulamentos de Polícia rural dos mercados; se o contrabando se exerce; se são respeitados os regulamentos que regem a venda do sal; e enfim se há quaisquer causas que possam vir a alterar o sossego público.

É isto que os Senhores comandantes militares têm o dever de exigir dos seus subalternos, além do mais que especialmente lhes determinem, por isso que das faltas, dos desleixos, da incúria deles, são os primeiros responsáveis.”

Veja-se a sequência dos seus trabalhos de ocupação militar e administrativa; à medida que se ia sentindo com força suficiente para os pôr em prática. Em agosto, Celestino cria o Comando do Remexio, a pouca distância de Díli, de onde podia ser socorrido com facilidade. Significava este facto, dada a situação da localidade no interior, a intenção firme de realizar a penetração; e tal Comando é uma lança apontada contra Aileu e Manu-Fahi.

Timor volume 3

Em outubro vale-se do pedido de auxílio feito pelos povos de Ermera, Atsabe e Bobonaro contra os Lamaquitos que os atacavam, para lançar uma expedição contra estes rebeldes, a qual comandada por um major que levava dois oficiais, doze Europeus e duzentos e sessenta moradores de Díli, os bate após vinte dias de lutas; aproveita-se então desta vitória, e em dezembro estabelece o Comando de Aileu, a meio da ilha, guarda avançada da do Remexio, criado cinco meses antes.

Manu-Fahi sente-se cada vez mais ameaçado, mas o prudente e astuto Governador não julga ainda azado o momento de dar o golpe de massa que aquele reino, o mais poderoso de Timor e cronicamente rebelde, precisava. Mete-se a época das chuvas que dificultam as operações militares, mas o balanço guerreiro daqueles seis meses de Governo da Colónia é bem lisonjeiro, pois traduz-se em uma campanha vitoriosa, e na criação de dois comandos militares no interior.

No ano seguinte (março de 1895), uma nova coluna de um capitão, quatro oficiais, dezassete praças de primeira linha e duas companhias de moradores, é lançada contra os reinos de Oeste, os mesmos batidos no ano anterior. Os seus bons resultados ao cabo de vinte e quatro dias, permite em junho, a criação dos comandos de Cailaco e Ermera, e em agosto, a do Comando-geral da contracosta, que é uma nova cunha que se vem juntar à de Aileu cravada em pleno coração de Timor. É neste mesmo ano, que se lança contra Manu-Fahi, uma poderosa expedição comandada em pessoa por Celestino e composta de três alas: a de Oeste chefiada pelo capitão Câmara, tendo como base de abastecimento e operações o Comando de Fatumeia; a de Leste apoiando-se em Alas; e a do centro dependente diretamente do Governador, com base em Aileu.

Como traço de união entre o centro e a ala direita muito destacada, há os arraiais do alferes Duarte que se apoiam na Ermera e Cailaco. São ao todo doze mil homens, dentre os quais apenas marcam umas dúzias de soldados Europeus, e uns centos de moradores, sendo o resto arraiais armados e combatendo à maneira indígena. O plano de operações é de grande envergadura, e dele devia resultar a asfixia dos rebeldes, estrangulados pelo abraço mortal das três colunas. Infelizmente o Comandante da ala direita, dado o seu papel de relevo na Colónia, aonde era Secretário do Governo, julgando-se por isso autorizado a proceder com certa independência, em lugar de se limitar ao papel de efetuar a demonstração de força que lhe fora recomendada, de modo a conter os reinos de Oeste em respeito, para que estes não pudessem prestar auxílio a Manu-Fahi, e seguir então a colaborar nas operações contra este povo, avança para o Sul, em vez de o fazer para Leste, prende, vexe, espanca Régulos, e bombardeia a povoação de Forem, num estado de irritação e orgulho enormes, pela resistência passiva oposta ao fornecimento de carregadores.

É certo que o estado de espírito daqueles povos não permitia depositar neles grandes esperanças para exigir uma possível colaboração, mas segundo as conclusões formuladas no inquérito ao desastre, isso devia ser mais uma razão para não se usarem meios violentos e para procurar que ao menos se não manifestassem ostensivamente. A não-observância de tal atitude teve como resultado um ataque formidável por parte de todos aqueles povos, uma luta desesperada que durou um dia e uma noite, e uma retirada de Forem sobre Fatumeia quando começaram escasseando as munições. Ao chegarem, porém, aqui, encontraram o forte incendiado e a guarnição trucidada; o desânimo apoderou-se de todos, e fazendo fogo aqueles a quem restavam cartuchos e fugindo os restantes num salve-se quem puder indescritível, são na sua quase totalidade, vítimas de uma chacina implacável.

As cabeças cortadas de quatro oficiais, de alguns sargentos, e de várias praças europeias e indígenas, são troféus que fazem delirar os rebeldes; as peças de artilharia, algumas centenas de espingardas e de munições servir-lhes-ão para a campanha do próximo ano contra as nossas forças, e o forte de Batugadé abandonado pela guarnição espantada do morticínio é pasto das chamas.

A repercussão em Díli de tal desastre é enorme, e exige o regresso imediato do Governador, então em operações na baliza de Manu-Fahi; os Europeus julgam voltados os velhos tempos em que a capital era ameaçada de perto pelas hordas selvagens e anteveem as cabeças de todos constituindo já ornamento das cubatas dos vencedores. A serenidade volta, embora a muito custo. Da parte do Governo há que por de parte o plano esboçado para um envolvimento de Manu-Fahi, e as operações limitam-se a ataques feitos pelas duas colunas subsistentes, a do centro e a da esquerda, que queimam povoações, cortam cabeças, e fazem as presas habituais, sem que, entretanto, os resultados fossem os que se almejavam, quando se concebera e planeara a campanha.

Timor volume 3

Em outubro criou-se, porém, o Posto de Comoro, e assim Díli fica cingida por três comandos: o do Remexio, o de Aileu, e o de Comoro, que a põem a coberto de qualquer surpresa e eventualidade. Os primeiros meses de 1896 passam-se na preparação da campanha de desforra do desastre de Cova e Fatumeia; entretanto em junho desse ano, estabelece-se o Posto de Buibau, a doze quilómetros de Liquiçá, e que representa nesta região, a flecha de penetração no interior; nesse mesmo mês se inicia a reconstrução de Batugadé base permanente de ataque aos reinos de Oeste, sob a proteção duma forte coluna de desembarque e de outras duas manobrando a leste de Lois, cuja missão era não deixar efetuar a concentração de toda a região rebelde contra Batugadé, o que se conseguiu. Uma delas, a do Comando do alferes Duarte empenhou-se a fundo contra Cotubaba, Sanir e Cova, e em trinta dias faz uma colheita abundantíssima de cabeças.

Em agosto, a coberto destes sucessos, cria-se o Comando de Balibó, a quinze quilómetros para o interior de Batugadé; em setembro ataca-se Deribate, o qual é batido pelos quatro mil e setecentos auxiliares do alferes Duarte, e em outubro Fatumeia. Estas vitórias para a obtenção das quais muito contribuiu uma companhia de duzentos e cinquenta africanos, chegada nos meados desse ano, constituíram uma expiação tremenda para aqueles povos, pois a preocupação de dar um exemplo severíssimo levava a não conceder quartel e a não poupar sexo nem idade. Regiões houve como Cova que ficaram, despovoadas, pois os habitantes que escaparam dos furores da carnificina fugiam para o [Timor] holandês, e temerosos das represálias impostas não só pelas colunas como pelos postos, não se aventuravam a voltar às suas terras. Em janeiro de 1897, cria-se o Comando de Bobonaro, o qual com Batugadé e Balibó consolida cada vez mais o nosso domínio entre aqueles povos.

Em maio desse ano monta-se o Posto de Laivai e em julho, o de Laleia. Em setembro, numa expedição de sete dias bate-se Lolotoi e Camenasse, a sul de Bobonaro, e como consequência cria-se o Comando do Sudoeste, abrangendo Bobonaro, Lolotoi, Suai e Raimea. O ano de 1898 é consagrado a recolher os frutos das vitórias alcançadas em 1896 e 1897, e a beneficiar do labor guerreiro que tinha caracterizado estes dois anos, e assim em março cria-se o Posto de Ossú, em julho, o de Laclubar; em outubro o de Cotubaba, e em abril seguinte, o de Guguleuro.

Em julho 1899 dominam-se as veleidades de revolta da gente de Cailaco e de Atsabe, numa campanha de noventa dias na qual perdeu a vida o bravíssimo alferes Duarte, que em Timor deixou um nome aureolado de glória. O seu prestígio entre o indígena era de tal natureza que a lenda da sua invulnerabilidade às balas vulgares passou a ter foros de coisa assente, e a superstição Timor fez correr que só uma bala de ouro podia matar o terror das suas falanges. Algumas se fabricaram com tal fim, mas o destino, caprichoso como uma mulher, fez cair morto o bravo “Arbirú” num parapeito que acabara de saltar com a sua temeridade habitual.

Foi uma perda importante para a Colónia, porque oficiais como esse denodado batalhador não apareciam com frequência, pois realizava o protótipo perfeito do Chefe de guerra de tropas irregulares. Este simples subalterno saído dos quadros inferiores do exército, tinha a centelha guerreira e comandava cinco e seis mil guerreiros com um “*sans façon*” e uma naturalidade estupendos. Adaptara-se de tal maneira ao seu papel de Chefe de horda, que para animar as suas tropas em combate, não raras vezes marchava à sua frente, bailando e entoando os hinos de guerra Timores, desprezando as balas que prostravam os seus companheiros e que o pouparam a ele durante tantos anos. Morreu, porém, a morte dos heróis, em plena batalha e com a consciência do dever cumprido. Honra à sua memória!

Como consequência destas vitórias, cria-se o Comando da Hatolia e o Posto de Leimea, e em agosto, o de Barique. Assim em cinco anos, instalam-se várias linhas de postos de ocupação permanente, em direções perpendiculares às costas Norte e Sul, e dominando as regiões entre Batugadé e Bobonaro, Liquiçá e Hatolia, Díli e Maubisse, Manatuto e contracosta, Baucau e Ossú, o que juntamente com Viqueque e Alas significava o estabelecimento em toda a ilha de postos militares agrupados em comandos.

De quarenta em quarenta quilómetros, estava-se seguro de encontrar um posto de Oficial, sargento ou régulo fiel, com a sua guarnição, pequena é verdade, mas a que emprestava uma enorme força, moral e material, a proximidade de outros postos, e o apoio das repetidas colunas expedicionárias. O Timor sentia-se apertado numa rede cada vez mais densa de comandos e postos, não desfrutando já daquela liberdade guerreira, a que estava habituado. Então manifesta-se aqui, ali, por toda a parte, o estremecer dos reinos, dos sucus, das povoações, flanqueados e embaraçados numa malha flexível cedendo um momento, para recuperar a sua primitiva posição. É um explodir não já de revoltas importantes, mas sim de distúrbios sucessivos de pequena intensidade, visto que a ação política dos comandantes, orientada no sentido de aproveitar as rixas e inimizades ancestrais impedia as grandes combinações.

Timor volume 3

Em outubro de 1900, como exceção há ainda a revolta de Manu-Fahi, dominada porém a breve trecho. A título de esclarecimento, para se poder fazer ideia dos recursos militares com que dominavam tais rebeliões e da intensidade que revestiam os combates: Oficiais superiores 15, oficiais inferiores 18, oficiais de 1ª linha 45, 2 voluntários, 24 Régulos, 54 cabos, soldados e corneteiros, 25 oficiais superiores comandantes das forças irregulares, 1096 forças da 2ª linha, 12 333 forças irregulares, 649 auxiliares carregadores, 30 maqueiros...

Em dezembro de 1901 há a rebeldia de Nunomerque, em julho 1902 bate-se o Suro, em agosto Lautém e Lolotoi, em janeiro 1903 Letefoho e finalmente em julho, Aileu.

Em março 1904 Calicai (*Kalikai*) sofre o ímpeto de duzentos moradores e dois mil auxiliares armados de espingardas de pederneira, e deixa em poder dos vencedores trezentas cabeças e duzentos búfalos, tendo-se consumido oitenta e duas granadas e cinco mil e oitocentos cartuchos, além de dezoito barricas de pólvora. Em outubro de 1904 cria-se o Posto de Iliomar ao sul de Lautém, que por ser o Comando mais remoto, não prendera tanto a atenção dos governos. Em março desse ano há o sobressalto de Funar, em julho de 1905 o de Aituto e em janeiro de 1906 estende-se cada vez mais a ocupação para o sul de Lolotoi, atingindo-se Memo.

Em maio de 1907 o eterno irrequieto e o adversário de mais peso, aquele contra o qual as armas nunca tinham alcançado uma vitória de tal maneira decisiva que lhe tirasse, de todo, as veleidades de instigador de rebeliões, lança fora a máscara com que fora iludindo as desconfianças, e lança-se na guerra, o que obriga à mobilização de todos os recursos, mas que teve por consequência, o ministrar-se-lhe uma lição tão severa que o levou a ficar sossegado durante alguns anos.

Do exposto se vê que desde meados de 1894 a 1900, a ocupação se estendeu a quase todo o interior, e que as últimas revoltas anuais quase sempre insignificantes, e dominadas pelos recursos locais de cada Comando, eram estremeções epiléticos de um povo sufocando nas malhas apertadíssimas de uma organização administrativa que lhe paralisava os movimentos desordenados e atrabiliários.

Tal resultado conseguiu-se sem o auxílio de expedições do exterior, pois tirante a companhia desembarcada após o desastre de 1895, sempre as campanhas se fizeram com moradores de Dili e Manatuto armados de espingardas Remington e principalmente com arraiais usando azagaia e catana, pois as quinhentas espingardas não chegavam para os milhares de Timores que combatiam a nosso lado hoje, para serem batidos amanhã pelos seus adversários de véspera, agora nossos aliados.

Lutar nestas condições era para nós uma empresa perigosíssima, por termos não só de nos precaver contra traições, como também por não possuirmos a superioridade esmagadora que na maioria das lutas travadas pelos povos civilizados nas colônias, lhes é assegurada por uma maior eficiência de armamento. Os nossos moradores usando a Remington, certamente combatiam em melhores condições que o inimigo, mas não só o seu número era pequeno, como também a ausência de disciplina e espírito militar que os caracterizava, não faziam deles uma tropa segura.

As dificuldades eram tremendas pois para nós que sempre tínhamos o papel de atacantes, e é inconcebível como indígenas de civilização rudimentar, armados na sua quase totalidade de azagaias e catanas, tinham, entretanto, atingido uma perfeição espantosa na maneira de prepararem os seus entrincheiramentos.

Não havia combate que não se traduzisse da nossa parte em demorados bombardeamentos de posições inimigas, no ataque e conquista feitos palmo a palmo das linhas sucessivas de trincheiras, na destruição de abatizes, de covas de lobo, de traveses e de parapeitos feitos de terra, de plantas espinhosas, de bambuais enfim. E isto num terreno acidentadíssimo de que em Portugal não há similar, no meio dum arvoredo traiçoeiro que permitia os fuzilamentos à queima-roupa e contra um povo que nos acessos de desespero lutava por vezes com uma bravura tão heroica que ela poderá sofrer com a de qualquer outro.

Melhor que qualquer descrição é a transcrição do diário de campanha do Chefe de Estado-Maior da coluna de operações contra Manu-Fahi, de 1900, o qual abrange o período que decorre de 17 de outubro a 25 de novembro:

A marcha para Aileu efetuou-se pela seguinte forma, no dia determinado: Na frente, com intervalo de uma hora, o comboio devidamente escoltado por forças de Viqueque, Vemasse, Laleia e Laga; Guarda avançada, o arraial de Viqueque; Corpo principal, moradores de Batugadé, de Baucau e o arraial de Vemasse; Guarda da retaguarda, os arraiais de Laleia e Laga; Na testa do corpo principal seguia S. Ex.^ª o Conselheiro Governador e o seu Estado-Maior, o serviço de saúde, capelão e outros oficiais que iam assumir o Comando das suas respectivas unidades; Escolta do Quartel-general, moradores de Manatuto.

A marcha para Aileu, em terreno amigo fez-se em condições regulares, podendo reputar-se boas, se se atender às deficiências e péssimas circunstâncias dos caminhos mal traçados e construídos, quando não se limitavam aos trilhos dos indígenas, com

Timor volume 3

- declives exageradíssimos, muito estreitos, maus pisos, argilosos geralmente, o que os tornava escorregadios à menor humidade que recebiam, de cotovelos apertadíssimos, trepando e descendo elevadíssimas montanhas.*
- Estas condições, porém, eram de sobra conhecidas, e absolutamente impossíveis de remediar na estreiteza do tempo, em queurgia realizar as operações de guerra, por se aproximar com brevidade a época das chuvas, época doentia em que as marchas são impossíveis, pelas numerosas ribeiras e linhas de água que é forçoso atravessar e que são impraticáveis nesta época.*
- Durante a marcha e à ordem de S. Ex.^a o Governador, fez-se o primeiro alto em Comoro às 7,15 horas, a.m. e o primeiro grande alto em Vessaca, onde se preparou a refeição da manhã, às 10,15 a.m. em uma portela da montanha de Mano-Udo, que dá passagem para a sua vertente Sul, tendo antes havido um pequeno alto a meio da vertente que olha para o Norte.*
- No primeiro grande alto, em Vessaca (Ve-Saca), cuja altitude é de 1:082 metros, reconheceu-se mais uma vez, para os que não se estreavam nesta campanha, o grande inconveniente dos maus e estreitos caminhos, e do transporte de carga por indígenas, dando um extraordinário alongamento à coluna de marcha, impossibilitando num dado momento e em determinado ponto a concentração de todas as forças, e retardando de bastantes horas as marchas, obrigando a andamento muito moroso, tornando-as por isso muito fatigantes e incômodas, para o que também em grande parte contribui a falta de disciplina que os seus chefes naturais não sabem manter, salvo raras exceções, consentindo nas constantes paragens e descansos que logo aproveitam para comer ou mascar e que à sua vontade fazem durante as marchas, se não são vistos dos oficiais e oficiais inferiores de primeira linha.*
- Estes factos, porém, que noto no meu diário por cumprimento rigoroso do meu dever, nem me surpreenderam nem causaram estranheza, por os conhecer de experiência, por serem irregulares as forças às quais me estou referindo, e por não haver meio que completamente remedeie os inconvenientes apontados, embora a generalização do uso já estabelecido do transporte de cargas a dorso de cavalos, com arreios apropriados, melhore muito as condições das marchas em tempo de guerra.*
- Saída de Vessaca às 12H:15 do dia, chegada ao Comando militar de Aileu às 12,30, p.m. sendo o caminho depois da descida da montanha de Mano-Udo, feita pelo leito da Ribeira a que uns dão o nome de Lacló e outros de Aileu, esta afluente da de Lacló e que passa a duzentos metros do reduto do Comando militar. Estabeleceu-se o “acampamento” entre duas povoações abandonadas, ambas denominadas Uro-Buli, altitude 1:250 metros, e entre as ribeiras de Era-Meta; à retaguarda e Maubisse à frente.*
- O sistema seguido no serviço de vigilância e segurança de noite nos acampamentos, durante toda a campanha foi sensivelmente aconselhado por Peroz no seu livro “La Tatiq au Landan”, adotado já em muitas expedições em África, como em 1894 na Guiné, na campanha contra os papuas e grumetes da Ilha de Bissau, contra o poderoso Chefe Vátua, o Gungunhana, com resultados muito seguros.*
- A linha de desenvolvimento do acampamento, moldando-se à crista militar do terreno, e apropriando-lhe todas as ondulações e vantagens militares, era contínua e de traçado irregular e por vezes caprichoso, devido ao acidentado do terreno e à natureza das forças irregulares de que se compunha a coluna de ataque, sendo impossível por falta de instrução militar, ainda que o terreno o permitisse, impor-lhes formações regulares de batalha, em ordem unida além da linha geral e exterior de defesa ocupada pelos diferentes arraiais conservarem estes a mui próxima distância as suas reservas, que em caso de ataque reforçariam a primeira linha, pondo-a ao abrigo de qualquer ímpeto atrevido do inimigo em massa.*
- Além destas disposições, mantiveram-se sempre, apesar do preconizado por Peroz, os postos de observação nos altos que dominavam os caminhos e passagens, que mais facilmente podiam dar acesso a quaisquer tentativas do inimigo, obtendo-se sempre os melhores resultados e maior segurança nos acampamentos, tendo sido sempre frustradas todas as tentativas feitas pelo inimigo de dia ou de noite, de ataque às nossas posições.*
- Dia 6. Por determinação de S. Ex.^a o Conselheiro Governador, foi o Chefe de Estado-Maior, o seu ajudante e pessoal respetivo, dirigir um “reconhecimento ofensivo” a Leolaco, empregando as forças do centro, da esquerda, ala direita e reserva, conforme as circunstâncias e necessidades da ocasião; começou o reconhecimento pelo ataque de artilharia à povoação da direita de Leolaco, simulando com forças de infantaria, ataques em diferentes pontos do monte em direção à povoação do régulo.*
- A princípio, o inimigo inteiramente a coberto pelas suas trincheiras e espesso arvoredado, conservou-se silencioso, sem denunciar os seus postos defensivos, mas apertado pelo avançar das forças de infantaria, calado o fogo da artilharia, em toda a linha das nossas posições de ataque, rompeu em grande aclala, respondendo em toda a sua linha defensiva que circundava o monte de Leolaco, aos fogos das nossas forças, reconhecendo-se então que além de alguns postos avançados bem fortificados, para guarda dos currais de búfalos, abastecimento de água e quaisquer outros fins, tinha o inimigo uma extensa trincheira de terra, revestida de bambu grosso, cingindo a crista militar do monte Leolaco., toda seteirada com três ordens de seteiras, sendo estas formadas na espessura das trincheiras, por tubos de bambu.*
- O inimigo embora bem distribuído com ordem e disciplina em toda a sua linha defensiva não me pareceu numeroso, calculando-o em oitocentos a mil homens. Reconheci mais que estava bem fornecido de pólvora, pelo uso frequente que fazia dos seus fogos, respondendo aos nossos, o que não é dos costumes desses povos quando lhes não abunda a pólvora, porque só empregam então os tiros quase a queima-roupa.*
- A povoação era dominante, muito arborizada, regularmente fortificada, separada por uma ribeira funda e estreita, - Tato-Besse – das nossas posições a norte, as quais ocupavam as cumeadas de um contraforte cujo nó, ocupado pela ala direita estabelecia a ligação de Leolaco com Riak; a E. e a N.E. descia em rampa suave o caminho descoberto até à ribeira de que já falamos, Tato-Besse, ficando-lhes sobranceiros os montes de Bandeira e Husso, célebre este último por ali ter sido ferido em 1895 o valente e malgrado alferes Duarte; pelo lado sul era inacessível, e as melhores informações diziam que não havia água em Leolaco, abastecendo-se o inimigo da pequena ribeira de Tato-Besse.*

Timor volume 3

Recolhidas estas informações que foram presentes a S. Ex.^a o Conselheiro Governador, determinou o mesmo Ex.^{mo} Senhor “ataque geral” para o dia imediato, conforme o determinado na ordem número vinte.

Neste reconhecimento sofreram as nossas forças algumas baixas, sendo mortalmente ferido o soldado da companhia de Timor, N.^o 40/173 Froádio Bonifácio. Durante a noite, não houve novidade. Continuou a variola a atacar o nosso posto.

Dia 7. Efetuou-se o combate geral de Leolaco, iniciado pela artilharia como estava determinado. O ataque demorou desde as 6 horas a.m. às 5,30 p.m. resistindo sempre o inimigo com bastante valor e tenacidade. Tomaram-se-lhe alguns postos, mas vencido um entrincheiramento, outro aparecia resolutamente defendido pelo inimigo; em todos os pontos tomados, foram-lhe destruídos os abrigos.

As nossas forças sofreram algumas baixas, devendo o inimigo ter sofrido grandes perdas, que não puderam ser avaliadas, por se ter conservado sempre abrigado e encoberto e ser espesso o arvoredado. Não houve novidade durante a noite. Começaram a aparecer diarreias e febres nos arraiais e a da variola.

Dia 8. Como se tivesse esgotado a reserva geral de munições de guerra e não tivessem chegado as que a todo o momento se esperavam de Alas, para onde tinham já partido os carregadores necessários, e expedidas todas as ordens, determinou S. Ex.^a o Conselheiro Governador que houvesse hoje descanso geral às forças, mantendo as suas posições e impedindo que o inimigo saísse dos seus entrincheiramentos.

Pela 1 hora p.m., saiu o inimigo das suas trincheiras com algum gado para se abastecer de água na ribeira, foi batido e repellido com grandes perdas pelas forças do centro e da esquerda. De noite não houve novidade.

Dia 9. Efetuou-se de novo o ataque geral a Leolaco como foi determinado em ordem número vinte e dois. Tomaram-se mais alguns postos ao inimigo que defendia palmo a palmo a sua posição, não chegando, porém, a alcançar-se em parte alguma, a trincheira grande.

As nossas forças tiveram as baixas que constam do relatório do serviço de saúde. Durante a noite não ocorreu incidente algum; as munições de guerra começaram a escassear e a desenvolver-se a variola.

Dia 10. Realizou-se o ataque determinado na ordem respetiva, tomando-se com bastante dificuldade alguns postos inimigos; este vendo aproximar-se a artilharia para lhes bater com maior certeza as trincheiras, fez uma sortida por E. pretendendo tomar uma boca de fogo B.E.M. 75 às forças do centro, sendo repellido com grandes perdas entre mortos e feridos. A boca de fogo foi defendida com toda a energia, pela sua respetiva guarnição e apoio dos moradores de Díli e Lacló, sendo gravemente ferido o capitão de moradores de Díli, Marçal Sequeira, que se houve com toda a valentia.

Às 4,30 p.m. conseguiu a artilharia demolir uma parte da trincheira. E. dando o centro e ala esquerda, investida às trincheiras que transpuseram, e foi queimada uma povoação, dependência do régulo, sofrendo o inimigo numerosas baixas.

Como fosse adiantada a hora e o inimigo tivesse recuado para outros entrincheiramentos, retiraram as forças do centro e ala esquerda para os seus acampamentos, conservando intercetado ao inimigo o abastecimento de água. Continuaram os ataques de variola nos arraiais, algumas febres e diarreias.

Dia 11. Continuação do ataque à povoação do régulo em Leolaco que não pode ser tomada, mostrando as nossas forças grande cansaço e fadiga pelo serviço aturado de tão repetidos ataques e algum desânimo, por se baterem a peito descoberto contra o inimigo bem fortificado e fortemente entrincheirado e a coberto. Ainda assim, foi o inimigo repellido de alguns dos seus postos, sofrendo perdas consideráveis, tomando-se-lhes as últimas nascentes de água de que poderia abastecer-se, e que ficaram ocupadas e defendidas por postos das forças do centro e ala esquerda. A noite sem novidade. Tomaram-se como nos dias anteriores, alguns búfalos ao inimigo.

Dia 12. Descanso geral para todas as forças da coluna, mantendo as suas posições e impedindo que o inimigo se forneça de água e saia dos seus últimos entrincheiramentos.

Dia 13. Ataque a Fenan, povoação grande de Manu-Fahi, a SE. de Leolaco, pela ala esquerda, sob o Comando do senhor alferes Antunes, e pelo centro comandado pelo Sr. Capitão Vasconcelos, ficando em Leolaco o inimigo cercado pelas restantes forças da reserva e ala direita, ocupando a primeira e segunda unidade do Comando dos senhores alferes Andrade e tenente Reveredo, respetivamente as posições da ala esquerda e centro.

Na noite de 12 para 13, foi feita uma investida de surpresa, às trincheiras inimigas, pelos arraiais de Ulmera, Fatomassi (Fatumasi) e pico da reserva, coadjuvados pelos de Irlelo, Atabai e Balibó da ala direita, que não deu resultado.

Às 2,30 horas da noite de treze, o inimigo surpreendeu um dos nossos postos de primeira linha, constituído pelo arraial de Vemasse, matando-nos à arma branca quatro homens, e ferindo-nos nove, tendo causado um princípio de pânico que brevemente se desvaneceu, sendo o inimigo repellido e perseguido com bastantes baixas. Não houve qualquer outra novidade.

Dia 14. Continuação do ataque a Fuan, conservando-se em volta de Leolaco a mesma vigilância e atitude, trocando-se algum tiroteio com o inimigo, conseguindo os arraiais de Fatomassi, Ulmera e Pico, aproximarem-se das últimas trincheiras inimigas, lançando fogo ao revestimento exterior de bambu. A ala direita destacou uma coluna volante em perseguição do inimigo e apreendeu-lhes bastantes animais. Não houve novidade alguma durante a noite.

Dia 15. Prossegue com vantagem para as nossas forças o ataque a Fuan. Em volta de Leolaco continua o inimigo a ser incomodado com repetidas investidas dos nossos, que todos os dias lhe matam gente, apreendendo-lhes búfalos, cavalos e outros animais, a maior parte mortos a tiro e que são consumidos na alimentação das diferentes forças.

Mantém-se a proibição do consumo de munições para armas retrocargas, por estar esgotada a reserva geral da coluna, ser reduzida a das diferentes unidades, e não poder contar-se senão com a remessa que se requisitara ao depósito geral, esperada hoje ou amanhã, por não haver no depósito de material de guerra do distrito. Durante a noite, não houve novidade.

Timor volume 3

Dia 16. Tomada de Tuan, perdendo o inimigo cinquenta e nove prisioneiros, oitenta e cinco cabeças, e muitos mortos e feridos, alguns deles atacados de varíola; as presas em milho foram abundantes; as nossas forças tiveram trinta e dois feridos e sete mortos. As forças que tomaram Tuan efetuaram o avanço em Manu-Fahi, até o mar do Sul; às 10 horas a.m. o inimigo de Riak e Babulo que se refugiara na serra de Cablac atacou pela retaguarda a ala direita, fazendo ao mesmo tempo deste lado uma surtida o inimigo concentrado em Leolaco com o fim talvez de dar fuga aos seus chefes e famílias, sendo, porém, repelidos com grandes perdas e cortada a cabeça ao Chefe de Riak. A noite decorreu sem novidade. Apresentaram-se os chefes de Rotuto pedindo perdão.

Dia 17 e 18. Descanso geral às forças da coluna, conservando-se cercado o inimigo em Leolaco. Chegaram as munições de guerra esperadas. A epidemia de varíola continua a sua marcha progressivamente assustadora; o inimigo em Leolaco promete apresentar-se às autoridades, se S. Ex.^a o Governador lhe levantar o cerco, não o fazendo na ocasião porque teme as represálias das nossas forças. Estas noites passam-se sem incidente algum, sendo profundo o silêncio das posições inimigas.

Dia 19. Último ataque a Leolaco pelas razões aduzidas na respetiva ordem; S. Ex.^a o Conselheiro Governador assistiu e dirigiu pessoalmente este ataque estabelecendo-se no centro da linha geral de investimento em Turo, mandando o seu Chefe de Estado-Maior e adjunto para o flanco direito. A artilharia iniciou o ataque, dirigindo muito regularmente os seus fogos, e aproximando-se a quatrocentos metros da posição mais forte do inimigo.

A primeira investida das forças de infantaria sob a proteção dos tiros de artilharia, que eram feitos com bastante precisão, foi arrojada e valente, aproximando-se a cinco metros da trincheira mais alta e forte do inimigo, onde caíram os primeiros feridos das nossas forças do flanco direito, e entre eles o régulo de Atabai, Dossi Lelo, o que causou um certo desânimo.

Restabelecido o primitivo entusiasmo, deu-se uma investida que poderia ter sido coroada de melhor êxito se uma bala não prosseguisse gloriosamente no campo de batalha, ferindo-o no coração, o 2º sargento Ernesto da Conceição, número 65/512 da Companhia de Guerra de Timor, e que comandava uma boca de fogo B.E.M. 75. Este 2º sargento que com tanto valor se tinha distinguido em outros combates, já na campanha de 1896, já durante esta, terminado o fogo de artilharia, terminado o fogo de artilharia e tendo recebido ordem do CEM, de mandar avançar sobre a trincheira, um troço de forças irregulares que abrigadas sob uma grande árvore, ali se achavam há já bastante tempo, como visse cumprida a ordem, e o senhor tenente Borges e o primeiro-sargento Gomes que com alguns moradores de Manatuto e Pico tentavam o assalto à trincheira inimiga, para ali se dirigiu também com alguns moradores, que na ocasião tinham sido mandados de reforço ao senhor tenente Borges como tinha pedido; ali chegado, tão teimosamente se expôs a tão curta distância da trincheira inimiga, trezentos a quatrocentos metros, que em breves minutos caiu nos braços do senhor tenente Borges, fulminado por uma bala no coração.

Imediatamente reanimei o ataque, mandando fazer repetidos toques de avançar, insistindo em novos assaltos, no extremo do flanco direito, enquanto era removido para o hospital de sangue o cadáver do valente segundo sargento, para evitar o desânimo que a morte de um Europeu sempre produz entre as forças amigas.

O ataque prosseguiu, rompendo de novo a artilharia fogo, contra as posições inimigas, sem que fosse possível levar as forças indígenas a um assalto decisivo à trincheira inimiga, porque apenas lhe caía um homem morto ou ferido, logo recuavam, empenhando-se exclusivamente em defender o morto ou ferido do corte de cabeça, trazendo-o consigo, conforme é dos seus usos e tradições guerreiras, para não cair em poder do inimigo que não lhe perdoaria o corte de cabeça.

Em virtude das ordens de S. Ex.^a o Conselheiro Governador sustentou-se o ataque até às cinco horas p.m. Caiu depois das 2,30 p.m. alguma chuva constante, mas miúda. Durante a noite, não houve incidente algum.

Dia 20. Descanso geral às forças da coluna, mantendo-se as guarnições em volta de Leolaco. Foi comunicado aos rebeldes, por ordem de S. Ex.^a o Governador, que a gente do povo que se apresentasse em certo prazo, seria perdoada, podendo desde hoje vir abastecer-se de água à ribeira, desarmada, impondo algumas condições ao régulo de Manu-Fahi para obter perdão e ser reconhecido oficialmente como Chefe do reino. A noite decorreu sem novidade alguma.

As guerras em Timor, como se acabou de ver, exigiam um enorme dispêndio de energia e a adoção de precauções especiais. Se as marchas, os estacionamentos e os combates se não faziam com os cuidados adotados pelos exércitos combatendo na Europa, eram, entretanto, rodeados de complicações desconhecidas à maioria das expedições das outras colônias.

Como explicar, pois, a eficiência de tais trabalhos de ocupação, realizados num lapso de tempo relativamente curto, usando de meios tão rudimentares, e contra povos que se sabiam defender? Quando em todas as outras colônias se tornava necessária a remessa periódica de expedições metropolitanas, a fim de se dominarem revoltas e fazer a ocupação, como conceber a adoção de processos tão diferentes em Timor, com uma população superior à da Guiné, e com tradições não menos belicosas que as dos povos dessa Colônia? Essas medidas eram o fruto da concepção dum espírito genialmente organizador e dotado dum tato administrativo como é raro encontrar-se. Celestino valia-se das rivalidades dos diferentes povos para os enfraquecer e dominar.

Umas vezes não intervinha nas suas lutas senão por baixo de mão, como se depreende das seguintes notas enviadas aos comandantes militares de Aileu e Alas:

Timor volume 3

“Ao Sr. Comandante militar de Aileu se comunica para os devidos efeitos e por ordem de S. Ex.^a o Governador que é muito provável que o reino de Alas ataque a jurisdição de Tutuluro pertencente a esse Comando: em tal caso deverá V. conservar-se inteiramente estranho, porque ao Governo convém que Tutuluro seja derrotado, e a todos os que lhe falarem em tal assunto responderá que o Governo nada tem com tal guerra, que são questões entre povos que eles resolverão como entenderem e puderem, mas ao mesmo tempo proibirá, publicando os bandos do costume, que em toda a área do seu Comando se venda pólvora e mais munições de guerra, e ensinará aos maiores da sua jurisdição que lhes é inteiramente vedado o interferirem na guerra que se der entre Alas e Tutuluro...”

Ao Sr. Comandante militar de Alas se comunica para os devidos efeitos por ordem de S. Ex.^a o Governador e em resposta à sua nota n.º 57 de 26 do corrente, que pode permitir ao Sr. Régulo de Alas que junte os seus arraiais e castigue a jurisdição de Tutuluro pelos latrocínios e crimes a que se refere; mas faça-lhe saber que a guerra não pode prolongar-se além de 20 de agosto próximo, pois que os arraiais do seu reino deverão estar já reunidos e à disposição do Governo depois de tal dia; faça-lhe também saber que a guerra não pode ser feita como é costume fazê-las em Timor, e que é indispensável que ele coloque a gente de Tutuluro na impossibilidade de inquietar o reino de Alas durante alguns anos.

Esse levantamento de arraiais por parte do reino de Alas pode favorecer e encobrir os projetos do Governo relativamente a Manu-Fahi, Raimea e Suai. Nesta data se previne o Comandante de Aileu para que fique impassível perante a guerra que Alas vai fazer a Tutuluro e que evite que mais gente da sua jurisdição se junte a tal reino, mas V. não tomará alguma ostensiva em tal guerra para que não se diga que é feita pelo Governo, e limitar-se-á particularmente a aconselhar o D. Januário e o D. Félix sobre a maneira de a fazerem, deixando-lhes ver que o Governo não terá dúvidas em lhes emprestar a pólvora que necessitem, responsabilizando-se eles pelo pagamento dela, para os ajudar; nesta data se dá ordem ao Comandante de Alas para proibir desde já a venda de pólvora na área de toda a sua circunscrição, a que também pertence Tutuluro”.

Estas notas são modelos perfeitos da política indígena habilíssima em que se destacam aspetos fundamentais:

- enfraquecimento duma tribo à qual se criam dificuldades de municiamento, através da atuação duma outra a que se dão facilidades de toda a espécie, desde o empréstimo de pólvora até aos conselhos militares;
- dignificação da função dos chefes indígenas aos quais se refere com cortesia, tratando-os de senhores Régulos; existência duma curiosa tradição de valorização dos Régulos que adotavam nomes portugueses dignificados pelo uso de dons;
- utilização destes dissídios para adormecer desconfianças das tribos que se pensa castigar, fazendo uma mobilização de arraiais a favor do Governo disfarçada sob o véu de puras questiúnculas indígenas.

Quando Celestino se sentia com força, era ele quem como Governador organizava a repressão contra tribos mal sujeitas, jogando com os fatores militares e políticos como nunca ninguém fez com tanta habilidade. Não havia combinações políticas de Régulos inimigos, que lhe não fossem denunciadas, e para isso muito contribuía o maravilhoso serviço de espionagem exercido pelas suas numerosas amantes indígenas que sendo filhas, mulheres, ou parentes dos chefes lhe comunicavam tudo o que se passava, a começar pelas prepotências e abusos dos comandantes.

Nunca houve um Governador nem possivelmente tornará a haver nenhum que com Celestino possa rivalizar em conhecimento dos usos e costumes Timores, que estivesse mais ao facto de tudo quanto se passava na colónia que administrava, e que melhor partido soubesse tirar das rivalidades dos povos e das intrigas que promovia entre eles. Por isso a sua ação era sempre oportuna, e fazia-se sentir quando menos os seus inimigos o esperavam.

Quantas e quantas vezes, uma estafeta vinda dos confins da Colónia aonde Celestino se encontrava nos seus contínuos deslocamentos, levava a Díli a ordem de concentração para as companhias de moradores, deixando perplexos até os seus mais íntimos, desconhecedores do que se passava! Aquele atlético transmontano, cuja alma parecia talhada no granito das penedias que o tinham visto nascer, gostava por política e temperamento, de se rodear de mistério, e comprazia-se em correr os riscos de laços romanescos, que ao espírito do Timor selvagem apareciam rodeados de qualquer coisa de sobrenatural.

Quantas vezes pelo negrume da noite, o aparecimento repentino e imprevisto da sua figura hercúlea, em plena reunião de Régulos conspiradores, fazia cair estes de joelhos implorando o perdão para uma falta, que tão longe estavam de julgar ser suspeitada do “catua”, nome porque designavam o Governador! Quantas vezes o velho vapor Díli levantava ferro com rumo desconhecido levando a bordo o enigmático Governador, e voltava dias depois, com alguns cativos que tinham estado prestes a revoltar-se e que ao irem a bordo prestar uma fingida homenagem ao “embote” aí ficavam retidos!

Por isso, Celestino da Silva ficou sempre para o indígena, o homem cujos olhos perscrutavam tudo e todos, aquele para quem não havia segredos por mais bem guardados que fossem. Significativo de tal estado de espírito é o episódio ocorrido na revolta de 1912, quatro anos após a sua exoneração, os chefes principais terem voltado às avessas o retrato que pendia das paredes da sala dum Comando que acabavam de assaltar, a fim de que os seus olhos os não incomodassem nas resoluções que iam tomar!

Timor volume 3

Terminava uma campanha, e logo se erguiam os muros dum pequeno forte; um Comando militar ou Posto se estabelecia nele, e os povos das imediações ficavam sob a fiscalização e direção das autoridades que, como dissemos, os obrigavam a abrir caminhos, a construir pontes, a cuidar das suas plantações, a ampliar as zonas culturais, e os impediam de fazer as guerras que tanto tinham sido do seu agrado.

Era um trabalho insano esse, nos intervalos das campanhas, para o qual se tornava necessária uma energia de ferro, de modo a reprimirem-se abusos constantes da autoridade, a canalizar energias num sentido inteiramente novo para os elementos administrativos, e a convencer os Régulos a tornarem-se não os espoliadores do seu povo, mas sim os seus dirigentes no novo caminho a trilhar, que era indicado nos seguintes termos:

... “Além disso, sendo a cafeicultura uma importantíssima fonte de riqueza, e indiscutível a natural indolência dos indígenas, é indispensável que os comandos militares incitem o povo ao trabalho e forcem os Régulos a cuidarem das plantações existentes improdutivas por falta de granjeio, e a fazerem outras. Se não obrigarmos estes povos ao trabalho, e os não ensinarmos, esta colônia permanecerá ainda por muito tempo no estado de atraso agrícola em que atualmente se encontra. Os Régulos são em geral tão indolentes como os homens que governam, mas obedecem logo que se lhes ordena qualquer serviço, embora não seja para o Estado, mas só em proveito deles mesmos. Eu tenho mandado um Oficial que tem as aptidões necessárias a diversos reinos, para ordenar a limpeza das plantações de café, bem como o amanho do terreno para novas plantações, e em nenhuma parte ainda, teve a lutar com a resistência dos povos. Tenho também fornecido, a título de empréstimo, enxadas, alavancas e pás que têm de ser restituídas ou pagas na próxima colheita; só assim poderei conseguir que a cafeicultura se desenvolva e prospere...”

A situação atual (maio de 2006) é bem complexa. JC limitara-se a alertar para a história bélica que toda a gente parecia esquecer ou mesmo desconhecer. Nem as elites nem os jovens alguma vez leram estes episódios que bem retratam a grande nação de tribos Timorenses. Os Timorenses são aquele povo “bonzinho” que sofreu a invasão indonésia, cujas crianças em fuga para a montanha durante a noite nem choravam, mas são também estes que aqui se retratam e JC conheceu entre 1973 e 1975.

Depois e já é história, em 2007 e 2008, sucedeu-se o que estava previsto, a troca de cadeiras entre Xanana e Ramos Horta, um atentado mal contado que serviu para matar o renegado Alfredo Reinaldo, um Xanana dissociado da realidade, e um país mais parado que nunca, cheio de desempregados, onde a justiça não funciona e o abismo espregueita.

2.

PORQUE É

QUE HÁ GUERRAS TRIBAIS EM TIMOR – II 30 maio – 1 de junho 2006

Para entender melhor o que se passou no século XX em Timor, debruçemo-nos mais no livro “Estudos Coloniais nº 2”, Coleção Fórum, “Ocupação e Colonização Branca de Timor” da autoria de Teófilo Duarte, ex-Governador de Cabo Verde e de Timor, Vogal do Conselho do Império Colonial da Editora Educação Nacional Lda de 1944.

Em 1929, ano em que deixamos o Governo da Colónia, além dos trezentos e quarenta funcionários públicos brancos, dos seiscientos e noventa mestiços e dos quatrocentos e sessenta mil indígenas havia uma forte sociedade agrícola e comercial pertencente aos herdeiros do ex-Governador Celestino da Silva, dispondo de milhares de hectares ocupados por plantações de café, de borracha, de cacau, de produtos pobres, e incultos. Neles se colhiam cerca de duzentas toneladas de café, quinze de cacau e cinquenta de borracha que eram exportadas para as Índias Holandesas... era dirigida por um português, nove empregados brancos e os restantes indígenas.

Uma Sociedade Agrícola, a Companhia de Timor, dispondo de enormes extensões de terrenos quase todos incultos e com dois Europeus apenas, Doze plantadores brancos portugueses, cultivando o café de que colhiam uma quantidade insignificante, que para o mais importante dentre elas andava por quatro toneladas. Dois comerciantes que mal podiam concorrer com os restantes chinas e árabes. 85

Deportados da legião vermelha, idos uma não antes da Guiné, para onde tinham sido enviados primitivamente da metrópole. Julgamos que tal situação não se deve ter modificado quase nada, até à data dos lamentáveis acontecimentos que se deram na colônia em 1941, a não ser no referente à existência de deportados, pois aquele número foi posteriormente aumentado com mais umas dezenas, medida essa adotada não por motivos sociais, mas sim políticos...

Timor é a Colónia Portuguesa que se encontra mais afastada da metrópole... Ainda hoje uma viagem normal para aquela nossa colônia da Insulândia demora quarenta e cinco dias, enquanto para a Guiné se faz em oito, e para Angola em vinte... uma ida a Timor, ainda antes da Guerra [IIª Grande Guerra], representava qualquer coisa de complicado, com a utilização sucessiva de

Timor volume 3

carreiras francesas, inglesas e holandesas, e com demoras de cinco e seis dias em Génova, Singapura, Batávia [Atual Jacarta], Surabaya, etc.

Depois a tradição ligada ao nome de Timor, sinónimo de terra de clima horrível, que matava ou inutilizava fatalmente, o que provinha do desconhecimento quase absoluto do interior que era magnífico; o estado de permanente insubmissão das populações nativas, com as consequentes e periódicas chacinas dos raros Europeus a quem o dever do ofício impunha a permanência num ou noutro porto afastado da capital; a falta, enfim, de toda a espécie de comodidades próprias duma colónia quase toda por ocupar; tudo isso criava uma lenda em volta de Timor, que fazia com que a colocação ali de qualquer funcionário fosse considerada como o pior castigo que se lhe podia aplicar...

A Holanda apesar de ter valorizado intensamente a Ilha de Java, habitada por quarenta milhões de malaio, conservava em estado de desenvolvimento económico bastante primitivo a colossal Sumatra, quase toda por aproveitar, Bornéu e Nova Guiné que passam por terem ainda tribos antropófagas, e dezenas de ilhas naqueles mares, entre as quais a sua metade de Timor, incomparavelmente muito mais atrasada que a nossa.

A característica da obra de Celestino foi a ocupação militar e administrativa. Alguns anos depois, aparece em Timor um homem que fará igualmente um Governo brilhante, embora sob outro aspeto: o de fomento. Referimo-nos a Filomeno da Câmara. Desde a exoneração de Celestino da Silva até à data da publicação do livro (em 1944), foi o único Governador de Timor que marcou uma posição de grande relevo, não só devido às circunstâncias que o caracterizavam, como à circunstância fortuita de ter permanecido seis anos à frente da Colónia. Logo no início do seu Governo, teve de dominar a mais temerosa revolta indígena de que havia memória.

Os chefes Timorenses libertos da golilha que a saída de Celestino quebrara, aproveitaram-se do pretexto da elevação do imposto de capitação, para tentarem sacudir o jugo a que mal se podiam acomodar. Um Oficial e vários sargentos que permaneciam no interior foram trucidados; a primeira coluna comandada pelo Governador teve um desastre sério em Aituto, vendo-se obrigada a abandonar uma peça de artilharia, vários materiais, e a retirar precipitadamente para Aileu.

O pavor em Díli, perto do local do combate foi enorme, pois os factos avolumaram-se de tal modo, que davam o Governador como chacinado, e os rebeldes avançando sobre a capital.

A população branca embarcou no vapor “Díli”, num salve-se quem puder, e só a comunicação telefónica do próprio Filomeno conseguiu fazer desaparecer a atmosfera que uma notícia intempestiva e falsa criara.

A chegada, porém, de algumas companhias de soldados africanos e da Índia, fez entrar as coisas num caminho favorável para as nossas armas, e assim é que, após seis meses de luta intensa, Manu-Fahi, o eterno fulcro de rebeliões, o histórico ninho de rebeldias foi batido e obrigado a submeter-se, sendo a mortandade tão grande, e a lição de tal maneira dura, que ela lhe serviu até agora.

Apenas Oecússi se manteve rebelde e foi dominado no ano seguinte, após uma campanha rápida e sem grandes lances. Foi nesta guerra que Filomeno se viu obrigado a desenvolver uma energia formidável, para neutralizar incompetências, pusilanimidades e más vontades, que se criou a fama de bárbaro e de homem de pelos no coração. Ele não só consentira às tribos que combatiam a favor do Governo, a sua usança tradicional de decapitarem os vencidos, mas inclusivamente iniciara a cerimónia adstrita ao canto de guerra Timor, dando o histórico pontapé num dos crânios que se encontravam numa lúgubre pira, no campo de batalha.

O indígena nas suas guerras não prescindia de exercer o direito que lhe vinha de costumes seculares, de cortar as cabeças dos desgraçados que no ardor da luta lhe vinham às mãos, de com elas formar um trágico amontoado perante o qual entoava o “lorçá”, hino guerreiro que ao branco causa calafrios; e de as correr em seguida a pontapé. O valor e a fama de cada guerreiro avaliavam-se entre eles, pelo número de crânios que tinham suspenso à porta da sua palhota; e os milhares de vozes que num soturno e lúgubre concerto infernal entoavam a célebre canção de guerra, série infinda de insultos para os vencidos, certamente exerciam na sensibilidade efetiva do Timor, a mesma impressão que os nossos cânticos patrióticos têm sobre nós.

Filomeno no início da campanha tentou coibir tal usança, mas ao ver-se na perspectiva de ser abandonado pelos seus arraiais, irritados com a proibição de raziarem, roubar e massacrar, não teve remédio senão condescender com tais costumes. Por isso, ele foi alvo, na metrópole, convulsionada pelas ideias de falsos humanitarismos que nela imperavam após 1910, de verrinosas campanhas dos seus inimigos políticos e pessoais.

Mas aquela tormenta passou, e Filomeno pode-se lançar rasgadamente na execução dum longo plano de fomento, que pena foi não ser seguido pelos governadores que lhe sucederam.

As ideias de Celestino sobre a necessidade de expansão da cultura do café, foram postas em prática, duma maneira ampla e colossal. Adotando o princípio de cultura forçada, executada em Java por Van den Bosch, e que em vinte anos faria passar a produção, de duzentos e cinquenta mil picos, no valor de cinco milhões e quinhentos e cinquenta mil florins, para um milhão e oitenta e dois mil picos, valendo trinta milhões de florins, Filomeno afastou-se porém dos pormenores que aos olhos do mundo civilizado tinham merecido ao Governo holandês, os ápodos de sistema espoliador e ressuscitador dos velhos tempos da escravidão.

Enviaram-se milhões de pés de café durante os últimos quatro anos do seu Governo; fizeram-se transplantações colossais dos mesmos, para matas que hoje são a riqueza de inúmeros povos; experimentou-se a sua adaptação a terrenos no resto da Colónia em que ele era desconhecido, umas vezes com êxito e outras sem ele, como no “Mundo Perdido” de Viqueque.

Timor volume 3

Houve a fúria do café, e todo o Comandante Militar ou de Posto fazia consistir o seu melhor título de funcionário cumpridor, executando viveiros e plantações o mais gigantescos possíveis. Outrotanto se deu com a cultura do coqueiro, e a tudo presidia Filomeno, sem um agrónomo, sem um prático sequer, estudando, escrevendo artigos doutrinários, discutindo e rebatendo pontos de vista às vezes meramente técnicos. Sem exagero se pode ainda dizer que o Governador palmilhou a Colónia, e onde quer que houvesse uma mata a aproveitar e a encher de café, aonde quer que lhe dissessem ser apropriado o terreno para um palmar, era certa a sua presença.

Por isso, passados dez anos, as estatísticas aduaneiras registaram o fruto de tal labor, traduzido num aumento de exportação de cinquenta por cento em relação às quantidades anteriores, e assim é que, se a riqueza da Colónia aumentou em tão larguíssimas proporções, a Filomeno o ficou devendo.

A produção não correspondeu ao que se disse ter-se plantado? Os coqueiros produzem ali não aos sete anos, como se escreveu, mas sim aos catorze? Muitas plantações morreram por terem sido feitas em terrenos calcários e por conseguinte impróprios? Foi infeliz a ideia das plantações comunais, partilhadas entre o Estado e indígenas, por inculcarem no espírito destes a ideia de que elas eram do Governo, só as tratando obrigados, e abandonando-as logo que lho permitiam?

É certo que em todas estas observações há uma grande parte de verdade, e que tais circunstâncias fizeram com que logo após a sua exoneração se perdessem as plantações mais recentes por falta de cuidados; que o tratamento das antigas fosse muito descuidado, e que o produto das novas passasse a ser umas vezes o quinhão mais ou menos integral dos povos, e outras o exclusivo dos chefes, conforme a maior ou menos consciência destes, e a fiscalização mais ou menos intensa dos comandos.

Por isso, o resultado da sua obra que teria sido colossal, se Filomeno tem permanecido mais meia dúzia de anos à frente de Timor, ou se os seus sucessores a tivessem tratado com carinho, foi de frutos relativamente modestos para o esforço desenvolvido, e teria sido de efeitos quase nulos, se ele, à semelhança do que sucede com quase todos os governadores, ali tivesse permanecido apenas os dois anos que eram então da praxe.

Entretanto Filomeno foi o único Administrador a valer que a Colónia teve nos últimos trinta anos, e as deficiências apontadas não conseguem empanar o brilho duma obra que há de ficar sempre considerada extraordinária. Nunca em Timor se trabalhou com tanto entusiasmo e tenacidade, e nunca tanta charrua arou os campos até então virgens; e estes trabalhos conjugados com outros pertencentes a diversos ramos de atividade económica e social, tais como a criação da Caixa Económica, a reforma do ensino, etc., constituem um honroso programa de realizações para qualquer Governador.

Filomeno teve sempre uma predileção especial pela atuação económica do indígena, nunca tendo dado importância de maior às possibilidades de povoamento europeu. Ou porque as dificuldades com que deparava para a vinda de colonos se lhe antolhassem irremovíveis, a avaliar pelo insucesso das negociações entabuladas para a fixação de açorianos residentes em Hawai que chegaram a mandar a Timor um seu Delegado a estudar o caso, ou por qualquer outras razões, o certo é que ele nunca esboçou qualquer iniciativa no sentido de intensificar a política iniciada por Celestino, e durante o seu Governo nenhum outro colono aportou a Timor.

Entretanto, a proteção dispensada às atividades brancas colonizadoras instaladas por Celestino através da companhia a que já nos referimos, fizeram com que as más vontades que ameaçavam a existência do incipiente núcleo branco existente não fossem por diante. Assim, tal companhia foi singrando através dos anos, constituindo um elemento de progresso na Colónia, devido às suas iniciativas em montar oficinas de descasque de café, de melhorar a sua preparação, de tratar culturas desconhecidas como o cacau e a borracha, e de concorrer com o China e o Árabe nas transações comerciais. Aquela companhia é o único elemento económico branco nacional de valor na Colónia, e mesmo os outros que se ali foram instalando, saíram dos seus empregados, os quais se foram fazendo, um pouco, mercê das facilidades por ela dadas.

As próprias numerosas concessões de terrenos feitas no seu tempo a funcionários redundaram quase todas em insucessos, em virtude destes as não poderem dirigir pessoalmente, por causa dos seus afazeres profissionais.

Filomeno, como não podia deixar de ser, teve a sorte de todos os governadores que marcam situações de excecional relevo, e por isso à semelhança do que sucedera com Celestino, deixou o Governo da Colónia, mercê do trabalho de sapa que os seus inimigos realizaram junto de qualquer mediocridade governamental, que os acasos da política tinham feito passar pelo ministério das colónias.

Assim, Timor viu perdidas as largas possibilidades de valorização que lhe poderia ter valido a manutenção daquele homem de Governo em tal posto. Os anos passaram e nem os boletins oficiais nem a tradição apontam a efetivação de medidas de grande relevo no referente ao desenvolvimento económico da Colónia, principalmente no aspeto do povoamento branco...

Apenas em 1927 o “Boletim Oficial” publica uma série de disposições legislativas que, integradas num plano de conjunto, visam robustecer as incipientes atividades económicas existentes.

Timor volume 3

A política de Celestino e de Filomeno das culturas feitas pelo indígena, do café, da copra, do tabaco, do sândalo, do chá e da borracha, receberam um incremento enorme. Ele é traduzido na execução de viveiros monstros, totalizando 26 milhões de pés de café, de cem mil cocos, de um milhão de árvores, borracha, etc.

Em lugar, porém, de se repetir o processo de Filomeno, da criação de plantações comunais, envereda-se pela distribuição individual de centos ou de milhares de plantas a cada indígena, que as transplantará para os seus terrenos, ficando delas proprietário.

Ao mesmo tempo o incremento dado às culturas pobres do milho e do arroz, faz com que os preços destes artigos se vendam a preços excecionalmente baixo em relação aos anos anteriores, tal é a sua abundância.

Apesar da balança comercial de Timor acusar nos últimos anos, um saldo positivo, a saída, porém de numerário para pagamento de fretes, juros de capitais, transferências, etc., faz com que a sua balança económica seja bastante desfavorável, donde resulta que a situação da Colónia é medíocre e está longe da prosperidade que os seus recursos lhe permitem atingir...

Timor desde sempre que vem vivendo de subvenções e empréstimos, ora da Metrópole ora de outras colónias, donde se vê que tanto no antigo regime de centralização administrativa como no moderno de autonomia, as mesmas dificuldades têm-se repetido sincronicamente, criando uma atmosfera de asfixia intolerável....

As perspectivas de aproveitamento e da fixação como colonos, de alguns elementos locais, foram ampliadas, mercê de circunstâncias fortuitas, por outras de colonização branca, de características mais ou menos penais.

A metrópole ia enviar como deportados oitenta e cinco filiados da célebre Legião Vermelha, que durante anos tinha trazido o país aterrado com as suas bombas, com os seus tiros, com as suas violências enfim contra autoridades e figuras em destaque no comércio, na indústria e nas profissões conservadoras... e embora a matéria-prima não fosse a ideal para trabalhos de colonização, resolve-se tentar a chance do aproveitamento de alguns desses elementos.

Uma dúzia deles que se conseguisse fazer vingar como colonos, numa Colónia em que, como dissemos, apenas existiam doze, já era interessante... Além do estado de abatimento físico e moral em que chegavam, e de virem desprevenidos de quaisquer meios financeiros, eles não conheciam o meio, e a sua quase totalidade não fazia a menor ideia do que fosse a agricultura.

Organizada, pois, uma lista das suas profissões providenciou-se da seguinte maneira: levantou-se-lhes o moral, pondo-os em liberdade, dias após a sua chegada, prometendo aqueles que se comportassem corretamente, toda a espécie de ajudas para ganharem a sua vida, e fazendo surgir na sua mente a perspectiva de virem a ser colonos pura e simplesmente, em lugar de deportados sujeitos a um severo regime de vigilância e repressão.

Cuidou-se do seu revigoramento físico fortemente abalado por uma longa e depressiva viagem por mar, fornecendo-se-lhes uma habitação razoável, mosquiteiros, quinino e roupas de que todos eles vinham bem necessitados.

Empregou-se cada um conforme as suas aptidões ou as possibilidades de trabalho que oferecia a Colónia, de modo a que o subsídio mensal que lhes foi atribuído – dois terços do vencimento dum soldado branco -, lhes pudesse ser retirado dentro dum prazo relativamente curto, a fim de que eles se não convencessem de que tinham vindo na situação de funcionários, embora modestos, do Estado...

Durante um ano que com eles lidamos, nunca constituíram, para nós, qualquer grave preocupação.

É que apesar das draconianas e tremendas instruções dadas às autoridades, no sentido de reprimirem pela força, desmandos que fizessem perigar o sossego público, o que era do conhecimento dos deportados, e que até certo ponto contribuíram para que mantivessem sempre uma linha de conduta razoável, todos eles tinham o sentimento de generosidade com que eram tratados, eles, pobres farrapos humanos para quem a visão infernal de Timor constituía um pesadelo durante a viagem...

Trechos da carta da mãe dum deportado, Maria Viegas (Carrascalão), enviada ao “Diário de Lisboa”

“Oxalá que a obra do Sr. Teófilo Duarte no referente aos deportados seja seguida pelo seu sucessor, fornecendo-lhes créditos por um fundo de colonização...Oxalá que seja seguido esse exemplo que minorou muitas lágrimas e sofrimentos físicos e morais.”

MANUEL VIEGAS CARRASCALÃO, DEPORTADO POLÍTICO PORTUGUÊS²

Manuel Viegas Carrascalão (pai), nasceu em Portugal em 1901. Tipógrafo de profissão, foi acusado pelo governo português de ser anarco-sindicalista e de conspirar contra as autoridades, sendo preso pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) e torturado.

Deportado para Timor em 1925 ou 1926, veio juntamente com outros opositores ao regime, entre os quais José Ramos Felipe, tio de José Ramos Horta.

Preso no Ai Pelo durante dois anos, aí voltou a ser torturado. Libertado por bom comportamento, foi desterrado para Venilale, onde casou. Como preso político, não podia trabalhar, tendo começado a ensinar a ler e a escrever português, e fazendo ainda pequenos trabalhos como carpinteiro e pedreiro. Como revolucionário, nunca deixou de incutir nas pessoas à sua volta um sentimento anti-regime.

Levado para trabalhar numa fazenda do Estado em Liquiçá (antiga Granja Eduardo Marques, actual Fazenda Algarvel), foi juntando dinheiro, tendo acabado proprietário dessa plantação.

... A substituição do Governador levou o seu substituto a não querer continuar com um sistema em que o Governo central lhe podia pedir severas contas, pelo menos no aspeto do reembolso de capitais, visto que os mencionados financiamentos se vinham fazendo à margem de qualquer autorização ministerial, pois o Governo central sempre se desinteressara da sorte dos indivíduos em questão.

Despejou-os para Timor, e o Governador que se arranjasse como pudesse, não lhe dando quaisquer instruções sobre o regime de liberdade ou de reclusão que haveria a adotar, sobre subsídios para alimentação e vestuário, sobre competência disciplinar a exercer,

Não há que culpar o novo Governador da criação da nova situação, visto que ao Governo Central cabe apenas a culpa de nunca ter encarado a valer o problema. Por isso, a suspensão das regalias provocou o estiolamento das incipientes atividades que vinham de há apenas um ano. Os deportados passaram a viver miseravelmente do subsídio de alimentação que lhes fora fixado, a envolverem-se em desordens, e a morrerem lentamente, devido ao clima, à inércia e ao esgotamento físico e moral provenientes duma vida desregrada e sem objetivos. Poucos foram os que conseguiram singrar.

Algumas centenas de crianças mulatas devem ser a única reminiscência que daqui a anos se encontre da estadia daqueles oitenta e cinco deportados da Legião Vermelha.

Anos depois (1931), nova leva de deportados chega a Timor, mas desta vez não eram eles simples operários bombistas, mas sim gente de entre a qual se destacavam figuras do maior relevo na política portuguesa.

Antigos ministros como Hélder Ribeiro e Utra Machado, acamaradavam com estudantes das escolas superiores, com funcionários categorizados, com muita gente, enfim, exercendo profissões de bastante tomo. Embora não se pudesse contar com a maioria de tais elementos para ali se fixarem, visto que eles não perdiam a esperança de que uma reviravolta política os pudesse restituir ao país, não há dúvida que muitos se poderiam aproveitar, embora a título provisório, e que de entre estes, bastantes se poderiam deixar seduzir com novas perspectivas de vida, quando se desiludissem da queda da atual situação política.

Timor volume 3

Porém, também desta vez o problema não foi encarado pela metrópole e por isso, eles por lá por lá continuaram vegetando, vivendo do magro subsídio governamental e pouco fazendo de útil para si ou para a Colónia, em comparação do que se teria podido conseguir. Mais uns centos de mulatitos a acrescentar aos provenientes dos legionários, deverá ser também o principal resultado do balanço dado à permanência de tantos elementos brancos em Timor, que pela primeira vez, desde que é portuguesa, viu um tão numeroso contingente de metropolitanos, o que lhe teria permitido sair da deficiente situação em que se encontrava, no referente principalmente à colonização portuguesa.

Entretanto dos quarenta que não foram amnistiados e que lá ficaram, alguns foram singrando como se verifica da seguinte relação, porventura incompleta, e que mostra, se a conjugarmos com as mencionadas quando tratamos dos reformados e dos deportados sociais, o que se poderia ter conseguido...

O Dr. Leal Brandão, dedicou-se à profissão de advogado, José Moreira Júnior à de solicitador, 1º sargento Granadeiro á de professor particular; Álvaro Freire meteu-se a dirigir uma fábrica de tijolo em Balide, José Horta (pai de Ramos Horta) fez-se comerciante (como membro dum grupo progressista apoderara-se de uma canhoneira portuguesa para com ela tomar parte na guerra civil em Espanha contra Franco), Costa Alves, idem...(seguem-se mais 14 nomes)...é pouco, mas verdade seja, que o holandês no seu Timor, ainda tem menos brancos!

Vejamos como é tratado este capítulo - aqui descrito por um ex-Governador Português – num livro em Inglês do Dr. John G. Taylor, sociólogo em Inglaterra e autor do livro “Indonesia’s Forgotten War, the hidden history of East Timor” publicado pela Zed Books e Pluto Press Austrália em 1991 pp. 11-13: (traduzidos pelo autor)

Entre 1884 e 1890, organizou-se um programa de construção de estradas usando trabalho escravo.

Em 1889 criou-se uma companhia a S.A.P.T.A. (Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho) que introduziu plantações de café em Ermera, no noroeste.

A partir de 1908 uma taxa individual foi aplicada a todos os indivíduos Timorenses de idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos.

A única forma de as famílias de camponeses pagarem esta taxa era através da produção e venda de bens nos mercados para além dos que criavam para consumo próprio e subsistência.

De 1911 a 1917 foi introduzida uma nova taxa sobre a produção de copra. A introdução destas medidas, em especial a utilização de trabalho escravo criou um grande ressentimento entre os Timorenses. Houve reinos que se uniram sob a liderança dum “Liurai” do distrito de Manu-Fahi (Same) chamado Dom Boaventura.

A rebelião durou dezasseis anos culminando numa revolta que abarcou toda a Colónia durante dois anos, de 1910 a 1912. Os portugueses foram forçados a trazer tropas de Moçambique e uma lancha canhoneira de Macau.

As forças de Dom Boaventura foram destroçadas em agosto de 1912. Um jornal australiano, o Angus de Melbourne escrevia que mais de três mil Timorenses foram mortos e quatro mil capturados...

Com a resistência esmorecida, os Portugueses introduziram a sua política para minar o sistema tradicional de alianças políticas entre tribos e famílias. A posição dos liurais foi enfraquecida pela abolição dos seus Reinados.

A Colónia foi dividida em unidades administrativas, numa forma geral baseadas em “sucos” (uma espécie de principados). Um pouco do poder administrativo foi assim entregue à unidade abaixo do reino na hierarquia indígena. Isto veio dar novos poderes aos chefes de suco, embora a sua eleição como administradores estivesse sujeita à aprovação dos portugueses.

Os portugueses criaram duas novas circunscrições administrativas: o Posto que abarcava vários sucos e o concelho que controlava os postos através dum Administrador Português. Desta forma, os portugueses tentavam substituir o sistema político Timorense com uma estrutura e hierarquia independente das alianças tribais e de reinos.

O essencial desta campanha de “pacificação” era a tentativa de destruição dum aspeto crucial do sistema social de Timor, cuja reprodução limitava a influência do controlo português. Idênticas campanhas de pacificação ocorriam neste período na metade holandesa da ilha. Foi após esta “pacificação” que se chegou à Sentença Arbitral acordada em 1913 e firmada em 1915 sobre as fronteiras. ...

Embora os reinos fossem abolidos formalmente as ideologias legitimando a hierarquia política tradicional e os rituais de intercâmbio foram mantidos. Os chefes de suco tinham de garantir o apoio dos liurais, desta forma os dois sistemas acabavam por coexistir. Um sancionado através da coerção e uso de força e o outro por uma forte tradição cultural. Quando os dois sistemas se tocavam a nível de Chefe de suco ou de aldeia, a tradição Timorense dava alguma legitimidade à hierarquia colonial, mas, de facto, ambos coexistiam numa trégua nem sempre fácil.

O Estado Novo de António Salazar estabelecido após o golpe militar de 1926 começou a formalizar a missão civilizacional dos portugueses nas suas colónias através da criação duma nova relação institucional entre estas e a metrópole.

O Ato Colonial de 1930 centralizava o poder político sobre as colónias, colocando-as sob a direta dependência de Lisboa. Assembleias ou Conselhos Legislativos foram criados para representar os interesses coloniais locais das elites: a administração, a igreja, os donos de plantações e o exército. Os seus poderes eram, porém, limitados e limitavam-se a consultas com o Governador duas vezes ao ano.

Mas mais importante para o futuro de Timor era a criação através dessa lei de duas categorias de pessoas: os indígenas (nativos não assimilados) e os não-indígenas incluindo mestiços e assimilados (nativos assimilados). Para

Timor volume 3

se obter este estatuto de assimilado e a sua correspondente nacionalidade portuguesa um Timorense tinha de falar a língua e ganhar o suficiente para manter a sua família além de ter de provar que tinha um bom caráter. Este critério era dispensado para aqueles que trabalhavam na administração e no comércio.

Ao contrário da maioria da população, os assimilados podiam votar nas eleições para a Assembleia Nacional e para os órgãos legislativos locais.

Esta distinção entre indígenas e não-indígenas e uma limitada admissão de Timorenses para o sistema político colonial português teria uma importante ação na criação duma elite política indígena durante o período pós-guerra e durante a luta pela independência.

Por seu lado, Geoffrey C. Gunn, “Timor Loro Sae 500 anos” ed. Livros do Oriente afirma (pp. 16-17, 176-189):

Na verdade, o caráter excecional e ritualizado que a guerra assume em Timor – o Funu Timorense – foi reconhecido por autores portugueses como o Governador Afonso de Castro, que na década de 1860 escrevia “... as rebeliões em Timor têm sido sucessivas, podendo dizer-se que a revolta é ali o estado normal e a tranquilidade o excecional”.

É de assinalar que, um ano após o Tratado de Lisboa de 1859, a Colónia foi dividida em dez distritos pelo Governador Afonso de Castro. Com esta finalidade foram estabelecidos, inicialmente, dez e depois onze comandos militares para gerirem os distritos...

Em 1861, quase imediatamente após entrar em vigor a nova reorganização de Afonso de Castro, os pequenos reinos de Lacló e Ulmera, ambos perto de Díli revoltaram-se. O Governador Castro enfrentou esta rebelião pela força. Acontece também que, graças à tendência de Castro para registar os factos corretamente, a revolta de 1861 é uma das mais bem documentadas, embora seja também verdade que, no que se refere às causas, ele é menos explícito. ... (em março 1861) soube-se em Díli que havia movimentos de preparação de guerra no reino de Lacló, situado a cerca de 40 km a leste de Díli, dominando as comunicações estratégicas entre a capital e Manatuto. ... Cabreira, um soldado veterano na Colónia ... foi enviado a Manatuto para ali estabelecer a base das operações contra Lacló, enquanto o governador tentava levar o reino leal de Liquiçá a marchar contra Ulmera, o principal centro da insurreição, localizado a cerca de 15 km a oeste de Díli.

Mas mesmo quando cabreira se instalou em Manatuto, um mês e meio mais tarde, apenas podia confiar nas forças de Vemasse. As simpatias de Manatuto iam para Lacló e, a oeste, um certo número de reinos – incluindo, em particular, Maubara, recentemente recuperado aos Holandeses – fizeram causa comum com Ulmera.

A 10 de junho o Governador declarou o estado de emergência em Díli e distribuiu armas aos cidadãos enquanto preparava a defesa da cidade. A situação era tão grave que até mesmo o capitão China foi convocado para “armar todos os chineses, seus filhos e os escravos”. O Governador podia contar também com o apoio de 40 “fundus”, ou soldados Indianos, exilados em Timor em consequência da sua deserção das Forças Armadas britânicas depois da Revolta dos Cipaios em 1857.

Embora Castro tenha tomado a precaução de pedir reforços a Goa, em tropas e mantimentos, sabia que estes demorariam a chegar. A batalha contra Lacló, que se iniciou em abril, não terminou senão a 26 de agosto, depois de uma série de ataques efetuados pelas forças coloniais e de uma continuada guerrilha por parte de Lacló.

Embora o regente de Lacló tenha pedido a paz, Castro quis fazer um exemplo desta rebelião, reduzindo o acampamento a cinzas e dando carta-branca aos seus auxiliares para queimar, pilhar e caçar cabeças. Em junho 1863, Laga, na região de Macassae, revoltou-se Mais tarde foi a vez de Fatomassi se revoltar e de, por sua vez, ser dominado com as forças coloniais auxiliadas pelo régulo de Ermera...

Em agosto de 1867, o povo de Vemasse, um reino na costa nordeste que incluía Laga, na região Macassae revoltou-se contra Laleia, sitiando-a. O Governador com uma força de soldados regulares e “guardas” fornecidos pelos reinos amigos de Motael, Hera; Lacló e Manatuto rompeu o cerco e acabou com a situação...Naquilo que foi descrito num relatório oficial português como uma revolta contra os impostos, o reino de Lernean, sob o Comando militar de Maubara e de idioma Kémak revoltou-se contra a autoridade portuguesa ...

Em 1868 os portugueses enviaram uma força militar a Sanir cujo Rei se recusava a pagar impostos. Os Sanor também de língua Kémak eram tributários de Balibó e estavam sob o Comando militar de Batugadé...

Em Cova, a revolta estava, evidentemente, a fermentar havia vários anos... o forte de Batugadé, localizado nos domínios de Cova foi transformado em Quartel-general das operações militares...No mesmo mês as forças portuguesas foram obrigadas a bater em retirada para a segurança de Batugadé ... o Governador enviou duas Howitzer e duas peças de artilharia de campanha e um reforço de 1 200 homens, entre “moradores” leais e a gente dos reinos de Batik, Laleia, Ermera, Cailaco e Alas... um mês mais tarde a operação foi declarada “inacabada”.

Forças adicionais vindas de Oecússi, Ambeno, Cailaco e Ermera reuniram em Batugadé... em maio de 1871, o então Governador João Clímaco de Carvalho, chegou a Batugadé com um grande séquito para um encontro coma Rainha de Cova e com a Rainha de Balibó..., mas a Rainha de Cova não compareceu... foi só em princípios de 1881 que o Governador pode informar categoricamente Macau que o reino de Cova se tinha “submetido” à autoridade portuguesa.

Em 1887, o infortunado Governador Alfredo de Lacerda e Maia foi assassinado por um grupo de “moradores” numa emboscada na estrada de Díli para Lahane... este assassinio marcou o início de uma insurreição dirigida conjuntamente por diversos liurais chefiados por D. Duarte e seu filho D. Boaventura de Manu-Fahi.

A revolta de Maubara teve início em 1893 durante o mandato do Governador Cipriano Forjaz, atacando os postos de Dare e Fatuboro e oferecendo o território capturado aos Holandeses...

Timor volume 3

De 1893 a 1896 houve várias rebeliões em Lamaquitos, Agassa, Volguno, Luor-Bote, Fatumane, Fohorem, Lalaba, Cassabau, Calalo, Obulo, Marbo, Manu-Fahi que se consubstanciaram sob o Governo de Celestino da Silva (1894-1908) em termos de vassalagem para os reinos rebeldes de Maubara (1893), Hera e Dailor (1894), Fatumane (1895) e Buibau e Luca (1896), Manu-Fahi resistiu até 1900 depois de ter estado a ser atacado por três frentes por forças coloniais e mais de 12 mil Timorenses. Em 1902 houve insurreições em Letefoho, depois foi Aileu (1903), Quelicai (1904) e novamente Manu-Fahi em 1907. Deve notar-se que nem toda a guerrilha em Timor era anticolonial, dadas as raízes de hostilidade histórica, os conflitos de fronteiras e comerciais (agrícolas ou de gado). Depois de 1911 a 1912 de novo Manu-Fahi chefiada por Dom Boaventura. Curiosamente a 8 dezembro 1911 no Suai foi toda a população evacuada incluindo prospectores de petróleo ingleses (Pélissier, René, *Timor en guerre: Le Crocodile et les Portugais 1847-1913* Pélissier, Orgeval, France, 1996, pp. 257-258). Mais tarde (Decreto 30:004 de 27 de outubro de 1939) seria criada a Companhia Ultramarina de Petróleos para pesquisar jazidas de petróleo a oriente do meridiano 125º 50' E GW.

Ainda Geoffrey C. Gunn afirma

“... a pacificação colonial da guerra de Manu-Fahi ou das várias revoltas de 1894-1901, 1907-1908 e 1910-1913, causou a perda de 90 000 vidas. As célebres companhias de moradores tiveram a sua última participação em guerra no ano de 1912, e foram reabilitados simbolicamente em 1937 no consulado do Governador Álvaro Fontoura que os deixava desfilar nos seus bizarros fardamentos¹, armados de paus em forma de espingarda, coberturas coloridas e penas na cabeça e uma minúscula bandeirinha verde-rubra presa a estas hipotéticas espingardas. O Comandante empunhava geralmente uma espada curva a que chamam espada de Macassar. Nalguns regulados os moradores organizaram pequenas formações de cavaleiros-lanceiros usando as lanças embandeiradas. Aproveitou-se este entusiasmo para organizar as forças voluntárias de moradores e estabeleceu-se a sua colaboração com as forças militares da Colónia como estava naturalmente indicado; mas essa organização requeria um prévio e demorado estudo de cada regulado para não se ir destruir a hierarquia indígena evitando também reacender rivalidades muito antigas entre regulados de que ainda existem sinais palpáveis.

Por seu turno James Dunn (Timor: A people betrayed, Jacaranda Press, 1983, pp. 19-20) afirma:

“... Em 1893 a revolta de Maubara, um dos mais importantes reinos nativos a ocidente de Díli, foi a primeira duma série de rebeliões que devastaram muito do setor económico da Colónia. Assim quando o Governador Celestino da Silva tomou posse em 1894 a sua Colónia estava num estado lastimável. Foi recebido com uma ampla rebelião, guerra intertribais, depressão económica e anarquia. Nalgumas áreas a agricultura tinha sido totalmente abandonada e a produção anual de café, sempre o índice da prosperidade de Timor, tinha baixado para 800 toneladas. Em 1895, depois de duas campanhas contra os rebeldes e um sucesso reduzido, Celestino da Silva montou um exército de 28 Europeus e mais de 12 mil outras tropas, na sua maior parte guerreiros Timorenses, fornecidos pelos liurais, e foi tentar aniquilar aquilo que se tornara numa imensa revolta liderada por Dom Boaventura de Same. Seguiram-se meses de intensas lutas, e massacres de ambos os lados, antes do Governador poder clamar vitória e começar a reestruturar a sua administração civil e militar. Como resultado destas vitórias militares, Timor tornou-se independente da autoridade da Colónia Portuguesa de Macau e o Governador passou a ser diretamente responsável perante o Governo Central em Lisboa. Mas a resistência estava longe de ter esmorecido, e por mais de uma vez, pegou em armas contra as forças portuguesas. No início de 1912 uma imensa campanha contra Dom Boaventura na área de Same causou a morte, de acordo com os próprios portugueses, de 3424 rebeldes e ferimentos em 12567, com 289 baixas portuguesas e 600 feridos. Aos olhos dos portugueses, o Governador Celestino da Silva foi um dos melhores governadores de Timor. Decerto que ele foi um dos grandes responsáveis pela “pacificação” de Timor numa longa campanha prosseguida sem mercê durante um período de doze anos, mas o custo em sofrimento humano foi enorme. Nos períodos de paz melhorou a administração criando 11 distritos militares de Comando e 48 postos militares. É-lhe igualmente atribuído o crédito pela melhoria substancial da produção agrícola, introdução de novas colheitas e melhoria das técnicas agrícolas, mas tais melhorias visavam beneficiar sobretudo os portugueses e os mestiços (Celestino foi um dos fundadores da SAPT) muitos dos quais se tornaram prósperos cultivadores, e beneficiou ainda os Chineses que já se estavam a notabilizar como mercadores e intermediários na Colónia. Até à invasão japonesa de Timor durante a guerra não se registaram mais rebeliões tribais. A Colónia dividida em nove concelhos passou a ter treze compostos por 60 Postos Administrativos e uma Câmara Municipal (Díli). As circunscrições eram chefiadas

¹ (Fontoura, A., 1942, O Trabalho dos indígenas de Timor, ed. Agência Geral das Colónias, pp. 105-107)

Timor volume 3

por um Administrador e dividiam-se em postos, liderados por um Chefe de Posto, subdivididas em sucus (grupos de aldeias) com um Chefe de suco, e mais adiante estavam as povoações também com um Chefe embora este fosse honorífico. Os chefes de Posto podiam ser recrutados localmente, mas os administradores tinham de ser de carreira.

A última revolta ocorreu em 1959. JC escrevia em “Timor-Leste o dossier secreto 1973-1975”

“Se as tropas aliadas tivessem deixado Timor neutral, pode ser que 60 mil Timorenses tivessem sobrevivido à brutal invasão japonesa e aos bombardeamentos aliados.

Depois do Armistício, a Administração Portuguesa escolhe como novos “Régulos” pessoas nas quais poderia confiar, embora, a maioria, carecesse de legitimidade real capaz de os impor às tribos e comunidades locais.

A administração portuguesa continua a utilizar os mesmos métodos brutais e de trabalhos forçados com que experimentara antes da Guerra eclodir. Isto provoca a infame rebelião de 1959 em Uato-Lari (na costa leste) em que milhares de guerreiros indígenas marcham para lutarem contra os Portugueses.

Para alguns historiadores a rebelião foi provocada por agitadores indonésios, mas não deixou sombras de dúvida que se tratava de uma situação temível.

Eventualmente uma “Bére – Bi (mulher Timorense)” trai o seu próprio povo e lança o alarme no Sporting, um clube em Díli².

Reforços são imediatamente enviados de Goa (uma então Colónia portuguesa na Índia) e acaba por não se derramar sangue.

Centenas de patriotas Timorenses são deportados para as colónias de Moçambique, Angola, Cabo Verde, e S. Tomé e Príncipe. Para o povo de Timor-Leste a guerra só voltará 16 anos mais tarde. Entre 1945 e junho 1974, o Governo Indonésio cumprindo as leis internacionais assevera nas Nações Unidas e fora dela ‘não ter ambições territoriais sobre o território de Timor’.

Em 1960, Timor era considerado um território não autónomo sob administração portuguesa de acordo com a Resolução 1514 (XV) de 14 dezembro 1960. Entre 1962 e até 1973, a Assembleia Geral da ONU aprova várias Resoluções que apoiam o direito à autodeterminação de Timor-Leste e das restantes colónias portuguesas, eufemisticamente denominadas Províncias Ultramarinas, em sintonia com a França que designava os seus territórios coloniais como ‘Territoires d’outre Mer’.

A rebelião começou a 7 de junho de 1959 na povoação de Uato-Lari e estendeu-se até Viqueque e de acordo com Bruce Juddery do Camberra Times combinava elementos anticoloniais, antiportugueses e tribais. O Governador Português exacerbou os ânimos ao formar uma milícia em Lospalos na ponta leste a fim de combater a rebelião. Numa semana morreram entre 500 a mil pessoas.

Segundo Juddery a Indonésia tinha infiltrado oficiais seus meses antes para semearem sentimentos dissidentes no litoral norte até Baucau.

Bill Nicoll (The stillborn nation, Visa, Melbourne, 1978) explica que os indonésios eram dissidentes da Permesta (rebelião das ilhas exteriores da Indonésia, Molucas do Sul), apoiados pela CIA para lançarem uma guerra secessionista mais ampla na Indonésia.

Aparentemente não tinham o apoio de Jacarta embora o cônsul indonésio fosse demitido em 3 junho 1959. Os indonésios tinham obtido asilo português, mas foram expulsos enquanto os dirigentes locais do Movimento de Uato-Lari foram deportados para Angola e só foram autorizados a regressar a Timor em 1968.

Nesse ano abriu a delegação da PIDE em Díli que além de vigiar Timorenses também se preocupava com a Timor Oil Company e ameaças dos sindicalistas australianos. Abílio de Araújo liga a PIDE a uma resposta à insurreição de junho 1959. Nesse ano, a equivalente australiana, ASIS (Australian Secret Intelligence Service) abre uma delegação em Díli.

A comunidade árabe de Timor situava-se em Alor, a oeste de Díli, e quando tenta naturalizar-se indonésia no Consulado em Díli, os portugueses ofereceram-lhe a nacionalidade portuguesa (Kompas, 15 agosto 1977).

Já Themudo Barata (Timor Contemporâneo’, Lisboa 1998) narra assim a sublevação:

“As primeiras notícias de que algo de preocupante se passa no leste chegam ao Administrador de Baucau nos primeiros dias de junho, através duma informação do Encarregado do Posto de Bagaia: dois dos indonésios de Viqueque ter-se-iam reunido com alguns chefes nativos de Uato-Lari e Uato-Carbau para planejar uma revolta. As reuniões efetuaram-se de noite e naqueles próprios postos. ...

² (Filipe Themudo Barata, ex governador 1959-1963, em ‘Timor Contemporâneo’, ed. Equilíbrio Editorial, Lisboa 1998, apresenta a versão oficial da rebelião, que difere desta, e que ocorreu enquanto ele estava em trânsito para tomar posse como Governador)

Timor volume 3

Nesse mesmo dia o Administrador de Baucau é instruído para “ter os indonésios preparados para, se necessário, serem transportados para Díli.

O Administrador – então em Díli – transmite estas instruções para Baucau, com o pedido de as comunicarem também para Viqueque. Porém, já em 3 de junho aquele Administrador havia sido chamado pelo Encarregado do Governo, que o incumbiu de regressar de avião a Baucau para prender dois Timorenses tidos como implicados no Movimento (um deles o Encarregado da estação postal).

O Administrador de Viqueque foi informado, em princípios de junho, por carta da administração vizinha (Baucau) dos acontecimentos de Díli e das movimentações dos asilados de Viqueque até Uato-Lari e Uato-Carbau. Pareceu-lhe, porém “que tais notícias não correspondiam à verdade”, pois todos os dias se avistava com os indonésios. E além disso, quatro deles tinham acabado de assinar uma declaração em papel selado pedindo para regressar à Indonésia. É provável que, pressentindo que as coisas não estariam a correr-lhe de feição, isto fosse uma simples tentativa de se escaparem.

Todavia, pela meia-noite de domingo, dia 7, a residência do Administrador estava a ser assaltada e ele a ver-se obrigado a retirar sob fogo dos sublevados! Nas vésperas, o Secretário da administração de Baucau havia-lhe transmitido instruções do Governo para que os indonésios fossem avisados que uma viatura os viria buscar “a fim de regularizarem assuntos do seu interesse”. Santa ingenuidade! Os indonésios apercebem-se que o cerco se aperta.

Na manhã desse domingo, o Administrador ouve alguns dos indigitados na presença dum velho colono. Todos garantem que nada fizeram e nada sabem. Contudo, apesar disso, determina que um dos apontados como mais ativo aguarde a conclusão das averiguações no quartel dos “sipaiois”. Este finge obedecer, vai buscar a sua roupa a casa dum amigo, mas no percurso encontra-se com o tenente Gerson que o manda seguir imediatamente para Uato-Lari para sublevar esse Posto. Ele cumpre. O Administrador só a posteriori descobre tudo isto. Na ocasião continuava a confiar, considerando que “algum perigo que porventura pudesse existir havia passado”. Tanto assim que – como confessa no seu relatório – na tarde desse domingo jogou tranquilamente futebol com os indonésios “quando já arriavam abandeira nacional em Uato-Lari”.

De facto, pelas cinco da tarde, Uato-Lari é assaltado pelo Chefe atrás referido com apoio de alguns sipaios, tendo o cuidado de cortar logo as ligações telefónicas com Viqueque. Convoca o povo e manda emissários a Uato-Carbau para falarem com dois chefes de suco desse Posto e com instruções para fazerem o mesmo. O plano prossegue com êxito!

Pelas oito e meia dessa noite, três indonésios (Gerson, Jeremias Pello e Moniaga) reúnem-se em casa dum funcionário aposentado com mais três ou quatro Timorenses de certo nível cultural e umas dezenas de outros mandados vir de localidades próximas. Moniaga havia procurado contacto telefónico com os asilados de Baucau. Ou não o conseguiu ou não foi convincente, pois estes nove indonésios foram presos na manhã seguinte sem qualquer dificuldade: estavam todos pacatamente dormindo.

Sentindo-se descobertos, os asilados políticos de Viqueque decidem assaltar a secretaria da administração e apropriar-se de todas as armas e munições, o que fizeram cerca das onze e meia da noite, regressando com esse espólio à casa onde se haviam reunido. Entretanto Gerson mandou cortar as ligações telefónicas com Ossú (no caminho de Baucau – Viqueque) e interceptar a estrada com árvores para impedir o trânsito.

Nessa noite – num novo gesto bem revelador do seu estado de espírito de uma extrema confiança para além dos limites da prudência – o Administrador dispensou um dos dois sipaios armados que, com os “moradores”, fariam a guarda à secretaria “porque o ambiente era calmo”, “porque o Movimento tinha sido já descoberto em Díli e efetuadas prisões e porque já os indonésios estavam prontos a seguir para Díli nessa manhã (...) aparentemente satisfeitos (...)”

A guarnição era pequena obrigando-os a perder por vezes noites sucessivas. Quis poupá-los. Grande decepção iria ter! Poucas horas depois dá-se o assalto à secretaria. Há guardas que resistem e são feridos.

O Administrador só dá conta do que se passa, quando os sublevados se decidem a assaltar a sua casa. Pouco deve passar da meia-noite. É cercada pelos indonésios, que arregimentaram também uns Timorenses que dormiam por ali para receberem salários e pagamentos de cocos que tinham vendido ao estado. Surpreendido pelo tiroteio, reage como pode.

O tenente Gerson comanda o grupo que ataca a residência, enquanto outro asilado, acompanhado por um Timorense dos que estiveram na reunião, toma posições junto à ponte da estrada para Ossú, no intuito de impedir a retirada. O Administrador consegue meter-se num jipe com a família e com um aspirante administrativo (Timorense) que o coadjuvava e, debaixo de fogo, com o jipe varado pelas balas, felizmente sem danos pessoais, chega a Ossú, tendo logrado passar sobre os troncos que pretendiam barrar-lhe a estrada.

Telefona para o seu colega de Baucau pedindo 50 “moradores” para o acompanharem no seu regresso a Viqueque., logo que deixasse a família em segurança. Pelas três da madrugada telefona também para Díli (para o Chefe de Gabinete) a dar conta desta grave ocorrência, o qual lhe determina que peça o jipe da missão local e se dirija a Baucau, para onde lhe serão dadas diretivas.

Os sublevados não ficam inativos. Apropriam-se da camioneta da administração de Viqueque e seguem para Uato-Lari. Chegam pela manhã sendo recebidos pelos amotinados que tinham ao peito tiras de pano com as cores da bandeira indonésia.

O tenente Gerson, com dois Timorenses mais evoluídos, prossegue para Uato-Carbau, onde são igualmente bem-recebidos. Em Díli, o Chefe de Gabinete, após o dramático relato do Administrador Ramos, telefona ao Chefe da Polícia. Dão umas voltas rápidas pela cidade para esclarecer uma perseguição suspeita (ou fantasiosa?) que haveria sofrido o radiotelegrafista que aquela hora entrava de serviço, segundo participação que acabara de fazer à Polícia. Dirigem-se à residência do Encarregado do Governo que dá ao tenente Braga instruções para informar o Chefe de Estado-Maior acerca da situação e para lhe dizer que deve mandar imediatamente preparar duas secções de atiradores reforçadas, sob o Comando dum subalterno para

Timor volume 3

seguirem para Baucau logo ao alvorecer. Isto para além, claro está, de outras providências como: controlo de comunicações telefónicas, alerta das unidades militares e imediata detenção dos restantes asilados indonésios.

Pelas seis da manhã, o Encarregado de Governo assiste no campo de aviação de Díli à partida daquela pequena força para Baucau, onde haviam sido mandadas requisitar camionetas e convocados alguns civis (Timorenses, Europeus e Chineses) a quem foram distribuídas armas e munições. Recomenda-se aos chefes nativos da circunscrição de Baucau que reúnam os seus homens e patrulhem a sua área com os meios tradicionais.

Pouco depois do meio-dia de segunda-feira, o Administrador Ramos regressa a Viqueque apoiado por essa pequena força (um Oficial, um sargento e nove praças), estando ele próprio armado apenas com uma simples espingarda calibre 22, cedida por um particular. Pelo fim da tarde sabe-se que havia regressado o motorista da camioneta de um comerciante chinês, que os sublevados coagiram a ir a Uato-Lari e que dá notícias preocupantes: os revoltosos foram recebidos por bastantes chefes nativos com os seus arraiais.

Decide-se então promover também o levantamento de arraiais fiéis. Na zona de Viqueque, com exceção de Lacluta, a população reagiu mais lentamente. Em Lautém a reação foi muito viva e muito rápida: poucas horas depois todo o povo se mostrava disponível e, nessa noite, o respetivo Administrador tinha já à sua volta centenas de homens.

Nessa agitada manhã de segunda-feira, dois dos restantes asilados de Viqueque são detidos a caminho de Ossú, prova que os revoltosos apenas haviam encontrado algum apoio na região a leste da estrada Baucau – Viqueque, nas áreas de Uato-Lari e Uato-Carbau.

Segundo as últimas informações chegadas ao Gabinete, os rebeldes haviam deixado em Uato-Lari gente sua chefiada pelo António Metan e pelo indonésio Moniaga e tinham reunido a norte de Uato-Carbau três grupos relativamente numerosos. Suspeitava-se que tivessem – ou que pensassem ter – apoios em Laga, fundeadouro no estreito de Wetar (na costa norte), onde a presença demasiado frequente de córcoras indonésias causava certa desconfiança.

Os arraiais de Lautém, coordenados pelo Administrador Serra Frazão e apoiados por uma parte da pequena diligência militar estacionada em Lospalos, formam o cerco por leste, mantendo-se também atentos à zona de Laga.

Em Díli há preocupação e um certo nervosismo: são poucas as informações sobre o que realmente se passa nas áreas sublevadas e são muito poucos os meios.

Na terça-feira, dia 9, decide-se enviar um reforço de mais alguns soldados e designa-se o capitão Manuel João Fajardo para dirigir localmente as operações. Este destacamento iria de avião, mas, afinal, à última hora, vai em alguns Unimogs militares.

É manifesta uma certa tensão no relacionamento entre o Estado-Maior do Comando militar e a Repartição do Gabinete do Encarregado do Governo, ainda que o responsável máximo seja, em ambos os caos, a mesma pessoa. Uma divergência importante surge quanto ao plano a seguir para dominar a sublevação. O Chefe de Gabinete (que, na prática, vinha coordenando tudo, em ligação com os administradores) discorda da orientação seguida pelo capitão que passou a comandar as tropas enviadas para o leste, o qual centra as suas forças e preocupações em Viqueque, para onde faz seguir também todo o pessoal civil disponível em Baucau, incluindo médicos e enfermeiros.

Ao contrário, entendia o Gabinete ser fundamental impedir o acesso dos revoltosos à costa norte e dar, portanto, toda a atenção à zona de Baguia para barrar o caminho para Laga. O capitão era apoiado pelo CEM. O tenente Braga coloca o assunto ao Encarregado do Governo (e Comandante Militar) que concorda com as suas preocupações, mandando imediatamente reforçar a guarnição de Baguia com parte de um destacamento militar que guardava a estação de rádio de Baucau. O tempo corria. Estava-se já a 10 de junho.

As comunicações com Viqueque continuam difíceis. Desde há dois dias nada se sabe da coluna militar. A diligência de Baucau seguiu na noite de 10, quarta-feira, para Baguia e na madrugada seguinte segue de Díli uma nova secção de atiradores para a substituir. E – atente-se na pobreza dos meios – envia-se mais um cabo e duas praças Timorenses com uma Bazuca para reforçar Baguia.

Pelas 11 horas de 11 de junho, efetivamente os insurretos estão à vista de Baguia e pelo meio-dia tentam um primeiro assalto à tranqueira (Recinto de proteção a antigas instalações militares em Timor onde depois se instalaram os postos administrativos. Nesse preciso momento estava a chegar um jipe com o tal lança-granadas Bazuca, que nem sequer houve tempo de recolher dentro da tranqueira. Só num pequeno intervalo entre os assaltos isto se consegue.

Os sublevados retrocedem com algumas baixas, recompõem-se e, por mais de uma vez, repetem a tentativa. Felizmente, para nós, as armas e munições que tinham roubado eram de fraca qualidade (muitos cartuchos não disparavam). Iniciam a debandada em direção a Uato-Carbau.

Na circunscrição de Baucau, apenas dois chefes nativos do Posto de Baguia tinham apoiado os revoltosos, mas não conseguiram sublevar os seus povos e foram mortos pelos seus próprios homens. No final da tarde, quando o Gabinete procurava ainda obter notícias da coluna do capitão Fajardo, surge inesperadamente na linha a voz de um guarda-fios que procurava restabelecer as ligações telefónicas com Ossú. Estava escondido no mato e não ocultava o medo bem natural que sentia naquela situação. Já havia podido contactar com o seu colega de Uato-Carbau, que o informou que os rebeldes já tinham regressado após o ataque a Baguia, fugindo para as suas terras ou procurando esconder-se.

Pouco depois, o mesmo guarda-fios informa que esse seu colega lhe diz que se ouviam grandes estrondos para os lados de Uato-Lari. Vem depois a saber-se que eram as nossas forças que, antes de entrarem em Uato-Lari, haviam disparado granadas de morteiro. Este pequeno incidente é bem revelador das enormes dificuldades técnicas no domínio das comunicações e, também, da falta de ligação entre as pessoas.

Timor volume 3

Somente pelas 10 da manhã do dia 12, sexta-feira, o Encarregado do Governo (e Comandante Militar) entra em contacto com o capitão Fajardo. Estava já em Uato-Lari. Procedia a averiguações que retardavam o seu avanço para Uato-Carbau.

Segundo ele, os rebeldes estariam concentrados na foz da ribeira de Irabere, preparando-se para atacar Uato-Lari. Todavia, nesse momento a coluna com os arraiais do Administrador de Lautém atacava Uato-Carbau, depois de ter atravessado a vau aquela ribeira.

Continuavam a ser diferentes as perspetivas do Gabinete e do Comando das operações militares: o primeiro considerava urgente que a coluna se ligasse aos arraiais no ataque a Uato-Carbau: o segundo entendia que o essencial seria conter a ameaça da presumida concentração na foz da Irabere. O Comandante Militar chama imediatamente o Chefe de Estado-Maior e determina que, na manhã seguinte, o capitão Barreiros (acompanhado dum antigo funcionário civil que conhecia bem aquela região) fosse assumir o Comando da coluna, enquanto o anterior prosseguia as suas averiguações em Uato-Lari. Parte de avião para Baucau no dia 13.

Na véspera, os arraiais de Lautém ocupam Uato-Carbau. A rebelião desmantela-se. Os rebeldes espalham-se. É o “salve-se quem puder”. Mais uma semana e, dos principais responsáveis apenas havia por capturar um dos indonésios, que foi detido na manhã do dia 20 e um ajudante de observador dos serviços meteorológicos, detido quatro ou cinco dias depois.

Precisamente nesta ocasião (22 de junho) chegava eu (Filipe Themudo Barata, Governador 1959-196) a Timor...O instrutor do processo pensa que foi tudo iniciativa do próprio cônsul Nazwar Jacob, solidário com rebeldes de Sumatra, que via no êxito da sublevação em Timor um reforço para o seu partido. Talvez isso tenha uma grande parcela de verdade, mas o facto é que o novo cônsul (Teng Ku Hussim) continuou a dar apoio aos implicados e, inclusive a sugerir-lhes o recurso ao asilo político. E mais ainda.

As ameaças da Indonésia não pararam. As atividades suspeitas do novo cônsul prosseguiram e, poucas semanas após o meu regresso à Metrópole, na fronteira terrestre (região de Covalima), há mesmo infiltrações declaradas de grupos de cerca de 200 indonésios acompanhados de polícias com pistolas-metralhadoras e espingardas, que deram origem a sérios confrontos e a firme reação das nossas tropas de 2ª linha.

John Taylor, no seu livro “Timor - A História Oculta”, p. 59, explica a sua visão citando José Martins (líder do Kota):

"Relatórios sobre o grau de envolvimento indonésio na rebelião variam consideravelmente, alguns argumentando mesmo, que os catorze oficiais eram agentes diretos do Governo Indonésio, enviados certamente para organizar o derrube da administração colonial.

O que parece mais provável é eles terem sido líderes locais, verdadeiros dissidentes, que tentaram mobilizar o descontentamento local como meio de refazerem a sua base, em Timor-Leste.

O que é inquestionável é que eles foram ajudados tanto pelo cônsul indonésio em Díli, como por apoiantes em Kupang, no Timor Indonésio, os quais tinham concordado em fornecer armas.

Estes factos indicam que já existia um lóbi integracionista que tinha o apoio, a certo nível, do Governo Indonésio." Aliás, as consequências desta "aventura" foram mínimas para os instigadores indonésios, que foram apenas expulsos.

Como sempre aconteceu e pelos vistos continua assim ainda hoje, os Timorenses envolvidos é que foram carne para canhão, tendo sido mortos, deportados, presos e sido "premiados" com a presença da PIDE em Timor a partir desse momento.

James Dunn (Timor: A people betrayed, The Jacaranda Press, 1983, pp. 33-34) declara enfaticamente

“É altamente improvável que o Governo Indonésio esteja implicado, ou que soubesse mesmo o que se estava a passar.

Tudo começou com um barco carregado catorze sobreviventes indonésios do Movimento “Permesta”, um dos grupos da chamada “Revolta dos Coronéis” contra o Presidente Sukarno e o Governo Central, comandada pelos Coronéis Lubis, Kawilarang, Simbolon, Hussein, Warouw e Sumual. Os refugiados aportaram a Timor Português provavelmente vindos do sudeste das Celebes (Sulawesi) onde a força principal da resistência militar tinha sido aniquilada pelas forças do Governo Central. Buscaram asilo político em Timor Português e, a seu tempo, foi-lhes autorizada a permanência na zona de Baucau.

Contudo, os indonésios rapidamente se aperceberam de que o sistema colonial português não lhes agradava, e começaram a semear intriga a dissidentes Timorenses na zona de Viqueque – Ossú, Baucau, Uato-Lari, e mesmo em Díli, numa tentativa de destronarem o poder colonial. Os asilados obtiveram também o apoio do cônsul indonésio em Díli, que, parece ter agido sem o conhecimento o consentimento de Jacarta.

O que se passou foi que a amante rejeitada dum dos principais conspiradores divulgou o planeado golpe à Polícia em Díli e foram tomadas as devidas contra medidas. Contudo, registaram-se violentos confrontos nos distritos de Ossú, Viqueque e Uato-Lari., nos quais cinicamente os portugueses utilizaram tropas de 2ª linha de reinos vizinhos que eram tradicionalmente hostis aos rebeldes Timorenses, tendo a oposição sido prontamente aniquilada duma forma sangrenta. Mais de 150 foram mortos e centenas feitos prisioneiros.

Sessenta Timorenses foram exilados para Angola e Moçambique e, a seu tempo, os dissidentes indonésios expulsos de Timor. O cônsul foi chamado e repreendido pelo seu envolvimento. Os Indonésios reclamaram a sua inocência ou qualquer envolvimento no conluio de 1959, mas os portugueses que pouco ou nada sabiam da insurreição em Sulawesi desconfiaram.

Timor volume 3

Parece, no entanto, haver poucas dúvidas de que se tratou duma iniciativa local dos fugitivos da Indonésia Oriental que foram capazes de explorar o descontentamento com a administração local. O conluio foi provavelmente demasiado amador e, mesmo que não tivesse sido descoberto, provavelmente não teria tido sucesso em desalojar os portugueses.

Contudo, o incidente teve profundas implicações nas autoridades locais e nos Portugueses em geral, dado coincidir com uma intensificação da campanha do Presidente Sukarno contra o imperialismo e colonialismo. Os portugueses reagiram com um aumento da sua capacidade de segurança na província e na fronteira e com o aumento da delegação da PIDE. Contudo o incidente não se repetiu.

Havia disputas fronteiriças de tempos a tempos, normalmente causando algumas baixas ou perda de vida, mas normalmente tratava-se de confrontos derivados de roubo de gado, ou de disputas tribais envolvendo os dois lados da fronteira. Sempre que um incidente desses ocorreu, causava tremenda inquietação em Díli e especulação duma intervenção indonésia.

Um dos pontos mais alto desse nervosismo ocorreu em 1962 quando os Holandeses finalmente cederam a Irian Jaya [Papua] Ocidental à Indonésia. Era temido que Timor-Leste fosse o próximo alvo de libertação, mas a campanha “ganyang malaysia (esmagar a Malásia)” veio trazer uma nova dimensão e proporcionando o alívio à administração colonial [portuguesa].”

Esta também a versão dos eventos de que JC se serviu no livro “Timor-Leste o dossier secreto 1973-1975”, mas que como se vê é bem diferente da do ex-Governador Themudo Barata.

Depois desta longa visita ao passado, do fim do século XIX a meados do século XX, parece difícil atribuir os incidentes iniciados em abril 2006 a conflitos tribais, dado que parecem ter-se esgotado em junho 1959, sem qualquer registo posterior de lutas intertribais. O poderio dos Régulos e liurais esmoreceu e em 1975 era pouco mais do que simbólico. A divisão administrativa colonial portuguesa fizera esbater esta tradicional divisão dos povos de Timor, e, posteriormente, com a ocupação indonésia parece ter-se esfumado de vez. O que não desapareceu, porém foi a animosidade ancestral entre o oeste e o leste, agora enriquecida pela dicotomia de resistência ativa contra a Indonésia representada pela Falintil e pelos povos de leste contra os povos de oeste, associados ao colaboracionismo com o invasor.

Desde a proclamação da independência que se ouvem queixas dos antigos guerrilheiros. Cremos que o Estado falhou totalmente por menorizar estas queixas e deixá-las latentes nos milhares de guerrilheiros compulsivamente passados a uma reforma sem benefícios fiscais ou económicos, sem ocupação ou treino para desempenharem a sua posição na nova sociedade democrática Timorense. A má divisão da atribuição dos postos de Comando e Chefia militares a pessoas Loromonu em detrimento dos Lorosae tem ab initio um certo fundamento nas queixas que motivaram os incidentes que levaram em fevereiro à saída de mais de 500 militares, prontamente demitidos por abandono do cargo. Cremos que o Governo subestimou a real dimensão do problema e se serviu duma legitimação legalista para a levar a cabo sem se aperceber da caixa de Pandora que poderia estar a abrir. Houve inação e incúria e uma forma sobranceira de tratar o problema.

O Presidente Xanana depois de ouvir os descontentes mostrou que estava a favor doutro tipo de solução, mas o Governo permaneceu mudo e firme na sua decisão de não os reintegrar. Até aqui verificaram-se dois factos apenas: descontentamento por origem étnica e por motivos de privilégio aos Loromonu. Não havia ainda nenhuma tentativa de golpe de estado. Só quando os autoproclamados líderes militares rebeldes (ou meramente desertores?) intensificam as suas exigências, após a criação duma Comissão de Inquérito, e pedem a cabeça do Governo ou a demissão do mesmo, obviamente com o apoio de forças externas como foi dito por Mari Alkatiri, se pode começar a falar de tentativa de golpe de estado.

O plano B, certamente apoiado pelos EUA, Austrália e outros, confiava que a candidatura do embaixador José Luís Guterres tivesse amplo apoio das bases da Fretilin, o que não aconteceu. Foi um fracasso total e veio reforçar ainda mais a liderança do Primeiro-Ministro (sempre tão odiado pela Austrália que jamais lhe perdoa as duras negociações para a exploração do petróleo e a sua firmeza em não abdicar duma linha de crescimento económico lenta mas segura).

Nesta altura já as tropas australianas estavam em fase adiantada de preparativos para uma “invasão pacífica” de Timor a pedido deste jovem país.

Não se contesta que as coisas chegaram a um ponto em que era forçoso pedir a ajuda do exterior para terminar com os conflitos entre exército e Polícia, ao longo das mesmas margens de divisão que atrás se mencionaram. A rapidez da chegada das tropas australianas só veio comprovar que o seu estado de alerta para intervir se tinha precipitado com a vitória esmagadora de Mari Alkatiri no Congresso da Fretilin.

Timor volume 3

Nesta ocasião esperava-se muito mais do sábio Xanana que se limitou a uma ou outra pálida intervenção e preferiu manter-se na sombra, em vez de vir a terreiro clarificar as águas.

Sei que muitos em Portugal atribuem a Xanana qualidades mais próprias dum santo do que dum ex-guerrilheiro, mas, decerto, a maioria não estava preparada para o ver apenas como um homem como veio a demonstrar ao longo desta fase do conflito.

Por seu turno, quem não perdesse tempo a demarcar-se e a criticar o Governo foi Ramos Horta, esse sempre ambicioso líder Timorense para quem o cargo de Secretário-Geral da ONU é o mínimo a que se acha com direito. Manobrando os bastidores, e, posteriormente avistando-se com os militares revoltosos e traidores ao seu juramento perante o Estado veio a conseguir preencher o vácuo de Xanana e a intransigência do Governo.

Nessa altura já toda a máquina da desinformação da Comunicação Social australiana, cujo interesse no petróleo não pode ser descurado, aliados à sua velha antipatia por Mari Alkatiri, estava pronta a levar a tentativa de golpe de estado a uma fase mais avançada.

Aqui entra o elemento indonésio até então silencioso: os jovens armados de catanas e armas ligeiras a repetirem as façanhas de 1999, pegando fogo a casas, roubando documentos das repartições (sabendo bem o que queriam, as provas que implicavam o general Wiranto nas atrocidades de então) e criando o pânico em vários bairros da cidade de Díli. A história do petróleo e a prisão de Eurico Guterres podem ter mais a ver com isto do que a mera antipatia que todos parecem agora sentir contra Mari Alkatiri.

Como escrevia Henrique Correia em 31 maio (2006):

“Estes senhores Reinaldo e Salsinha foram eleitos por quem? Qual é a autoridade deles para exigirem a demissão do 1º Ministro? O País não pode ser governado na rua. Espero que os líderes Timorenses não cedam a estas pretensões absurdas.

Estamos a assistir à repetição da novela "CPD-RDTL" Se não gostam do Mari Alkatiri, formem um novo partido para concorrer às próximas eleições, daqui a um ano, ou votem num dos partidos que se opõem à Fretilin. Assim é que se faz num país democrático.

Se preferem outro tipo de regime em que sejam eles a mandar, vão para outro país, que há por aí muitos assim, ou mudem-se para a Ilha Fatu Sinai e declarem a independência. O Rei seria D. Alfredo I, o "almirante". Quem é este Comandante Reinaldo? Foi capturado pelas tropas indonésias em 1975, e foi colocado como servente ou carregador no exército indonésio nas Celebes e Kalimantan antes de escapar para a Austrália.

Arranjou emprego como estivador nas docas da Austrália Ocidental onde esteve durante nove anos, antes de regressar a Timor depois do histórico referendo de 1999. As suas “proezas náuticas” foram rapidamente postas a funcionar nas novas forças de defesa de Timor (F-FDTL) tendo sido nomeado Comandante dos dois barcos de patrulha que constituem a marinha do novo país. Mas a sua carreira rapidamente esmoreceu e o Brigadeiro-General Taur Matan Ruak transferiu-o para o Quartel-general em Díli.

Foi uma desfeita que ele jamais perdeu ou esqueceu. Mais tarde, foi nomeado Comandante dum pelotão de Polícia militar com 33 homens após ter estado a ser treinado no Australian Defence Force College em Canberra em finais de 2005.

Forjou também um passeio operacional num barco patrulha da Real Marinha Australiana (RAN) a pensar tomar conta da Estação Naval em Hera nas proximidades de Díli.

A crise começou em 28 de abril 2006, com a manifestação de 600 militares expulsos do Exército. A manifestação foi dispersada pelo Exército, que abriu fogo e matou quatro pessoas. Logo após a ação, o Comandante Alfredo Reinaldo, líder rebelde, fugiu para as montanhas com 25 homens armados. Dias depois, 12 policiais foram assassinados pelo Exército, o maior massacre ocorrido no Timor desde a sangrenta repressão indonésia que ocorreu após o voto a favor da independência, no plebiscito de 1999.

Reinaldo disse que o protesto era a resposta às promoções incentivadas no Exército por Rodrigues, aliado ao Primeiro-ministro Alkatiri que, segundo o líder rebelde, queria o controlo militar para aumentar seu poder político perto das eleições de 2007. Além disso, a revolta de Reinaldo incentivou um fenómeno novo no país: o confronto violento entre os habitantes do oeste e a minoria do leste que controla o Governo e as Forças Armadas.

O major Alfredo Reinaldo abandonou a hierarquia de Comando das forças armadas a 4 de maio 2006, acompanhado de mais 15 efetivos da Polícia Militar, unidade que comandava.

O outro autoproclamado líder dos rebeldes é Gastão Salsinha, nascido em Ermera e que representa os interesses dos rebeldes Loromonu. Consta que terá sido detido no ano passado por contrabando de sândalo e foi-lhe cancelado o curso para capitão que estava a frequentar. Salsinha é um amigo muito chegado de Rogério Lobato, o qual parece ter estado envolvido noutra caso misterioso numa apreensão de sândalo em 2002, nunca totalmente explicada.

O nome da família Lobato é sinónimo com a longa guerra de autodeterminação do povo. O seu irmão e líder da Resistência, Nicolau foi morto num combate com forças especiais da Indonésia em 1978. A sua mulher tinha sido executada no porto de Díli, logo após a invasão indonésia de 7 de dezembro de 1975. Um dos cinco membros do Comité Central da Fretilin enviados para o estrangeiro em 1975 (juntamente com Mari Alkatiri, Ramos Horta e Roque Rodrigues), Lobato tinha ordens para obter apoio para a recém-anunciada independência de Timor.

Timor volume 3

Em 1978 esteve a ser treinado pelos famigerados Khmer Rouge antes de ir para Angola, onde foi preso em 1983 por abuso dos poderes diplomáticos, tráfico de diamantes e solicitar os serviços de prostitutas. Depois, esteve envolvido num grupo de "conciliadores" promovido pela Indonésia no início da década de 1990, tendo regressado a Timor em novembro de 2000 sem uma base de apoio popular forte. Esta situação não durou muito. Excluído do Governo de transição da ONU foi atraído pela defesa dos direitos dos veteranos guerrilheiros, tendo desafiado a legitimidade da recém-criada F-FDTL.

As ameaças ao Governo e a sua provocação acabariam por dar frutos, quando em 2002 foi nomeado Ministro da Administração Interna. Não perdeu tempo a criar uma força nacional de Polícia capaz de rivalizar com as F-FDTL, um corpo de 30 mil homens com três ramos paramilitares.

Depois desta intervenção australiana com 2 mil homens, à data em que escrevo, virá a fatura do "apoio" australiano que tentará colocar um Governo fantoche ou mais maleável no trono em Díli.

Uma espécie de protetorado de Camberra que é o novo xerife na região. Para isso, a ambição desmesurada de Ramos Horta, pode ajudar, seja para Secretário-geral da ONU seja para Primeiro-ministro Timorense.

Que promessas terá ele recebido agora do Governo de Camberra? Quem se não lembra já do anunciado apoio que (Horta) disse ter recebido de Gough Whitlam em 1975, quando este já dera luz verde a Suharto para invadir com a promessa duma não-intervenção australiana?

O programa "The World Today" em 30 maio 2006 12:21:00, (Repórter Toni Hassan e Edmond Roy) entrevistava Damien Kingsbury, do International Development Studies na Universidade Deakin University, que afirmou

"Um exército de apenas 1500 homens é demasiado pequeno para ter qualquer capacidade prática de defesa. Serve uma função simbólica mas causa mais mal do que bem... ocasionalmente interfere na política, está dividido dentre as suas fileiras. ...

Outro problema que é ridículo e é um erro, é a escolha da língua portuguesa que é oficial conjuntamente com o Tétum, e em resultado disso números significativos da população não fala nenhuma delas porque foram educados em Bahasa Indonésia, além de haver mais 15 idiomas locais.

O Primeiro-ministro que passou décadas em Portugal durante a luta de independência fala Português – uma língua que o povo que ele governa não entende nem fala. Isto só vem aumentar as críticas da sua arrogância e do seu desprendimento.

A maior parte da população fala indonésio e existe uma falta de comunicação entre o Governo e o povo, em especial nos tribunais e na burocracia. Penso que isso deve ser reconsiderado. Mais uma achega a dizer que o problema de Timor é devido à língua portuguesa quando em Timor alegadamente falam todos Bahasa para se entenderem.

Segundo estes analistas 1º a Fretilin, 2º a falta de razão para a existência dum exército e 3º a língua portuguesa, são os culpados deste falhanço que não teria ocorrido se todos falassem indonésio.

Ninguém se deu conta que em qualquer democracia o povo é quem escolhe em quem vota. Neste caso a Fretilin, goste-se ou deteste-se, teve mais votos que todos os outros juntos. Foi a Fretilin com o apoio dos restantes partidos que decidiu sobre a língua portuguesa e o Tétum.

JC, como cidadão australiano, também está farto de dizer que os problemas da Austrália se devem a ter uma Rainha longínqua, inoperante e ridícula mas nas urnas, o seu voto não chegou ainda para tornar o seu país numa República. Acham que deveria arranjar uns contestatários para criar conflitos como em Timor e mandar a democracia às urtigas?

O Presidente Xanana Gusmão renovou o seu apelo à reconciliação e à união nacional, num dia em que foram anunciadas oficialmente as mudanças nos Ministérios da Defesa e do Interior.

"Vamos esquecer o que passou. É nossa obrigação perdoar e reconstruir nossa amada nação", disse Gusmão, num discurso no quartel da Polícia em Díli. Gusmão assumiu, no início da semana, o controle do Exército e da Polícia para deter o confronto entre as duas forças, que receberam a ordem de se recolher aos quartéis.

A nação recebeu o anúncio oficial de que o Ministro de Relações Exteriores, José Ramos Horta, vai assumir a Defesa no lugar de Roque Rodrigues, e que o Vice-Ministro do Interior, Alcino Baris, foi promovido a Ministro. Rogério Lobato e Roque Rodrigues apresentaram a sua demissão (para evitarem serem destituídos) em consequência da crise de 28 de abril, com a manifestação de 600 militares expulsos do Exército.

A manifestação foi dispersada pelo Exército, que abriu fogo e matou quatro pessoas. Logo após a ação, o Comandante Alfredo Reinaldo, líder rebelde, fugiu para as montanhas com 25 homens armados. Dias depois, 12 policiais foram assassinados pelo Exército, o maior massacre ocorrido no Timor desde a sangrenta repressão indonésia que ocorreu após o voto a favor da independência, no plebiscito de 1999.

Timor volume 3

Reinaldo disse que o protesto era a resposta às promoções incentivadas no Exército por Roque Rodrigues, aliado ao Primeiro-ministro Alkatiri que, segundo o líder rebelde, queria o controlo militar para aumentar o seu poder político perto das eleições de 2007.

Além disso, a revolta de Reinaldo incentivou um fenómeno até agora novo no país: o confronto violento entre os habitantes do oeste e a minoria do leste que controla o Governo e as Forças Armadas.

O levantamento também evidenciou os atritos entre o Presidente Timorense, Xanana Gusmão, o político mais apreciado do país, e Alkatiri, muito impopular por professar a religião muçulmana em Timor-Leste, onde 90% da população é católica.

Alkatiri declarou à televisão australiana que não existe um conflito de poder entre ele e Gusmão. Os confrontos entre ex-militares e ataques de grupos de civis armados deixaram cerca de 20 mortos na capital.

Por alegadamente não conseguirem controlar a situação, as autoridades Timorenses solicitaram ajuda militar à Austrália, Nova Zelândia, Malásia e Portugal. Mais de dois mil militares e policiais australianos, neozelandeses e malaio chegaram ao país.

A Polícia anda desaparecida há um mês, a população faz filas durante horas para receber arroz e o pânico dos ataques já produziu 60 mil refugiados e deslocados que não se moveram de seus esconderijos, apesar de estarem em vigor as medidas especiais de segurança.

Timor-Leste, um dos países mais pobres e pequenos do mundo. Tem 857 mil habitantes e a mesma extensão do Alentejo. Um país muito bonito, amado por muita gente - o ex-Presidente americano Bill Clinton e o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan -, mas talvez bem situado demais. Desde o início dos tempos foi invadido por viajantes - Chineses, Portugueses -, muitas vezes foi espancado e assassinado por seus vizinhos - chineses, Japoneses, indonésios, malaio. Timor tem a maior taxa de fertilidade do mundo - 7,8 filhos por mulher -, um solo árido e muito pobre que mal chega para alimentar a população, uma idade média de 20 anos, nenhuma indústria digna desse nome e um desemprego galopante e sem subsídios que o compensem

"O Estado está em transição e construção, metade da ajuda externa é dedicada a pagar os assessores estrangeiros, ainda não há aposentadorias nem lei eleitoral, nem quadros técnicos bem formados, e Alkatiri, Primeiro-Ministro, prefere guardar as receitas do petróleo, cujo fundo de reserva já soma mais de US\$ 600 milhões, a distribuí-lo demagogicamente entre as pessoas", diz um diplomata europeu que se não identifica. Os três, são amigos desde a adolescência, por isso não se levam muito a sério", diz fonte próxima a Gusmão. "Alkatiri e Gusmão respeitam-se e temem-se igualmente, mas acabam sempre se entendendo", diz um assessor do presidente.

A dupla Alkatiri-Horta é que cedeu. A Igreja, a Austrália, os EUA, o petróleo e a ambição de poder surgem como as questões chaves de uma rixa que começou discreta e se agrava diante da legítima recusa de Alkatiri a demitir-se dado ter sido democraticamente eleito pela maioria da população.

Ramos Horta quer mais que o Ministério da Defesa. Tem todo o apoio e a influência internacional da Igreja Católica que presume contar com 98% de católicos e que não hesitou em catalogar o Primeiro-Ministro como muçulmano e comunista.

Os padres criticaram ferozmente a aposta em separar a Igreja do Estado - há religião opcional nas escolas - e criticam suas políticas sociais como próprias "do Terceiro Mundo mais retrógrado". Alkatiri mandou estudantes com bolsas para Cuba e contratou 500 médicos cubanos para os hospitais públicos.

Segundo uma fonte da cooperação europeia, trata-se de uma luta sem quartel: "O partido de Alkatiri, a Fretilin, é a única organização, além da Igreja, implantada em todo o território. Para os padres locais, é um partido de Marx contra Deus".

Há um ano (abril 2005) os bispos de Díli e Baucau, com a colaboração do embaixador americano, John Rees, homem de confiança de Bush que ajudou a distribuir comida entre os manifestantes, lançaram o primeiro desafio de rua ao Governo "infel" de Alkatiri.

"Ofereceram transporte em autocarros e sanduíches e organizaram um acampamento no centro de Díli. Muita gente gritava: 'Viva Cristo, morte a Alkatiri'", lembra um funcionário da ONU.

A indústria de café do Timor-Leste sofreu um sério golpe com o aumento da violência, que paralisou as operações em meio à temporada da colheita.

Timor volume 3

"A colheita (da nova safra) começou em maio, e seu pico deve ser atingido neste mês. Mas, com todas as estradas fechadas, não há meio de transportar os grãos do interior para as fábricas processadoras", disse o diretor de café e de outras safras do Ministério da Agricultura, Caetano Cristóvão. "No mercado estima-se que a produção atingirá entre 15 e 18 mil toneladas, em comparação com a safra de 2005, apontada entre 10 e 11 mil toneladas. Apenas os pequenos fazendeiros estão colhendo e processando os grãos em máquinas pequenas ou secando-os ao sol", disse Cristóvão.

Em termos globais, Timor-Leste, com uma produção média anual de 7.000 a 10.000 toneladas, é um produtor pequeno entre gigantes, como o Brasil e o Vietname, contribuindo com cerca de 1% da produção global. No entanto, o café não é pouca coisa para a economia desta jovem república, sendo a sua principal fonte de divisas estrangeiras. Um quarto da população (de 947 mil habitantes, em 2005) depende do café para subsistir (Dados: Dow Jones).

CAPÍTULO 2 – A CRISE DE 2006

1. A SITUAÇÃO EM TIMOR 1-11 junho 2006

Nuno Souto, da Austrália, escrevia a JC em 11 de junho de 2006. Uma opinião sobre as opiniões:

Sem dúvidas que estás a bater em muitos pontos certos. A corrente situação quanto a mim é anormal e tem muito a ver também com o facto de o Alkatiri ter sido o único até agora a fazer finca-pé à Austrália na questão dos royalties do petróleo. Portanto, tornou-se "inconveniente".

A Austrália explora as tensões internas da Fretilin para se desfazer dos elementos incomodativos. E claro, daí a exploração do papão das "lutas internas" e do "Leste vs Oeste" e outras coisas do género.

Se bem que historicamente verdadeiras, nunca causaram ataques a Díli ou tentativas de derrubar o Governo, nem nos tempos da outra senhora. Note-se que as revoltas desses tempos NUNCA causaram distúrbios destes em Díli ou ameaças à autoridade. É bem de notar por exemplo que o ACA ("A Current Affair", Canal 9), um programa de notícias aqui de Sidney, mandou dois repórteres para filmarem os desmandos e saques em Díli. Fizeram-no, sem o mais pequeno problema, a falarem com os saqueantes DURANTE os ataques.

No entanto, a tropa australiana encarregada de manter a ordem, queixa-se de que quando chega aos locais da desordem já é "muito tarde" para apanhar alguém.

Ora bem: os repórteres, conseguem filmar os desmandos. Mas a tropa chega muito tarde? Como? Enfim...Nuno Souto

A 2 de junho era anunciado que o general australiano se iria reunir com o líder rebelde Timorense: INACREDITÁVEL. A Austrália é um dos poucos países democráticos no mundo que entrevista os desertores doutros países. Se fosse noutro sítio, e dado que em Timor o Governo foi democraticamente eleito (a ONU disse e nós acreditamos), prendia-se o Reinaldo e o Salsinha por terem incitado à violência, causado homicídios a forças policiais, criarem o caos e tentarem deitar abaixo um Governo democrático.

Se não se acautelam, um dia, um destes homens aparece como futuro Ministro [do interior ou da defesa?] num Governo fantoche criado pela Austrália, como fizeram nas ilhas Salomão. Pode ser que estejamos todos equivocados, mas só nós vemos isto ou todos têm medo de falar? Ninguém estudou as táticas de desestabilização?

Imaginem que isto se passava na Austrália, onde um senhor Primeiro-Ministro Howard (de quem até JC não gosta minimamente) que tratou mal os refugiados e candidatos a imigrante, tratou mal e porcamente os Aborígenes (pior que os seus antecessores).

E se JC publicamente resolvia agir como Reinaldo ou Salsinha e exigir a demissão de John Howard para responder por tais crimes. Sabem o que lhe aconteceria? Ia de cana, em menos dum segundo, por atacar o senhor, líder dum país, democraticamente eleito por uma maioria. Ninguém entrevistaria JC nem quereria saber a sua opinião. Porque é que em Timor TEM DE SER DIFERENTE?

BLOGUE MALAI AZUL QUINTA-FEIRA, JUNHO 08, 2006 VERGONHA. SHAME ON YOU.

Os seguranças do Presidente da República entregaram as armas a militares australianos, que os desarmaram. Mas na Pousada de Maubisse, os australianos nunca tentaram desarmar o Alfredo Reinaldo nem o seu gangue, com os quais convivem alegremente.

Hoje, puseram nas mãos de um dos desertores uma M16, para lhe tirarem a fotografia.

Timor volume 3

Também, não permitiram que a GNR fosse à prisão de Bécora entregar os detidos, sob ameaça de abrirem fogo, se não aceitassem ir desarmados. Não foram.

7 DE JUNHO DE 2006 20:18

Deve ter ficado claro para os mais céticos (ou ingénuos) quais as verdadeiras intenções da Austrália quanto a Timor. Tinha visto na TV, poucas horas antes, um desertor que ameaça o Estado com total liberdade de movimentos e proteção das forças australianas, bem armado, enquanto agora os mesmos que protegem esse traidor viram os canos das armas para os portugueses, talvez por eles terem começado a fazer em 2 dias o que os australianos não fizeram em semanas - começar a fazer detenções e impor a ordem pública.

Razão tinha o Ministro dos Negócios Estrangeiros Português quando recusou a subordinação dos militares portugueses aos australianos. A receção eufórica que o povo dedicou aos portugueses também terá contribuído para a atitude desesperada dos australianos.

Aguarda-se com ansiedade qual a reação de Ramos Horta e Xanana Gusmão, que tanta graxa têm dado à Austrália nos últimos dias. Quero ver até que ponto têm um resto de orgulho e dignidade. Se foi para isso que pediram ajuda a Portugal, então poderíamos ter poupado uns milhõezitos e eles nem chegavam a sair daqui. Ass. Henrique Correia

8 JUNHO 2006 TRIBUNA LUSA, JOSÉ GOMES

Os soldados da GNR em Timor foram bloqueados no Quartel-general, como era previsível. Estamos perante uma situação perigosíssima. A verdade é que Timor foi invadida pelos australianos, que estão para ficar e declarar a falência do estado Timorense.

Portugal tem a obrigação de alertar a comunidade internacional para isso, que já é demasiado evidente.

No dia 25 de maio, reproduzi neste blogue um interessante artigo. Segundo uma fonte muito bem informada, estava em curso um golpe de estado em Timor, comandado pelo Presidente do Banco Mundial, o falcão Paul Wolfowitz e pelos seus links indonésios e australianos. Wolfowitz foi embaixador dos Estados Unidos na Indonésia e tem relações privilegiadas com os serviços de inteligência de Jacarta, que, recentemente conseguiram penetrar no Departamento Australiano de Negócios Estrangeiros (DFAT), nos Serviços Secretos australianos (ASIS), usando esquemas de chantagem para desacreditar pessoas importantes por alegado envolvimento em casos de pedofilia.

Também segundo esse artigo, a Woodside, a maior companhia de petróleo e gás natural da Austrália, teve recentemente uma disputa árdua com o Governo de Timor.

O major Alfredo Reinaldo terá sido o homem contratado pelos australianos para lançar a confusão em Timor, visando a alteração dos contratos com a Woodside.

Há informações que indicam que recebeu apoio e treino de negociantes de armamento australianos, com ligações à administração Bush e a John Howard. Bush e Howard encontraram-se em Washington antes do início da rebelião, para adaptar a Timor o modelo adotado nas ilhas Salomão, depois de ali se ter provocado uma guerra civil. O modelo consiste em provocar uma rebelião, para depois oferecer assistência militar e deixar permanecer essa assistência até à exaustão dos recursos e à declaração de falência do Estado.

Seria, a propósito, muito interessante saber quanto custa por dia a Timor a assistência fornecida pela Austrália. Sintomático é o facto de o Primeiro-Ministro australiano ter aparecido na televisão, logo nos primeiros dias a pedir a demissão de Mário Alkatiri. Ainda mais sintomático é o facto de a mulher de Xanana o ter acompanhado, quando o marido guardava o mais veemente silêncio.

Ao que parece a reação dos australianos foi a de forçarem a «ajuda» entrando no território contra a vontade do Presidente Timorense. Depois de terem entrado no território os australianos forçaram a aceitação da «ajuda» e condicionaram a entrada de outras ajudas, nomeadamente da Malásia e da Nova Zelândia.

O que está a acontecer com a GNR é de todo previsível. Na lógica dos australianos, ou a GNR se coloca sob o Comando australiano ou será considerada hostil. O Governo Português deveria ter previsto isto, deveria ter tido a sensibilidade para perceber que o que se passa em Timor-Leste é uma disputa pelo petróleo, em que participam, de forma ativa e concertada a Woodside e diversas firmas do universo do ex-Presidente Suharto, a ela aliadas e ao Presidente do Banco Mundial, Paul Wolfowitz.

Num pequeno país como Timor o custo de uma rebelião é baixíssimo e altamente lucrativo, tomando em consideração o valor das reservas petrolíferas. Estamos, pela primeira vez no século XXI, perante um golpe de estado à velha maneira americana.

Tenho poucas dúvidas de que a nossa GNR, apoiada pelas tropas fiéis ao Governo, conseguiriam por termo à rebelião e garantir a ordem constitucional. Mas nada pode fazer contra o exército australiano que os chacinará se tentarem bloquear os rebeldes que a Austrália financiou. Hoje foi o primeiro aviso. Portugal Global

8 JUNHO 2006 DO MALAI AZUL, **um leitor escreve SOS. Austrália está a sufocar democracia de Timor. Salvem Timor dos australianos**

A GNR está a ser alvo desde a primeira hora de ameaças veladas australianas.

Timor volume 3

Em 1999 os soldados tinham ordens expressas para não afrontarem os indonésios. Em Díli arderam mais de 20 edifícios fundamentais.

Em 2006 os australianos estão numa política desesperada para fazer cair o Primeiro-Ministro de Timor, de preferência até que o matem. Entraram e não deram segurança ao Primeiro-Ministro e ao Presidente do parlamento.

Uma vergonha de uma premeditação. Só baixaram as orelhas quando as FALINTIL/FDTL mostraram estar ao lado das instituições democráticas, não deixando de mostrar a sua lealdade ao Governo e ao estado...

A Austrália sempre tentou influenciar o rumo dos acontecimentos em Timor-Leste. Hoje fá-lo de forma armada.

Protege os rebeldes contra o estado de direito. Mas a culpa será só deles? Onde está o apelo de Ramos Horta e de Xanana Gusmão para que os australianos desarmem os rebeldes? Ainda não foi ouvido...

Todos falam de queda e resignação de Mari Alkatiri. Ninguém fala de regresso à normalidade?

Timor está ocupado militarmente pelos australianos, querem alterar as leis para terem poderes. Salvem Timor-Leste dos australianos, eles são verdadeiramente os maus da fita! # postado by [Malai Azul](#): 15:32

9 JUNHO 2006 TELEVISÃO AUSTRIANA DENUNCIA «ESQUADRÃO DA MORTE». RAMOS HORTA PEDE INVESTIGAÇÃO

O Ministro Timorense dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, José Ramos Horta, pediu hoje uma investigação urgente sobre um alegado «esquadrão da morte» formado para intimidar e eliminar opositores do Primeiro-ministro e líder da Fretilin, Mari Alkatiri.

A denúncia da existência do «esquadrão da morte» foi feita pelo canal televisivo australiano ABC, que mostrou imagens do grupo recolhidas durante a noite num local não identificado fora de Díli, vendo-se indivíduos com uniformes e armados.

O alegado chefe do grupo, identificado como comandante Railos, afirma que lhes foram dadas 18 armas e 6.000 cartuchos de munições, bem como veículos e uniformes. 20:14 9 junho 2006

9 JUNHO 2006 MARCELO MIKASO, FOLHA DE S. PAULO, PREMIÊ DE TIMOR-LESTE NEGA QUE RAÍZES ÉTNICAS DA CRISE

Há quatro anos a comunidade internacional --o mundo lusófono em particular-- saudou a independência de Timor-Leste como uma vitória da liberdade, após os 27 anos de brutal ocupação indonésia que se seguiram à colonização portuguesa.

Nas últimas semanas o minúsculo país, mais mal colocado no ranking do FMI (PIB per capita de US\$ 400, último colocado entre 192 nações), mergulhou em uma crise que parecia empurrá-lo para a beira da guerra civil e da desintegração. O estopim foi uma rebelião de militares demitidos por indisciplina, mas em poucos dias a violência iniciada por eles tomou conta do país, principalmente da capital, Díli, convertendo-se em caos generalizado e dando margem a ataques de gangues que levaram o Governo a pedir a intervenção de tropas estrangeiras.

No centro do confronto está o premiê Mari Alkatiri, que aprovou a expulsão dos soldados em março, e cuja demissão é exigida pelos rebeldes para suspender os ataques. Em entrevista concedida à Folha em português irretocável Alkatiri, 55, descartou a renúncia, rejeitou as alegações de que a crise atual tem raízes étnicas e reconheceu que a herança institucional deixada pela ONU originou alguns dos problemas atuais.

A seguir, trechos da entrevista, concedida por telefone, de Díli.

Folha - Muitos culpam o Sr. pela atual crise. Há dois dias uma multidão pediu sua saída em Díli. O Sr. aceitaria renunciar se disso dependesse a volta à calma em Timor?

Mari Alkatiri - Eu já ignoro essas exigências. Já respondi várias vezes a isso e não vou voltar a responder sempre que um grupo aparece fazendo exigências.

Folha - Mas o que o Sr. responde àqueles que o acusam pela crise?

Alkatiri - Para fazer exigências as pessoas têm que fazer acusações. E essas acusações contra mim, me culpando pelos problemas do país, não são novas, vêm desde 2002.

Folha - A demissão de 590 militares aprovada pelo Sr. que foi o estopim da crise, foi um erro?

Alkatiri - Em qualquer parte do mundo quem abandona o quartel tem que ser demitido. Aqui há um fenómeno político que se misturou com essa questão disciplinar.

Folha - Uma queixa contra o seu Governo é que o grupo em torno do Sr., permaneceu boa parte do período da ocupação indonésia fora do país, defende um projeto que não atende aos anseios de quem ficou no país, gerando ressentimentos. Há essa discrepância?

Alkatiri - É falsa, pois no meu Governo só 20% estiveram fora do país. E se esse ressentimento existe, as pessoas insatisfeitas com meu Governo não deveriam ter o receio de ir às urnas em 2007 para derrubar o Governo por vias democráticas, não com violência.

Folha - Há também alegações de que entre as raízes da crise estão divergências étnicas entre o leste e o oeste.

Timor volume 3

Alkatiri - Tenho certeza de que a crise é profundamente política. Se o problema fosse étnico já teríamos tido um banho de sangue, porque seriam centenas de milhares de pessoas em confronto, como nos grandes lagos, na África.

Folha - Em artigo publicado no caderno Mais! dois pesquisadores brasileiros afirmam que a adoção do português como língua oficial, apesar de ser falado por menos de 5% da população de Timor-Leste, também gerou ressentimentos. Como o Sr. vê a questão?

Alkatiri - Quando se adotou o português em Angola e Moçambique também não era falado por mais de 5% ou 6% da população e nunca foi fonte de problemas. A verdade é que se realmente isso se tornou um problema é porque outros interesses que são estranhos ao país tentaram usar isso para criar problemas.

Folha - Há quatro anos o mundo saudou a fundação de Timor-Leste como uma vitória da liberdade. Agora o país parece estar se desintegrando em seu próprio caldo de divergências. A guerra civil ainda é um risco?

Alkatiri - Eu nunca acreditei na possibilidade de guerra civil em Timor-Leste. O povo não quer mais guerras. Para evitar isso é que nós pedimos a intervenção de forças internacionais. Agora muito menos acredito que possa haver uma guerra civil. Se não tivéssemos contido os apoiantes do Governo teríamos no mínimo 5, 10 mil pessoas nas ruas para fazer contramanifestação. Até aqui temos conseguido fazer isso e evitar um derramamento de sangue.

Folha - Hoje o Sr. acha que seria melhor não ter respeitado a liderança da ONU?

Alkatiri - Se tivéssemos mudado algo teríamos sido imediatamente condenados por violação dos direitos humanos.

Folha - A pressão para que o Sr. renuncie continua. Em que circunstâncias o Sr. aceitaria deixar o cargo?

Alkatiri - Esqueça essa pressão, porque eu ignoro-a. Renúncia eu não aceito. Ir para as eleições e meu partido perder tudo bem. Isso eu aceito porque sou um democrata.

Folha - O Sr. tem mantido contacto com o Governo brasileiro, gostaria que o Brasil ajudasse de alguma forma?

Alkatiri - Mantemos contacto através do embaixador aqui e da CPLP. O Brasil é um país irmão, amigo, com história comum e identidade cultural, a participação do Brasil em situações difíceis como esta seria ótimo. Temos de encontrar o formato legal para isso.

Folha - Quais as lições desta crise?

Alkatiri - Aprendemos muito com essa crise e espero que possamos fazer o melhor com esse aprendizado. A governação nesses quatro anos tem sido saudada de forma unânime pela comunidade internacional, Banco Mundial e FMI, uma governação transparente, competente. No entanto, falhamos em alguma coisa para isso ter acontecido. Precisamos ter modéstia suficiente para ver onde falhamos e corrigir.

EXPRESSO 10.06.2006

... a força de 1900 militares que o Governo de Camberra enviou para o território esteve seis dias sem fazer uma única detenção nas ruas, na semana mais crítica em Díli, com incêndios, tiros e batalhas campais de pedras em vários bairros da cidade....

os magistrados deslocaram-se ao Quartel-general das tropas australianas para informarem o Oficial da sua disponibilidade para trabalhar 24 horas por dia, assegurando sempre que necessária a presença de um juiz, de um procurador e de um defensor, de modo a procederem ao auto de notícia, ao inquérito e à elaboração do mandado de captura no momento das detenções.

A primeira detenção seria feita apenas no dia 5 de manhã pela GNR, menos de 24 horas após a chegada do contingente português a Díli e ainda sem as suas viaturas de intervenção.

Alguns magistrados que decidiram ficar, apesar de lhes ter sido dada ordem de evacuação pela ONU, manifestaram-se «revoltados» por terem sido ignorados durante tanto tempo, considerando que a posição australiana durante a primeira semana de intervenção pôs em causa a imagem e a solidez do estado de direito em Timor-Leste.

Um sentimento agravado pela proposta australiana de alterar a lei Timorense, de modo a adaptar os procedimentos legais das detenções à realidade judicial australiana e que acabou por ser afastada pelas autoridades Timorenses.

Também a falta de apoio dada pelas forças internacionais na segurança aos edifícios dos tribunais e da Procuradoria-Geral é encarada com perplexidade nos meios judiciais de Díli. O Tribunal de Recurso foi vandalizado, destruídos os gabinetes do Presidente e do legislador e roubados todos os computadores e mesmo os frigoríficos.

10 JUNHO 2006 DN — AUSTRÁLIA ENTREGA À ONU JUSTIÇA E POLÍCIA EM TIMOR POR ARMANDO RAFAEL DN

A Austrália entende que o Estado Timorense falhou e que as autoridades de Díli não estão em condições de recuperar o controlo do país, pelo que deveria ser a ONU a liderar o processo de reconciliação, ajudando a credibilizar as principais funções do Estado, de forma a serem convocadas eleições para maio do próximo ano. O que pressupõe, entre outros aspetos, que a Polícia Timorense pudesse ser comandada por um Oficial estrangeiro, à semelhança do aparelho judiciário do país.

Mesmo que fosse necessário recorrer à nomeação de juizes, procuradores, defensores públicos e até oficiais de justiça internacionais.

Timor volume 3

Já quanto à estabilização, Camberra entende que as forças envolvidas nesse esforço deveriam manter-se sob Comando e controlo do contingente internacional, recusando o chapéu da ONU. É isto que resulta de um documento confidencial australiano a que o DN teve acesso.

A Polícia, as leis, a justiça, tudo nas mãos de estrangeiros... só? Não querem mais nada? Isto vai bem. **Henrique Correia**
11/6/2006

BLOCO DE NOTAS [851]

- 1. Relativamente aos acontecimentos de Timor-Leste, tem sido largamente ignorado pela Comunicação Social portuguesa que, para além da Austrália, há outros atores a seguir tudo com muita atenção. É o caso da Indonésia (ANTARA, 7.6.2006) e da ASEAN em geral. Importa seguir com atenção a questão deste prisma, até porque poderá haver novidades em breve. [00:49]*
- 2. Outra coisa que a Comunicação Social portuguesa tem esquecido: os motins de 4 de dezembro de 2002 em Díli. Houve, supostamente, pelo menos dois relatórios sobre os acontecimentos, um do Governo de Timor-Leste e outro da ONU. Nunca foram divulgadas as conclusões. Talvez agora se possa saber alguma coisa? [00:52]*
- 3. A Austrália, evidentemente, não vê com bons olhos a presença da GNR. A estratégia australiana é muito clara: depois desta fase inicial de atrito, Camberra vai aumentar significativamente o seu contingente policial para diluir o peso da GNR e, de seguida, enquadrar a componente policial da intervenção -- mas não a militar -- ao abrigo de uma Resolução do Conselho de Segurança da ONU. Será uma questão de tempo até que a GNR, ao serviço da ONU, fique sob Comando unificado... australiano! [00:59]*
- 4. Já disse e volto a repetir: não fala grosso quem quer, fala grosso quem pode. Quando um Ministro esquece este princípio elementar está aberto o caminho para uma humilhação. [02:05]*
- 5. Nos países a sério, os militares e os diplomatas na reforma costumam desempenhar o papel de consciência crítica. Na prática dizem aquilo que os seus colegas no ativo não podem nem devem dizer. Em Portugal, na área da Defesa, Loureiro dos Santos desempenha parcialmente esse papel. Na área diplomática, infelizmente, ninguém tem uma função semelhante. [02:09]*

10.06.2006 JORNAL DE NOTÍCIAS MAUBERE, *Os novos rebeldes da montanha*

Estão quietos, à espera. Argumentam que não querem uma guerra civil, mas não aceitam outra condição para voltarem das montanhas senão a demissão e o julgamento do Primeiro-ministro Mari Alkatiri, que acusam de ter mandado matar civis inocentes.

Timor é um território tortuoso. As distâncias são mais longas do que parecem. Basta sair de Díli para perceber que só há um caminho de ida e volta para chegar a qualquer lugar.

Prólogo: a 28 de abril, os militares leais ao general Taur Matan Ruak e à hierarquia das FDTL (as Forças Armadas criadas em 2001 com a incorporação de antigos guerrilheiros das Falintil e de novos recrutas) envolveram-se em confrontos com 600 desertores do Exército e centenas de civis que se manifestaram frente ao Palácio do Governo.

Os desertores exigiam que fossem investigadas algumas altas patentes do Exército (os Coronéis Lere Anan e Falur), acusadas de discriminar os soldados Loromonu, oriundos dos concelhos mais ocidentais do país, por nem eles nem ninguém das suas famílias terem pegado em armas para lutar contra o regime de Jacarta. Nessa sexta-feira à tarde começou a revolta.

Desde então, vários grupos de militares Loromonu e também de polícias rebeldes foram refugiar-se em locais considerados seguros, no interior do país, perto das terras onde nasceram.

Na capital, os soldados das FDTL estão retidos nos quartéis, sob a vigilância das forças internacionais, mas os conflitos entre os civis nos bairros são inevitáveis. Na prática, é a única cidade no país onde Lorosae (oriundos dos distritos de leste: Baucau, Lospalos e Viqueque) e Loromonu (oriundos dos outros distritos, representando dois terços da população) coabitam. Estão demasiado próximos para não se agredirem. Por isso as coisas estão tão calmas nas montanhas: lá, não se misturam.

São precisas quase duas horas de carro para ir até Gleno, no concelho de Ermera, a 40 quilómetros de Díli.

No mercado ao ar livre qualquer vendedor diz onde está o cabecilha dos 600 desertores conhecidos por peticionários (por terem feito uma petição em janeiro a Xanana Gusmão, exigindo a investigação dos tais dois Coronéis e do general Matan Ruak).

O tenente Salsinha e duas ou três dezenas dos seus homens ocuparam um antigo orfanato abandonado. É ali que dormem, sem vidros nas janelas, sem luz ou água. Vestem-se à civil e, aparentemente, não têm armas. Nas paredes do orfanato, alguns soldados reproduziram o que chamam «massacre de Raikotu», desenhando militares armados das Falintil a disparar sobre mulheres e crianças.

Todos os rebeldes falam desse momento: a tarde de sexta-feira, dia 28 de abril, quando ao voltarem da manifestação no Palácio do Governo para Raikotu, no limite ocidental da cidade, já depois do aeroporto e muito perto do Quartel-general de Matan Ruak, os peticionários dizem ter sido atacados pelas costas por um batalhão de 105 homens do coronel Lere Anan, o número dois das Forças Armadas. Em Díli, nos bairros Loromonu, fala-se de 50 a 60 mortos civis.

Os desertores que se concentraram em Gleno com o tenente Salsinha levaram três dias para fazer o caminho a pé. Sabem apenas que as outras centenas de colegas foram para as suas terras, espalhando-se pelos concelhos Loromonu do país, mas não têm notícias deles.

No hospital nacional de Díli, e de acordo com o diretor António Caleres Júnior, nesse dia e no dia seguinte deram entrada nas urgências quatro mortos (identificados ao EXPRESSO) e mais de 60 feridos. Todos civis baleados. «Supunha-se terem ficado

Timor volume 3

hospitalizados, mas naquele fim de semana as famílias vieram buscá-los à pressa». Estavam com medo das Falintil. Metade dos feridos encontrava-se em estado grave.

A dois quilómetros do orfanato ocupado pelos peticionários, um outro grupo de militares acantonou-se numa casa modesta com dois ou três quartos e alguns anexos. Ao contrário dos peticionários, estão armados e não se consideram desertores. «Eu e o major Tara saímos dos quartéis no dia 3 de maio e viemos com 32 homens para as montanhas por solidariedade, para defender o povo e os nossos colegas Loromonu», explica o major Marcos Tilman.

Mais tarde chegaram também 21 polícias civis Loromonu, assim que os conflitos dentro da Polícia Nacional de Timor-Leste estalaram entre etnias, num contágio em cadeia.

Reunidos em Ermera, reorganizaram-se e estão agora a viver como uma unidade militar normal, com o organograma hierárquico pendurado na porta da casa, postos de vigia montados e uma escala de turnos.

A população está do lado deles e a entrada em Ermera é detetada com muita antecendência, dando-lhes tempo de reação para se esconderem no mato. «O Primeiro-Ministro tem de se demitir e de se submeter ao tribunal internacional. Ele é um criminoso porque deu ordens para disparar sobre pessoas inocentes», argumenta o major Marcos.

No dia 7 de maio, um terceiro grupo ainda veio reforçar as forças rebeldes: o major Alfredo Reinaldo, Comandante da Polícia militar, com mais 17 homens, também armados e também não se assumindo como desertores.

A coordenação operacional dos três grupos foi-lhe passada para as mãos. Colega de carteira dos majores Marcos e Tara no curso para graduados das Forças Armadas em 2001 é o Oficial com maior experiência de Comando.

Um novo episódio obrigou, no entanto, Alfredo a mudar de poiso para a pousada de Maubisse.

No dia 23 de maio, na mesma altura em que os majores Marcos e Tara reuniam com o Ministro Ramos Horta em Suai, não muito longe de Ermera, acertando com ele as condições mínimas para começar um diálogo com o general Matan Ruak, o major Alfredo atacou uma coluna das FDTL, matando dois militares.

Dois dias depois, alguns elementos das Falintil retaliariam, matando em Díli nove polícias Loromonu desarmados. Em Maubisse, vigiado por tropas australianas, Alfredo continua a ser o líder militar máximo dos rebeldes.

«Não acredito em nada do que Alkatiri diz. Não há diálogo enquanto ele for Primeiro-ministro». Reportagem de [Micael Pereira](#) (texto e fotografias), enviado a Timor.



2. TIMOR A 1ª NAÇÃO DO SÉCULO XXI ou 2º PROTETORADO DO SÉCULO...

Vejamos as exigências dos revoltosos na montanha e dalguns líderes de partidos minoritários (pouco representativos, mas bem vocais) que temem repetir os resultados das últimas eleições. Dizem-se ameaçados.

Exigências de todos os que são facilmente manipulados em troca duns pequenos nada.

Se recuarmos a 1975 veremos que, então, se compravam votos com sacos de arroz e transístores. Se retrocedermos mais vemos como foram os acordos entre as tribos, quer contra Portugal, quer entre si e contra outras tribos (Timor-Leste o dossier secreto 1973-1975).

O que poucos parecem ver é que Timor caiu por causa da política do dominó de Kissinger em 1975. Está em riscos de cair outra vez. O porta-voz de então atualmente domina a cena da Comunicação Social internacional.

Como sempre, Ramos Horta, talvez por saber que já não tem margem para chegar a Secretário-Geral da ONU contenta-se com as migalhas de futuro líder de Timor. Com ou sem Xanana, porque este é ainda uma incógnita, depois de ter levado ao extremo a sua leitura dos poderes presidenciais na atual Constituição. As pressões para que continue com todos os poderes atuais, e mais alguns, é um ótimo remédio para um regime semidemocrático ou para um regime presidencialista.

Nas mãos dum bom títere dominado pelos interesses de Camberra poderia ser um ótimo autocrata duma ditadura, mais ou menos benévola, suportada pelas forças internacionais lideradas pela Austrália.

Os interesses do petróleo em jogo são de tal forma elevados que a maioria das pessoas nem se apercebe destas boas intenções e da repetição de que o Governo atual falhou.

Reparem que o Governo (australiano) que diz isto tudo "a bem de Timor" é o mesmo que acaba de reconhecer ter prendido dezenas de cidadãos seus ilegalmente por pensar que eram ilegais a tentarem imigrar.

Agora já nos massacram todos os dias com a história dos esquadrões de morte (novo acelerar do Plano B, para a deposição do governo), com as reivindicações de soldados desertores e traidores (em férias na Pousada de Maubisse e em Gleno), com as pseudoameaças contra a vida de líderes de partidos da oposição (de quem não ouvimos uma palavra nos últimos anos).

Fala-se em mortos (que ninguém viu) cujas famílias não os choram.

Confinam-se as forças da GNR ao canto mais problemático de Díli com a ameaça de serem desarmados se não obedecerem ao xerife australiano. Não se ouvem vozes para a reposição da legalidade constitucional democrática.

Só se fala num Governo de transição que, obviamente, não terá poderes para fazer nada, a não ser o que o xerife mandar.

Timor volume 3

Assistimos incrédulos a uma guerra em que se proclama que os jovens mais cedo ou mais tarde vão deixar de ter o Português como uma das línguas oficiais. Depois, só arranjarão emprego se falarem o Inglês dos seus novos amos. Idêntico ao que aconteceu no tempo indonésio.

Nenhum dos políticos Timorenses está neste momento a pensar naquilo que será melhor para o povo Timorense. Aprenderam com os políticos portugueses. Sabem a história de desuniões e de intrigas ancestrais que caracterizam Timor. Preocupam-se mais em estabelecer as suas áreas de influência. Manter velhos feudos. Não há interesse pessoal em se unirem a favor da reconciliação nacional.

JC lembra-se bem do que se passava, em Timor sob ocupação indonésia, quando ainda era Correspondente no Estrangeiro [Lusa, RDP, Público, etc.]. As reuniões semanais infintas em Sidney com Ramos Horta e João Carrascalão, e mais esporádicas com Roque Rodrigues, Ágio Pereira, Lola Reis e outros porta-vozes ou membros da Resistência Timorense. Eram caracterizadas por desinteligências profundas. Ancestrais ódios mal dissimulados. Uma espécie de revanchismo pelas atitudes que cada um tomara no passado. Em mais de uma ocasião, ameaçara deixar de reportar a luta clandestina. Até que se entendessem e se unissem. Alertava-os para o beneficiário direto daqueles desencontros, a Indonésia. Por vezes, muitas vezes, a maior parte das vezes, fora difícil chegar a um consenso. Conseguira-o.

Nada do que se passa o surpreende.

Como escrevera JC em 1997:

“O regresso [dos Timorenses a Timor independente] seria marcado por profundas diferenças. Os refugiados da Austrália aceitarão de forma pacífica os colaboracionistas que ali permaneceram, voluntária ou involuntariamente? Que conexões terão os filhos desses, que colaborando ou não, forçosamente ali ficaram com os que falam Inglês ou português? Nenhuma, pois provavelmente apenas poderão comunicar através de Bahasa Indonésia. Em tal contexto e partindo do princípio que a guerrilha e a oposição civil conseguiam libertar o país do jugo javanês, seriam poupados os milhares de pessoas que coabitaram com os indonésios, como forma de sobreviverem?

Por outro lado, pondo questões morais de parte, há um ‘fait accompli’ na presença indonésia, por voluntária ausência dos portugueses e lutas internas, naquilo que se designou a guerra civil e apenas durou de agosto a setembro 1975.

Famílias separadas por três continentes, sem hipóteses de reunião, devem esperar o futuro confiantes de que o bom senso vai prevalecer, com a sua dose de realismo, para permitir àqueles que saíram de Timor se poderem reunir aos que labutam em Portugal, Macau e Austrália.

Para os outros, há que continuar a insistir para que os organismos internacionais descubram uma fórmula para tornarem a situação menos injusta e menos dolorosa.

A sobrevivência do povo maubere depende apenas dele e da sua adaptação, do seu querer, do seu saber manter a cultura tradicional em atmosferas humanas modernísticas.

O Governo Australiano – depois de silenciosamente assistir à destruição da ex-colónia Portuguesa – ignora os problemas sociais que diariamente se acumulam e quotidianamente são enfrentados pelos Timorenses.

As dúvidas, a distância e o tempo não ajudam a sarar as feridas de que enfermam os Timorenses aqui residentes. O futuro pode ser mais sombrio do que o passado e o presente...”

Hoje, mais do que nunca, era importante saber-se que existe um Governo a funcionar em Díli. Parece que funciona na maior parte do território. Funciona como o Império Português, na maior parte dos casos, por omissão mais do que por ação.

Seria importante saber que medidas Xanana pode implementar sem aprofundar mais as feridas por sarar de tantos Timorenses, apoiando-se no ambicioso Ramos Horta cujo limite parece ser o infinito. Desde que alguém o apoie ele acredita que vai chegar lá, seja lá onde for...

A política dos meios de Comunicação Social australianos seguindo a política governamental (cada vez há menos vozes discordantes nos mass media australianos) tem até à exaustão criado conflitos e denegrido a posição de Mari Alkatiri.

Quem substituí-lo à força para que as concessões de petróleo e as disputas sobre fronteiras marítimas sejam resolvidas a favor de Camberra.

Todos os dias surgem novidades “Alkatiri criou esquadrões da morte”, “Alkatiri armou a Fretilin”, “Alkatiri mandou matar a oposição”, “Alkatiri não sabe governar nem tem condições para governar”, “os revoltosos exigem a demissão de Alkatiri”, e tantos outros títulos repetidos até à exaustão em tantas e tantas notícias dos jornais e televisões de todo o mundo.

Timor volume 3

Fazem recordar a lengalenga dos anos 70 a insistir que a Fretilin era comunista, tinha alianças com a República Popular da China e era uma ameaça à paz e estabilidade asiáticas...

Os EUA (estes EUA de Bush nada têm a ver com os de Clinton) têm uma dívida para com a Austrália e o seu apoio à ação norte-americana no Iraque. Por isso irão votar a favor de qualquer proposta australiana que surja na ONU.

A Grã-Bretanha também tem a sua agenda ligada aos EUA e Austrália e desconhece-se quantos países poderiam apoiar iniciativas portuguesas que contrabalançassem a posição do xerife australiano.

Por outro lado, a ASEAN, liderada pela Indonésia, aproveitará para se vingar da independência de Timor, por mais maturidade que alguns dos seus líderes clamem ter.

Não se vislumbra assim nenhum cenário favorável a evitar que Timor se torne num protetorado australiano, de acordo com uma política delineada e premeditada há muito.

Será que Timor ainda pode dizer BASTA depois de ter pedido a intervenção estrangeira? Quem o iria fazer se não for Alkatiri?

Xanana pode estar tentado a ceder às inúmeras pressões dos seus amigos australianos e apaziguar os revoltosos, deixando cair o atual Governo, criando um vácuo constitucional conducente a futuros golpes de estado.

A Igreja, solicita, ajudará a dar-lhe o apoio de vastos setores representativos da sociedade Timorense, se bem que não referendados pelas urnas.

Ramos Horta todos os dias se diz disponível para Primeiro-ministro, para criticar Alkatiri ou para exigir mais um inquérito às alegações sobre este, por mais disparatadas que sejam.

A ONU só decidirá a 20 de junho. Até lá continuam a mandar os australianos sem imporem a ordem, que isso não lhes convém, e por isso queriam a GNR confinada a Comoro.

Vão também proteger os revoltosos e todos os que atacarem Alkatiri ou se digam vítimas deste.

Vão surgir mais deputados e membros da sociedade Timorense a clamar a destituição do Governo, sempre apoiados por pedidos de inquérito e de notícias dos meios de comunicação australianos.

Vai haver mais prédios ardidos e uns tantos atos de vingança nas casas e propriedades doutros para ajuste de contas antigas.

O Governo em Díli totalmente manietado vai-se mostrar impotente e logo, incapaz de governar. Isto fará erguer, ainda mais alto, o clamor para a sua substituição em nome dum alegado Governo de unidade nacional que só irá fragmentar ainda mais a sociedade entre Fretilin e o resto do país.

Não era esta a receita da guerra civil em agosto de 1975? Era, mas a de então era orquestrada pela Indonésia enquanto esta é orquestrada pela Austrália com a conivência e colaboração ativa de nomes sonantes da vida política Timorense.

A história repete-se. Alguns dos intervenientes são ainda os mesmos.

Desculpem a pergunta, mas quem é que se vai lixar outra vez? O desgraçado do Timorense, desempregado, pobre, inculto pois vai continuar a ser manipulado como sempre foi. O povo Timorense irá fazer o que os líderes lhes disserem. Tal como, antigamente, fazia quando os Régulos e liurais mandavam. A história repete-se e reproduz-se. Ninguém o ensinou a ler, nem lhe deu livros. Não sabe que essa tem sido a sua vocação ao longo de cinco séculos de colonialismos.

Parece fadado a repetir esse ciclo autofágico. O que parece certo é que vai haver paz em Timor, mesmo que seja a paz podre que já se antecipa.

O campeonato mundial de futebol, dentro de dias, vai ajudar a que aquilo que lá se passa fique despercebido por entre o interesse nacionalístico das equipas de vários países a sonharem com a Taça.

Os interessados irão manter-se empenhados.

Os leitores de jornais irão desmotivar e encolher os ombros.

Sabe-se que Portugal não tem cotação nos mercados diplomáticos internacionais para ombrear com a Austrália e EUA. Limitar-se-á a erguer a sua voz isolada.

A CPLP não existe e não se fará ouvir ou será despicienda e o Brasil, longe, anda preocupado com os mensalões e outras corrupções.

Desde abril que JC vive dominado por eventos internacionais que lhe tocam demasiado perto para não se exprimir da única forma que sempre soube, escrevendo, lendo, narrando, tirando analogias e conclusões.

Timor volume 3

Sabe-se como passou uma parte enorme da sua vida dedicada a eles. Referimo-nos, como é óbvio, a Timor-Leste para onde fora convidado a ir em agosto a um Fórum Internacional sobre a Língua Portuguesa.

Seria a sua primeira visita depois de 31 anos de ausência. Andava todo entusiasmado com a perspetiva desse retorno histórico. Quis o destino que tudo ficasse sem efeito.

Uma vez mais os políticos se encarregaram de evitar o seu regresso. Também não se preocuparam em convidá-lo quando se tornaram independentes. Será a maldição de nunca mais regressar a Timor uma realidade?

Adiante se irão percorrer pequenos comentários a notícias que foram surgindo ao longo da crise antes de regressar à realidade açoriana onde JC vive atualmente e que é menos conturbada.

21 JUNHO DE 06 PORTUGAL DIÁRIO. REGISTO CIVIL DESTRUÍDO. MORADORES CULPAM INAÇÃO DAS TROPAS AUSTRALIANAS

Um incêndio de origem criminosa destruiu hoje o Registo Civil de Comoro, na zona ocidental de Díli, cujos moradores atribuíram a ocorrência do sinistro à inação das tropas australianas presentes na capital de Timor-Leste.

Um morador em Comoro, que pediu para não ser identificado, contou à Lusa que, há quatro dias, já se tinha registado um incêndio no edifício «rapidamente combatido pelos bombeiros.

Depois esteve aqui a GNR, mas hoje, com a chegada dos australianos, e porque esta é a zona deles, os portugueses foram-se embora», disse a mesma fonte, referindo-se às zonas de atuação das forças internacionais presentes em Timor-Leste.

«Poucas horas depois, foi a vez de os australianos abandonarem o local e o resultado foi este. Perderam-se os poucos documentos que não foram possível retirar», acrescentou.

O incidente registou-se durante a tarde e os responsáveis pelo incêndio não foram identificados pelos moradores.

A área onde se situava o Registo Civil fica em Comoro, bairro sob jurisdição da GNR, mas dentro da zona de intervenção das forças militares australianas.

Apesar disso, efetivos da GNR mantiveram-se três dias no local, devido à ausência dos australianos e correspondendo a um pedido do Ministro da Justiça Timorense, Domingos Sarmento, devido à existência de «informação vital», conforme disse à Lusa fonte oficial.

No edifício encontravam-se documentos referentes a registos de pessoas e de propriedades. O Comandante operacional da GNR, capitão Gonçalo Carvalho, confirmou que efetivos portugueses se mantiveram três dias na área para garantir a segurança do edifício, ao lado de uma esquadra da Polícia Nacional de Timor-Leste.

Segundo os bombeiros de Díli, registou-se mais um sinistro da parte da tarde, no bairro de Bécora, onde arderam três casas, junto ao terminal rodoviário. Não se registaram vítimas nos dois incêndios.

Comentário JC: Logo que a GNR sai de Comoro os australianos deixam mais um fogo atear...não há ninguém que fale sobre isto ou que peça a saída das tropas australianas? Convém apenas lembrar que existem disputas sobre titularidade de propriedade desde 1974, envolvendo sobretudo Timorenses e indonésios.

21-06-2006 9:39:00. FONTE LUSA. XANANA GUSMÃO EXIGE DEMISSÃO MARI ALKATIRI POR "PERDA DE CONFIANÇA"

Lisboa, 21 junho (Lusa) - O Presidente Timorense, Xanana Gusmão, exigiu a demissão do Primeiro-Ministro, Mari Alkatiri, por considerar já não merecer a sua confiança, numa carta enviada ao Chefe do Governo. Na carta, Xanana Gusmão refere-se a um programa da série "Four Corners" transmitido pelo canal televisivo australiano ABC, explicando a Mari Alkatiri que no documentário são feitas "graves denúncias sobre o seu envolvimento na distribuição de armas a civis".

"Tendo visto o programa 'Four Corners', que me chocou imensamente, só me resta dar-lhe oportunidade para decidir: ou resigna ou, depois de ouvido o Conselho de Estado, o demitirei, porque deixou de merecer a minha confiança, enquanto Presidente da República", escreve Xanana Gusmão. "Espero uma resposta sua até às 17h00 de hoje, 20 de junho de 2006", lê-se na missiva assinada por Xanana Gusmão". ASP. Lusa/Fim

Comentário JC: a crise que já era surrealista assume contornos inequívocos. Agora temos um ex-conceituado programa de televisão australiana a demitir o Primeiro-Ministro de Timor.

Sempre pensara que Mari Alkatiri perdera a confiança de Xanana. Se for demitido por causa dum programa de televisão, cujos argumentos já foram refutados nestas páginas ou postos em dúvida, parece ser demais. Espera-se ansiosamente que a televisão australiana indique quem será o novo Primeiro-Ministro.

22 JUNHO LUSA — XANANA ACUSA A FRETILIN

O presidente Xanana Gusmão, acusou hoje a direção da Fretilin de ter comprado os votos dos delegados ao recente Congresso do partido no poder, questionando a sua legitimidade.

Numa mensagem ao país, em tétum, Xanana Gusmão lembrou que a direção da Fretilin, liderada por Mari Alkatiri, saída do Congresso realizado em Díli de 17 a 20 de maio passado, foi eleita por braço no ar, em vez de voto secreto.

A este propósito, Xanana Gusmão invocou a lei dos partidos políticos para questionar a legitimidade da direção da Fretilin.

No Congresso, Mari Alkatiri foi eleito Secretário-Geral do partido com 97,1 por cento dos votos. EL/PNG. Lusa/Fim

Timor volume 3

Comentário JC: É pena que tenha demorado um mês para formular estas acusações.

Será que as prova ou espera que a ABC e Four Corners façam um programa sobre o assunto?

Este Xanana ou é diferente daquele que nós conhecíamos ou está a ser manipulado.

No entanto, para quem conhece a lei, Xanana não tem poderes constitucionais para exigir a demissão do Primeiro-Ministro, de acordo com o Artigo 112.º (Demissão do Governo)

1. Implicam a demissão do Governo:

a) O início da nova legislatura;

b) A aceitação pelo Presidente da República do pedido de demissão apresentado pelo Primeiro-Ministro;

c) A morte ou impossibilidade física permanente do Primeiro-Ministro;

d) A rejeição do programa do Governo pela segunda vez consecutiva;

e) A não aprovação de um voto de confiança;

f) A aprovação de uma moção de censura por uma maioria absoluta dos Deputados em efetividade de funções.

2. O Presidente da República só pode demitir o Primeiro-Ministro nos casos previstos no número anterior e quando se mostre necessário para assegurar o normal funcionamento das instituições democráticas ouvido o Conselho de Estado.

22 JUNHO DE 06 PREMIÊ TIMORENSE DEVE RENUNCIAR, DEFENDEM PARTIDÁRIOS

_Díli, 21 Jun. (Lusa) - A oposição interna na Fretilin, defendeu em coletiva de imprensa a demissão de Mari Alkatiri dos cargos de Primeiro-ministro e de Secretário-Geral do partido.

Segundo Vicente Ximenes "Maubosy", antigo membro do comité central, Alkatiri deve "poupar o partido e o país de mais danos". "Quanto maior a demora (na demissão de Alkatiri), maior será o sofrimento do povo", disse.

Maubosy estava acompanhado do Secretário de Estado para a Coordenação da Região III, Egídio de Jesus, e do ex-embaixador em Camberra, Jorge Teme.

Na convenção realizada em maio, a oposição interna apresentou-se unida em torno da candidatura do embaixador nos EUA e nas Nações Unidas, José Luís Guterres. No entanto, Guterres desistiu de concorrer porque o voto não seria secreto, deixando Alkatiri se reeleger como Secretário-Geral do partido, com 97,1% dos votos.

Em carta enviada ontem ao Primeiro-Ministro, o Presidente Xanana Gusmão, exigiu sua renúncia, afirmando ter perdido a confiança em Alkatiri. O Chefe de Governo é acusado de ter montado um grupo, com armas e fardas da Polícia Nacional, para exterminar adversários políticos.

O Ministério Público iniciou a investigação sobre o envolvimento do ex-ministro Rogério Lobato, que fez a distribuição das armas.

Comentário JC: A Lusa (Brasil) "esqueceu-se" de dizer que esta oposição interna de Maubosy, Teme, José Luís Guterres, foi esmagada no último Congresso da Fretilin em maio. De repente aparece o número de 37 mortos em vez de 21. Onde estão os corpos? Quem fez a contagem?

Sabe-se que as democracias ocidentais nem sempre podem ser exportadas para nações onde a mera noção do cumprimento da lei é estranha, mas deve favorecer-se o primado da lei e não das emoções.

Crê-se que Lobato, Alkatiri e tantos outros (a começar pelos oficiais revoltosos) devem ser julgados pelos Códigos [civis, penais e militares] já existentes e aplicáveis, em vez de o serem pelos jornais e pelos interesses mal dissimulados do Governo Australiano.

O problema a que se assiste agora, uma vez mais, é que as feridas de agosto 1975 nunca sararam.

Ao contrário da tentativa de reconciliação de Xanana com os indonésios. Estão todas à tona, entre os que são e os que não são da Fretilin (lideradas por Xanana e alguma oposição no seio do parlamento).

Neste momento, todos os Timorenses estão de novo a ser joguetes entre estas duas forças, sabiamente manipulados pelos australianos, norte-americanos. Peões de todos e dos jogos de influência e ânsia de poder de Ramos Horta (para mencionar apenas o mais vocal e visível) entre tantos outros.

Por isso, era fundamental que a lei fosse respeitada e cumprida e os seus prevaricadores ouvidos, julgados e condenados, se fosse caso disso. A demissão dum Governo democraticamente eleito é um péssimo serviço à futura democracia do jovem país.

Claro que a Austrália não se importa. Já decidiu que tipo de protetorado ali vai implantar com a complacência do mundo ocidental e o beneplácito dos americanos [como um primo de JC insiste em tratá-los, perdão, americanos]. No fundo será a solução deste país que prevalecerá e os milhares de refugiados vão regressar a suas terras. Casas já não terão a acreditar nas promessas dos novos messias que irão surgir desta embrulhada, chamem-se eles o que se chamarem.

Uma vez mais foi o pobre e martirizado povo de Timor quem se lixou. Os mandantes ficam a rir-se da sua esper-teza salaia, das suas vitórias e do seu poder adquirido. É para isto que JC alerta. Não defende Xanana, nem Alkatiri. Nem qualquer outro mero eleito por mais autocrático ou menos democrático que seja. A história repete-se. Ninguém a

Timor volume 3

leu, nem mesmo depois de publicar longos extratos. O povo sairá mais pobre. Alguns sairão mais ricos. Sempre aconteceu ao longo da história.

Viva a descolonização exemplar de Portugal. Viva a história de sucesso da ONU em Timor.

Viva a ajuda imprescindível da Austrália para por ordem em tudo. Daqui a uns anos vamos ter guerrilhas em Timor a lutar contra a exploração colonial australiana mas isso fica para outra conversa...

DOMINGO, JUNHO 25 BLOGUE CAUSA NOSSA. - PRESIDENTE NÃO SE DEMITA. DEMITA-O! ANA GOMES

Presidente - não se demita. Demita-o! É o teor de um SMS que acabo de enviar ao Presidente Xanana! Interferência nos assuntos internos, acusar-me-ão. Eu não sou Governo, sou deputada, cidadã portuguesa e amiga de Timor-Leste.

Trabalhei muito por ver o povo de Timor-Leste livre e independente e não vou assistir impávida a que um punhado de casmurros de matriz totalitária precipite de novo o país no caos. "Interferi" muito, antes, por Timor-Leste e não me arrependo.

É preciso que em Portugal se entenda que Mari Alkatiri até hoje não juntou os milhares de manifestantes da Fretilin, que diz estar a reter para não provocar mais perturbações, pura e simplesmente porque não os tem.

Os militantes de base da Fretilin são quem está mais desapontado com os falhanços deste Governo. Alguns membros do Governo também o sabem - e por isso se estão a demitir.

Vejam o que disse a Micató, Domingas Alves, uma militante da Fretilin que se destacou na resistência no interior durante a opressão indonésia, quando se demitiu ontem do cargo de conselheira do PM para a igualdade das mulheres.

Os militantes da Fretilin que estão próximos do povo sabem bem que o povo - por justas e injustas razões - odeia Mari Alkatiri e outros membros do seu Governo. Sabem bem que muitos e graves erros foram cometidos, que inviabilizam que Mari Alkatiri continue à frente da governação.

Eles não podem deixar que a obstinação de um punhado de gente arrogante e desligada da realidade arraste mais o país para o caos. [Publicado por AG] 25.6.06

Comentário JC: Exmo. Senhor Presidente Aníbal Cavaco e Silva

Por favor demita esta deputada portuguesa. Pode ter sido uma boa embaixadora de Portugal em Jacarta mas passou-se, de vez.

Sei que não tem poderes na Constituição para o fazer e que ela foi livremente eleita, mas depois do arrazoado abaixo e doutros anteriores nada mais lhe resta senão demiti-la.

Se não se demitir ameaça o senhor demitir-se. A ficção - cada vez mais - imita a realidade, seria cómico se não fosse trágico

SÁBADO, JUNHO 24, 2006 SERIA DE ANTOLOGIA... A COZINHA NO CENTRO DA POLÍTICA INTERNACIONAL, anónimo séc. XX <http://anonimosecxi.blogspot.com/2006/06/seria-de-antologia.html>

No editorial de hoje do DN, Eduardo Dâmaso critica a influência da mulher Kirsty sobre Xanana.

JC também achara desbocada a entrevista dada há algumas semanas a uma rádio australiana mas, o que hoje lhe despertou a atenção, foi o facto de Dâmaso achar que Kirsty só fala na cozinha.

Xanana Gusmão "pôs o país em alvoroço dizendo em papel timbrado e com a solenidade das declarações de Estado o que a sua mulher diz habitualmente na cozinha lá de casa". E por que não na sala? Ou no quarto? Ou mesmo na casa de banho? Enquanto um toma duche o outro lava a cara e conversam... Ou será que Kirsty só tem lugar na cozinha como todas as mulheres?

Dâmaso admite que Kirsty, além da cozinha, também fala "em incursões pelos bairros pobres de Díli".

É aquela costela social que elas também têm...postado by Susana 22.6.06

Este texto - para que o albergue dos danados chamou a atenção, seria de antologia, sobre o machismo ideológico que nos envenena, se não fosse, também, antológico de como batalhas nossas nos podem distrair ou despriorizar o que, no momento, é fundamental. Falo de Timor.

Não quero saber se Kirsty é lady ou lorde, se falou na cozinha, no salão ou sentada na sanita enquanto Xanana fazia a barba, quero é sublinhar que falou e o que disse, não por ser uma desbocada mas por ter sido muito grave - e elucidativo -, embora com a grande vantagem de também ter sido uma verdadeira denúncia anunciada do que o presidencial esposo viria a dizer, depois do que, outros e eles, têm vindo a fazer contra um Governo que foi eleito pelos Timorenses contra suas excelsas vontades e que contra seus interesses vem governando.

Vejam-se que não menos machista é a função distribuída às "primeiras damas" de fazerem incursões pelos bairros pobres e degradados enquanto os "primeiros damos" concretizam as políticas que criam os pobres dos bairros e os degradam.

Timor volume 3

O que me choca, e de forma em que a angústia se imiscui e só pode ser vencida com a certeza de que as esperanças renascem nas lutas que continuam depois de cada assassinio das esperanças aparentemente concretizadas, é o que têm sido as traições a este povo de Timor.

Mas a vitória final não será a dos não vêm lágrimas, mas apenas petróleo.

Postado by Sérgio Ribeiro

Comentário: GR disse...

Esta ex-jornalista australiana fez, críticas sobre a política interna, pronunciou-se sobre posições (não difundidas até à altura) do PR de Timor. Criou maior instabilidade com as suas afirmações, quer nacional como internacionalmente.

É triste que a senhora Kirsty Sword, não passe de uma moça de recados do PR Timorense.

Mas só se confirma o tipo de Presidente que Timor tem.

Em que país um PR manda a esposa dar recados, preparar a população, para dias depois ele vir dizer a mesma coisa? Ou será Kirsty Sword, uma agente australiana e Xanana anda sob as suas ordens?

Seja a situação qual for, o povo de Timor não merecia tal sorte! Quantos irão morrer, por não quererem estar sob jurisdição da Austrália? GR

24 PARA 25 DE JUNHO DE 2006 JORGE HEITOR, PÚBLICO: JOSÉ RAMOS HORTA DEMISSIONÁRIO. FRETILIN NÃO ACEITA QUE MARI ALKATIRI SE DIMITA

José Manuel Ramos Horta demitiu-se ontem de Ministro Timorense dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, depois de o Comité Central (CC) da Fretilin, reunido em sessão extraordinária, não haver aceitado a saída do Primeiro-ministro Mari Alkatiri; ao contrário do que ele havia antecipado como a solução mais adequada para a presente crise.

O Chefe da diplomacia australiana, Alexander Downer, lamentou profundamente a partida daquele a quem se referiu como "um bom amigo".

Houve mais tiros na capital, Díli, na altura em que se conhecia a demissão tanto de Ramos Horta como do Ministro dos Transportes, Comunicações e Obras Públicas, Ovídio de Jesus Amaral, noticiou a ABC News Online.

Também o Vice-Ministro da Saúde, Luís Lobato, comunicou ter apresentado a demissão.

A Fretilin continuou a dizer que, "a qualquer momento, poderá fazer entrar na cidade dezenas de milhares de pessoas afetadas ao presidente do partido, Francisco Guterres, "Lu-Olo", e a Alkatiri".

O Comandante das forças australianas destacadas em Timor-Leste, brigadeiro Michael Slater, declarou que os seus homens estavam preparados para a possibilidade de um confronto entre partidários e adversários do Primeiro-ministro.

Pedido o apoio da Igreja Católica

O CC reafirmou que "a Fretilin tem total disponibilidade para tudo fazer no sentido de encontrar uma solução duradoura, respeitando a Constituição e as leis; com base no diálogo e no consenso nacional". Apelou a Xanana e ao Primeiro-Ministro "para não se demitirem das suas responsabilidades constitucionais".

Propôs o diálogo com o Chefe de Estado, que na semana passada ameaçara demitir-se se Alkatiri o não fizesse. Solicitou apoio tanto à Igreja Católica como a outras confissões religiosas, "com vista à solução da crise.

Quanto a Ramos Horta, que a AFP ontem apresentava como "o delfim natural" de Xanana, "ficará em funções até à formação de novo Governo"; mas ninguém sabe ainda dizer que espécie de Governo é que será este.

Estanislau da Silva, membro da Comissão Política Nacional da Fretilin, declarou em conferência de imprensa que Alkatiri chegou a colocar à disposição do partido o lugar de Primeiro-ministro, mas que isto foi recusado.

Diplomatas ocidentais citados pela Reuters declararam que gostariam de ver Ramos Horta como Chefe do Governo. Os críticos do atual detentor do cargo [Alkatiri] alegam ter sido este muito influenciado pela linha socialista da Frelimo e do MPLA, durante os seus anos de exílio.

O desemprego é de cerca de 70 por cento, num país de um milhão de habitantes, e a oposição argumenta que Alkatiri não foi capaz de criar postos de trabalho, apesar de Timor-Leste poder dispor dos direitos de exploração de petróleo e gás natural.

Jorge Heitor 24 para 25 de junho de 2006

26 JUNHO 2006 BLOGUE CACAU BRANCO. EX-CONSULTOR DO GRUPO AMORIM ASSESSORA JOSÉ RAMOS HORTA

CRISTÓVÃO SANTOS, nasceu português, tem 55 anos e chegou à Austrália em 1975. Jornalista, iniciou a sua carreira no jornal «Norte Desportivo», passando depois pelo «Novidades» e, finalmente, escreveu para o «Diário de Lisboa».

Em 1969 partiu para Timor, onde se tornou amigo pessoal de Ramos Horta e lutou ao lado dos guerrilheiros da Fretilin quando a Indonésia invadiu o território. Depois de a sua casa ter sido bombardeada e de a filha ter ficado gravemente ferida, a família foi retirada de emergência para Darwin.

Uma vez na Austrália, Cristóvão Santos continuou a luta por Timor-Leste, como porta-voz da Fretilin, e reiniciou a carreira de jornalista, tendo chegado a redator-chefe do matutino «Sun News Pictorial».

Mais recentemente, trocou a profissão de jornalista pela de consultor, sendo o relações-públicas da maior empresa portuguesa a operar na Austrália, o grupo Amorim.

Timor volume 3

Na qualidade de consultor, Cristóvão Santos foi ainda um dos principais mediadores entre a Phillips Petroleum Austrália e o Governo Timorense, que resultou na assinatura do novo Tratado de exploração de gás no Mar de Timor.

Comentário JC: Sobre este Cris escrevia-se em “Timor-Leste 1973-1975 o dossier secreto”:

Entretanto, em Portugal, o semanário “Expresso” de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: “TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo...”

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor. Depois da visita dos delegados da Junta (Major Garcia Leandro e Major Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um Governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a Colónia foi votada no passado se iriam manter.

Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

“Que o M.F.A. sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas se preocuparem. Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

Que o M.F.A. não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários.”

Estas declarações ambíguas e dúbias levaram muita gente a pensar que tais eram pontos de vista pessoais e não linhas mestras do M.F.A. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que “se o Governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.” Criticamente afirmamos no jornal local que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado.

Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da Revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário “Expresso” é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor. Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das “notícias alarmistas que obviamente conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha.”

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o “Expresso”: Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional (mais tarde porta-voz da Fretilin e Ministro da Comunicação Social no curto Governo da República Democrática de Timor-Leste) e/ou o autor deste livro. Ambos fizeram parte das revelações do “Aldeagate” quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no Governo.

De facto, uma cópia do discurso de Aldeia foi escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang), outra cópia foi enviada sob nome falso para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores.

Quando a PM (Polícia Militar) veio sem mandatos fazer buscas a casa daqueles dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já vão rumo a Lisboa. Aquele material queima como ácido, pelo que não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe.

Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada para encobrir a existência do discurso. Mesmo antes de sair, Garcia Leandro autentica a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que haveria se a população ficasse sem o Governador Aldeia.

De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida Colónia do Império Português que ora se desmoronava.

É português, tem 55 anos e chegou à Austrália em 1975. Jornalista, iniciou a sua carreira no jornal «Norte Desportivo», passando depois pelo «Novidades» e, finalmente, escreveu para o «Diário de Lisboa».

Em 1969 partiu para Timor, onde se tornou amigo de Ramos Horta e lutou ao lado dos guerrilheiros da Fretilin quando a Indonésia invadiu o território. Depois de a sua casa ter sido bombardeada e de a filha ter ficado gravemente ferida, a família foi retirada de emergência para Darwin.

Uma vez na Austrália, Cristóvão Santos continuou a luta por Timor-Leste, como porta-voz da Fretilin, e reiniciou a carreira de jornalista, tendo chegado a redator-chefe do matutino «Sun News Pictorial».

Mais recentemente, trocou a profissão de jornalista pela de consultor, sendo o relações-públicas da maior empresa portuguesa a operar na Austrália, o grupo Amorim. Na qualidade de consultor, Cristóvão Santos foi ainda um dos principais mediadores entre a Phillips Petroleum Australia e o Governo Timorense, que resultou na assinatura do novo Tratado de exploração de gás no Mar de Timor. (notícia em 25 junho de 2006)

JC trabalhara com Cristóvão Santos (falecido em 31 agosto 2007) ao longo do tempo em que dirigira, como Editor-Chefe, o jornal A Voz de Timor. Posteriormente, restabelecera contacto aquando da sua saída do *Sun News Pictorial* para o Grupo Amorim e antes do trágico falecimento da sua mulher Sofia em 2004 ou 2005. Era um bom profissional. Manteve-

Timor volume 3

se afastado da Fretilin depois de ir para a Austrália em novembro 1974. Esteve sempre silencioso sobre Timor mesmo quando JC o interrogara a esse respeito.

João Carrascalão nunca gostara dele e não o escondia chamando-lhe oportunista.

JC teve uma boa relação profissional e de amizade com ele, enquanto esteve em Timor [1973 a 1975]. Atualmente correspondia-se ocasionalmente. Quando viu o nome dele surgir como porta-voz de Ramos Horta, pouco após os incidentes de abril 2006, interrogou-se sobre que interesses ocultos australianos estariam por detrás da sua mudança da Austrália para Timor. Naturalizado australiano, sem laços a Portugal nem a Timor, Cris Santos jamais iria para lá trabalhar a menos que.... Claro que não era por idealismo nem por devoção. O facto de ter sido consultor da Phillips Petroleum Austrália nas negociações com o Governo de Díli só vem cabalmente responder à interrogação anterior. Como se alguém duvidasse que o petróleo comanda todos os incidentes de Timor. O resto são figurantes.

DÍLI, 26 JUN. (LUSA) TIMOR-LESTE: MARI ALKATIRI VAI SER OUVIDO SOBRE DISTRIBUIÇÃO DE ARMAS

Díli, 26 jun. (Lusa) - Mari Alkatiri, que hoje anunciou a intenção de se demitir da Chefia do Governo Timorense, foi convocado para prestar declarações sexta-feira no processo de distribuição de armas a civis, disse à Lusa fonte judicial. A audição foi justificada com as declarações feitas na semana passada pelo ex-ministro do Interior, Rogério Lobato, "que confirmou todas as alegações feitas por Vicente da Conceição "Railos", veterano da luta da resistência.

O Comandante Railos acusara Mari Alkatiri e Rogério Lobato de terem ordenado a distribuição de armas a civis. Na sequência dessas acusações, o ex-Ministro do Interior encontra-se presentemente em prisão domiciliária a aguardar o fim da instrução do processo.

Nas declarações que prestou à juíza, Rogério Lobato "não negou nenhuma" das quatro acusações que sobre ele impendem, de conspiração, tentativa de revolta, posse ilegal de armas e associação criminosa, pelas quais arrisca uma pena de 15 anos de cadeia.

Mari Alkatiri tem negado repetidamente as acusações de que é alvo, considerando que se trata de uma campanha para fragilizar o Governo e a Fretilin para as eleições de 2007. EL. Lusa/Fim

DÍLI, 26 JUN. (LUSA) TIMOR-LESTE: TEXTO INTEGRAL DA DECLARAÇÃO DE DEMISSÃO DE MARI ALKATIRI

Díli, 26 Jun. (Lusa) - O Primeiro-ministro Timorense, Mari Alkatiri, anunciou hoje estar pronto a demitir-se do cargo para evitar a resignação de Xanana Gusmão, assumindo as funções de deputado até final do mandato.

Numa conferência de imprensa sem direito a perguntas, Alkatiri assumiu a sua quota-parte nas responsabilidades pela crise em que o país se encontra e disse estar pronto a contribuir para a formação de um Governo interino, em diálogo com Xanana Gusmão. Falando em Tétum, Português e Inglês, Alkatiri, que apelou à compreensão dos militantes da Fretilin para esta sua decisão, disse estar disponível para contribuir para a apresentação de um Orçamento no Parlamento. O texto integral da declaração lida hoje em Díli aos jornalistas pelo Primeiro-Ministro:

"Tendo refletido com a profundidade necessária sobre a situação vivida no país;

Considerando que acima de todos os interesses estão os interesses da nossa nação;

Assumindo a minha parte das responsabilidades pela crise por que mergulhou o país;

Recusando-me terminantemente a contribuir para o aprofundamento da crise;

Reconhecendo que todo o povo merece viver num clima de tranquilidade e de paz;

Esperando de todos os militantes e simpatizantes da Fretilin toda a compreensão;

Declaro: Pronto a resignar do cargo de Primeiro-ministro do Governo da República Democrática de Timor-Leste para evitar a eventual resignação de Sua Excelência o Senhor Presidente da República;

Pronto a manter com o Senhor Presidente da República diálogo no sentido de contribuir, se necessário, para a formação de um Governo interino;

Pronto a contribuir para a apresentação de um Orçamento de Estado no Parlamento Nacional;

Mais declaro que passo a assumir as minhas funções de deputado no Parlamento Nacional até ao fim do meu mandato". EL. Lusa/Fim

26 junho de 06 Timor-Leste: Xanana aceita demissão Alkatiri Estado Díli, 26 Jun. (Lusa) –

"A Presidência da República informa que hoje, dia 26 de junho de 2006, S.E. o Presidente da República recebeu a carta de resignação do Dr. Mari Alkatiri das suas funções de Primeiro-Ministro do Governo da República Democrática de Timor-Leste", lê-se num comunicado de três parágrafos divulgado pelo Gabinete Xanana Gusmão.

O Presidente Timorense, segundo o comunicado, informou Mari Alkatiri de que o seu pedido de resignação "toma efeito a partir do dia de hoje.

A fim de garantir o bom funcionamento das instituições democráticas e uma gestão eficaz da crise nacional enfrentada pelo país", Xanana Gusmão convocou o Conselho de Estado para terça-feira, às 09:30 locais. Xanana Gusmão saiu ao fim da tarde

Timor volume 3

(hora local) do seu Gabinete no Palácio das Cinzas, em Díli, para a sua residência em Balibar, arredores da capital, sem fazer declarações aos jornalistas. EL/PNG. Lusa/Fim.

25 JUNHO 2006 - SOBRE A DECLARAÇÃO PRESIDENCIAL DO DIA 22 DE JUNHO: ADELINO GOMES, DO JORNAL PÚBLICO, AFIRMA: "DISCURSO POLÍTICO INIMAGINÁVEL".

Sem dúvida que o é. Lamentavelmente para Timor-Leste, o Presidente Xanana Gusmão revela que é tão-somente um homem! O mito, o herói, o semideus que tantas pessoas 'viam' nele, afinal é apenas um homem...que revela todas as fraquezas de qualquer outro homem...que não é 'mito', não é 'herói' nem um 'semideus'.

Lamentavelmente, muitos necessitam de um 'D. Sebastião', dizem-se democratas, mas têm uma enorme necessidade de serem conduzidos por personalidades dirigentes com caraterísticas e instintos ditatoriais.

Xanana Gusmão revela e surge perante todos, como um D. Sebastião com aquelas caraterísticas e aqueles instintos e expõe publicamente o que tem de pior e de estrutural na sua personalidade:

- a) a falta de respeito pelos outros, se não forem 'yes men', ou não se deixarem cativar/enrolar no seu charme;*
- b) o autismo - perante a realidade existente, aquela que existe para além do grupo que o envolve;*
- c) a incapacidade de lidar com o conflito pessoal - opta habitualmente por duas vias alternativas: fingir que o conflito não existe, deixando-o avolumar com a passagem do tempo ou, criando a dependência afetiva para 'agarrar' as pessoas, muito usado nos seus atos de reconciliação, através de um dom que possui: carisma! e, por último, mas de importância equiparável aos traços anteriores;*
- d) a necessidade irrefreável de tudo dirigir, de tudo controlar. Xanana Gusmão tentou genuinamente fazer a transição de Comandante da Luta de Libertação e de um grupo de guerrilha para Chefe de Estado...não conseguiu. Acima de tudo, porque não conseguiu viver/conviver/aceitar a divisão de poderes que qualquer Estado democrático de Direito define como elemento essencial/central de um sistema democrático.*

Xanana Gusmão revela-nos que levou o seu 'autismo' político ao limite do imaginável, porque

- a) Resume e reduz a Constituição ao seu art.º 1º, nº 1: "A República Democrática de Timor-Leste é um Estado [...] baseado na vontade popular..." - a parte que lhe interessa para, demagógica e populista, exercer o poder, porque "o Povo quer e eu oiço o Povo" - leia-se "L'Etat c'est moi!"*
- b) Despiu-se definitivamente do seu papel de Chefe de Estado para se deixar enrolar na teia da animosidade, do ressaibo, do rancor, da aversão, do ódio, e do ressentimento de que resultou uma Declaração 'Presidencial' à Nação em que o Chefe do Estado de Timor-Leste se 'abstrai' da existência do Estado, sai da esfera do Estado, para se concentrar e limitar-se à esfera do pessoal e do mesquinho*
- c) Apela emocionalmente ao fim da violência...para se dirigir ao 'Povo' afirmando com voz trémula que "ganhámos a guerra!".*

Por tudo isto, receio pelo futuro de Timor-Leste, Adelino Gomes.

25 JUNHO BLOGUE PORTUGAL GLOBAL UM LUGAR PARA ARQUIVAR PENSAMENTOS OPORTUNOS E POLITICAMENTE INCORRETOS
<http://portugalglobal.blogspot.com/2006/06/desmentido.html>

Desmentido. Não é verdade que a sociedade de advogados em que trabalho, MRA, tenha patrocinado num passado recente, qualquer das partes que envolvidas na disputa de interesses no Timor Gap.

Há situações em que o direito não tem nenhuma relevância, sendo certo que o direito internacional é o parente mais frágil da família. Continua a ser de uma acutilante atualidade a discussão da problemática dos riscos dos contratos petrolíferos, sobretudo em quadros de soberania débil.

No caso de Timor é muito interessante para todas as partes envolvidas que se esclareça se é verdade ou mentira que a mulher do Presidente é um agente encoberto da inteligência australiana. Postado by Miguel Reis @ 1:13 AM

Comentário JC: Quase dois meses depois dos primeiros incidentes a Austrália obtém a sua primeira vitória: a saída do incontornável Mari Alkatiri que tantos milhões de dólares custara aos cofres da indústria petrolífera. Tanto trabalho dera aos negociadores e dezenas de advogados por parte do Governo Australiano.

Agora, tudo será mais fácil com um poeta (Xanana) temporariamente controlado (ou sob a influência de Kirsty Sword) e um grande pragmático, oportunista, como Ramos Horta. Como atrás se escrevera espera-se agora que a TV australiana anuncie o novo Primeiro-Ministro e as coisas se comecem a compor.

A Polícia gerida diretamente pela Austrália. Alguns Ministérios nas mãos de gestores sabiamente colocados pela sua docilidade ao Governo de Camberra.

Esquecera-se de mencionar o povo que dorme na rua. Ficou sem casa, sem emprego ainda à espera dos dólares do petróleo. Estamos todos certos que a Caritas Australiana lhes vai dar uma esmola como sempre deu aos Aborígenes australianos.

Timor volume 3

Com a desculpa de que as leis não se fizeram para serem cumpridas, porque a vontade do povo (de que minoria falamos aqui? os 4 mil manifestantes numa população de perto de um milhão? A Igreja Católica?) é soberana, temos um Primeiro-Ministro demissionário.

Foi julgado e condenado na praça pública com um advogado de acusação chamado Austrália ou petróleo (a tradução do nome não deu para entender).

Xanana declara “ganhámos a guerra”. Continua idolatrado por todos. Considerado ao nível dos deuses. Mas veio para a rua lavar a roupa suja utilizando linguagem inadmissível num Chefe de Estado. Deixou ao seu Príncipe Perfeito (Ramos Horta) o trabalho de estar sempre pronto a sacrificar-se pela Nação. Teve a ajuda da Comunicação Social australiana, e alguma portuguesa, que não se coibiram de dizer que Timor era um projeto falhado enquanto Mari Alkatiri estivesse no poder. Veremos o que virá a seguir, se guerrilhas nas montanhas a lutar contra a ocupação colonialista australiana e seus títeres, se uma guerra civil, se um banho de sangue.

Talvez, a calma aparentemente podre voltará a pairar sobre Timor até que ecluda – de novo – um problema que obviamente se não vai resolver agora, apesar da demissão do Primeiro-Ministro. As tensões, as fraturas e a discórdia ancestral continuam por sarar. Enquanto essas não forem abordadas e resolvidas, estas cenas irão repetir-se com outros intervenientes e alguns dos mesmos, que só desaparecerão com a morte.

É bem provável que outra das vítimas destes incidentes de abril 2006 acabe por ser a língua portuguesa, mas quanto a essa manteremos felizmente algumas esperanças de que a Austrália não será capaz de se ver livre dela tão facilmente quanto pensa. Mais uma vez o povo Timorense é a única vítima de um conflito gerado pelo petróleo. Já o tinha sido aquando do acordo de Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia. Volta a sê-lo. Limitar-nos-emos a assistir impotentes.

Em breve o tema desaparecerá das páginas dos jornais. Para todos aqueles que têm escrito, e insultado, por JC denegrir o bom-nome da sua compatriota australiana, a Primeira-dama, Kirsty Sword Gusmão, queria lembrar que a hipótese de a Austrália ter uma mulher infiltrada na política de Timor já não é virgem.

Aconteceu com uma agente da ASIO na década de 1970. Ela viveu com Ramos Horta. Apesar dos desmentidos todos que este fez, aquela espia (Wendy Holland) antes de morrer de MS (esclerose múltipla) – acabou por publicar vários escritos nos quais contava como foi a sua ida para Timor para acabar a viver com Horta, mas fica para outro livro ou talvez não.

Deixa-se uma amostra adiante.

Como sempre, toda a gente fala, mas ninguém se deu ao trabalho de estudar a História...

O que importa é que os alegados líderes da rebelião não têm no seu passado nenhuma história de luta anticolonial. São títeres às mãos dos seus instrumentalizadores, sejam eles de Camberra, de Jacarta ou até do próprio clero de Díli.

A prisão de Eurico Guterres pode ter mais a ver com isto do que a mera antipatia que todos parecem sentir contra Mari Alkatiri. Depois, temos de juntar os interesses geoestratégicos (no cerne da invasão de 7 dezembro de 1975) e o petróleo.

Houve 21,5% de apoiantes da integração na Indonésia. Estão insatisfeitos com a independência e com a política de Alkatiri. Reeveem-se mais em Eurico Guterres.

Não é coincidência os ataques surgirem logo após aquele ir para a cadeia.

Há ainda militares e uma pequena franja política indonésia que apoia Guterres e não perdoa a independência e há muitos Timorenses desejosos de os ajudar.

Foi pena que os líderes (Alkatiri, Horta, Xanana e Roque Rodrigues) não tivessem visto isto a aproximar-se como um tsunami. Que pensassem serem apenas umas pequenas ondas que a areia da nova democracia estancaria.

Foi pena que à semelhança desse Governador colonial (Celestino da Silva) não se tivessem dedicado a emprestar pás e enxadas para ocupar os guerrilheiros desempregados das Falintil.

Foi pena que, com a mudança dos tempos e dos costumes, não tivessem “nonas” (amantes) para lhes contar o que se passava nos quatro cantos de Timor.

Timor volume 3

Foi pena que tenham sido apanhados "desprevenidos" por esta insurreição tão bem orquestrada pela Austrália, por alguns insatisfeitos que nunca lutaram por Timor durante a ocupação indonésia (estavam na Indonésia e na Austrália) e por uma pequena proporção de elementos jovens insatisfeitos manipulados por Guterres e outros acima deste.

Pena que Xanana esteja a ser ouvido pela voz de Kirsty Sword e não falasse enquanto era tempo, ele afinal escolheu entre os seus os homens do exército Timorense que comanda, enquanto para a Polícia foram os outros, muitos deles envolvidos com a Indonésia durante a ocupação desta.

Esta linha de clivagem pode ter ajudado os estrategas de Camberra a vingarem-se de terem de ceder 50% do Timor Gap a Timor-Leste, fruto das boas capacidades de negociação de Mari Alkatiri.

Já todos se esqueceram que a Austrália começou por oferecer 20% a Timor. O petróleo esteve sempre por detrás disto. Outorgar novos contratos à ENI italiana e concessões à Republica Popular da China (odiada em Jacarta) não aumentaram a reduzida popularidade de Mari Alkatiri face a Camberra e à vizinha Indonésia. Alkatiri seria sempre David contra Golias.

A seguir virá a fatura do "apoio" australiano num Governo fantoche ou mais maleável em Díli.

Por outro lado, ninguém esqueça que o embaixador americano se deu ao trabalho de ir ter com Reinaldo, um desertor, um fora da lei, para saber quais eram as suas reivindicações.

Esta preocupação dos norte-americanos com a democracia é de louvar. Devem-se ter recordado do M.F.A. em Portugal e das reivindicações dos militares.

Quando JC desertou farto de clamar no deserto, porque o 25 de abril tardava a chegar a Díli, ninguém o quis ouvir, nem australianos, nem norte-americanos. Os australianos também já entrevistaram o Reinaldo. Já sabem o que ele quer. Foram eles que o treinaram. Se diz que precisam de tirar o Alkatiri, dão uma ajuda. Isto começa a lembrar o Chile em 1973.

Aliás, se formos atrás na história recente, podemos recordar o que a Austrália fez nas Fiji em 1987 ao democraticamente eleito Temoci Bavadra (pronunciado bavandra): ajudou o golpista coronel (depois major-general) Sitiveni Ligamamada Rabuka (pronunciado rambuka) a depô-lo depois dum golpe de estado em 14 de maio de 1987 a que se sucedeu outro em outubro. Rabuka foi um mero instrumento nas mãos dos senhores feudais que se insurgiam com o domínio das ilhas pelos Indianos, introduzidos ali no início do século XX. Crise étnica e devolver a Fiji aos Fijianos e não aos Indianos, era o grito da altura. Demorou dez anos para a democracia regressar às Fiji.

Veremos o que vem a seguir, mas enquanto se não dedicarem esforços à formação da tropa e duma força policial eficaz, incapaz de se cindir sob os fortes laços centenários da etnicidade tribal, enquanto se não ocupar a população, jovem e desiludida, em trabalho remunerado, que lhe augure qualquer futuro (até agora nem presente nem futuro lhes era prometido), enquanto não se explicar à população porque é importante que falem Português em vez de Bahasa ou de Inglês, enquanto isso não for feito, não há doações internacionais que cheguem nem fundos do petróleo que aguentem a instabilidade.

Há genes tradicionais e centenários que têm de ser estudados conjuntamente com a influência que a ocupação indonésia e a sua lavagem ao cérebro causaram. Há que ter em conta o recente exemplo das ilhas Salomão.

Há que evitar que Camberra passe a gerir os Ministérios mais problemáticos de Timor ou a decidir o que é melhor para este jovem país. Há que deixar os Timorenses governarem-se e a criarem condições para o fazerem. Uma boa medida seria darem-lhes de volta os recursos marítimos roubados por pactos leoninos firmados por Camberra. Isso permitiria que o país sem contrair empréstimos ou dependente de outros, dividisse a riqueza por todos os Timorenses. Que criasse empregos para os milhares de jovens sem futuro. Que criasse uma unidade nacional, que nunca existiu e não tem tradições. Existiu sempre uma pesada e ancestral herança de guerras intertribais. Timor tem de ser para todos e não para alguns.

Tem de abarcar todos os que lutaram fora pela autonomia, os que lutaram dentro contra a ocupação indonésia e os que se acomodaram à ocupação indonésia. Só quando se criarem condições para este entendimento nacional e global terá valido a pena lutar pela independência, durante mais de duas décadas e meia.

A comunidade internacional pode ajudar a facilitar o desenvolvimento destas noções, mas terá de se libertar dos interesses óbvios dos lóbis do petróleo. Sem a desculpa esfarrapada de a língua portuguesa ser a culpada.

Se a CPLP existisse, para lá do papel, seria uma ótima oportunidade das ex-colónias de Portugal (incluindo o Brasil) mostrarem o que é a solidariedade. Isso é pedir demais. Se a ONU tivesse mais força poderia ajudar a construir o que nunca construiu, mais

Timor volume 3

interessada em criar negócios milionários para os seus conselheiros do que em construir um país novo pela raiz. Sobretudo o que é preciso é que ajudem os Timorenses a criar a sua nação. A aprenderem o que é viver em democracia.

Reitera JC que sempre escreveu para os Timores e não para as elites que os dominam. Bastava que as entidades de ajuda internacional fizessem o mesmo (1 junho 2006). Um último desejo é o de JC nunca mais ter de escrever sobre Timor...

O que a seguir se narra parece mais do domínio do irreal (como aliás é frequente em Timor) e nada faria supor que uma proposta minha de uma governação de unidade nacional para Timor despertasse tanta animosidade entre timorenses, portugueses e outros no ciberespaço.

Aqui se dá conta do sucedido, transcrevendo os comentários, mas protegendo a identidade dos que comentaram. Tudo começou em 15 de julho 2012 quando noticiei que recomeçara a violência em Timor-Leste.

CAPÍTULO 3- A CRISE DE 2012

3.1. A PROPÓSITO DA MORTE DE BOB HAWKE E DO MEU ENCONTRO COM ELE EM 1989, E A CRISE DE 2012 CRÓNICA 255 - 16.5.2019



Morreu hoje aos 89 anos, Bob Hawke, um notável 1º ministro trabalhista australiano 1983-1991 (ganhou as eleições de 83,84,87 e 1990) foi o 23º a assumir o cargo, e o trabalhista que mais anos esteve no poder.

Além de ter quebrado o sindicato dos estivadores que, constantemente paralisavam o país, teve ações notáveis como a modernização da economia (o célebre The Accord com as centrais sindicais em 1983 garantiu um aumento de 3% pago como reforma, “superannuation” pelos patrões), reformulou o sistema de saúde introduzindo o Medicare (sistema de saúde universal), aumentou as taxas de retenção escolar, aumentou os programas de formação para jovens (incluindo o mais célebre Traineeship no qual estive anos envolvido), combateu a pobreza, parou a construção da barragem Franklin na Tasmânia a favor da ecologia, preservou florestas ancestrais, devolveu a titularidade das terras aos aborígenes.

Nascido em 1929 na Austrália do Sul, filho de uma professora e um membro do clero, mudou para Perth onde estudou e frequentou Oxford como académico Rhodes.

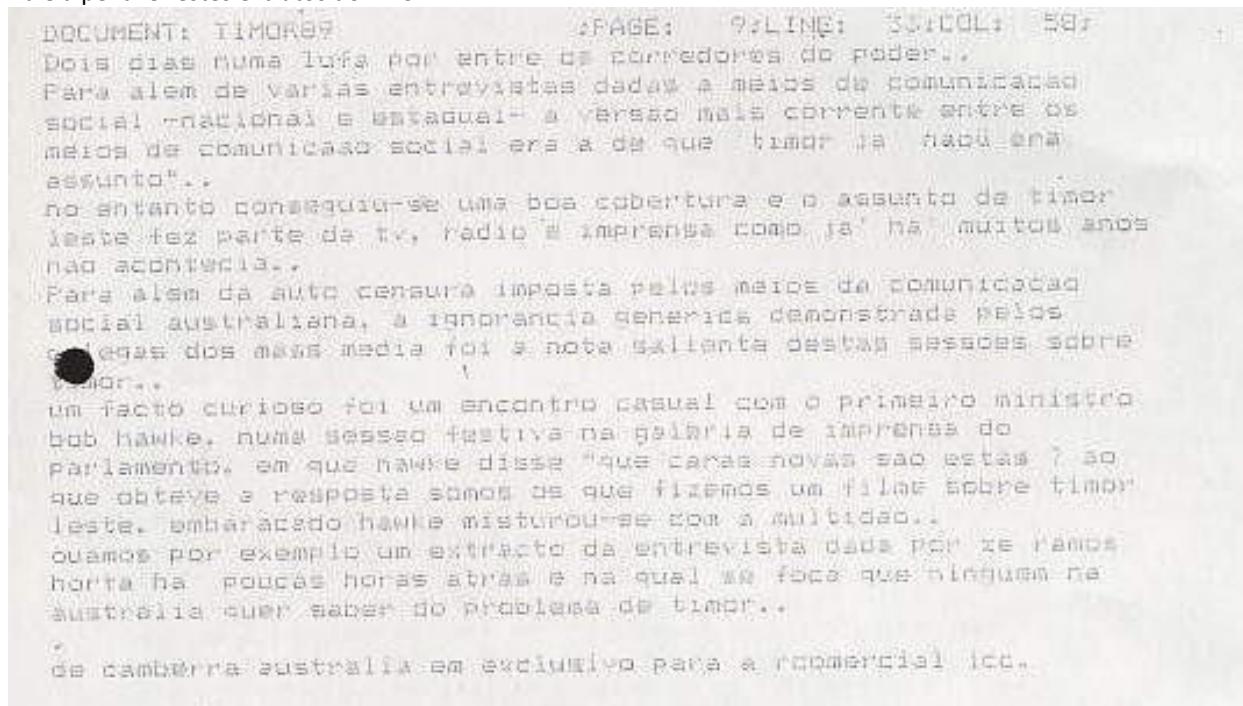
Desde 1958 ligado ao sindicalismo foi o seu presidente (durante dez anos) na ACTU (confederação sindical) a partir de 1970, opondo-se ferozmente ao apartheid sul-africano. O excesso de bebida e os seus affairs com muitas mulheres eram julgados um impedimento quando as suas ambições políticas o levaram a tentar liderar o país, depois de ter sido eleito deputado em 1980 e ter destronado o líder do partido (Bill Hayden) em fevereiro 1983 e um mês mais tarde vencendo o conservador Malcolm Fraser nas eleições. ... em 1991 foi deposto pelo seu ambicioso Ministro do Tesouro, Paul Keating...

Há vários textos meus sobre o tema, mas em agosto 1989, no dia de aniversário de Bob Hawke, juntamente com o cineasta Gil Scrine e Ramos Horta entramos no Parlamento pela porta da cozinha e surpreendemos Bob Hawke na sala de imprensa antes dele cortar o bolo manifestando-nos contra o apoio do seu governo à Indonésia e contra Timor Leste...há uma pequena notícia da Lusa que enviei sobre o assunto, aquando da nossa ida a Camberra promover o filme

Timor volume 3

Buried Alive (Enterrados Vivos) sobre Timor e a ocupação indonésia apoiada por Camberra, como a seguir recuperamos do livro "Trilogia da História de Timor, 4ª edição de 2015" 3.

Vale a pena ler estes extratos do livro...



3.1.1. FILME SOBRE TIMOR NO PARLAMENTO AUSTRALIANO 4 SIDNEY, 18 agosto 89 LUSA)

Ontem e hoje em Camberra realizaram-se sessões especiais com a exibição do filme de Gil Scrine "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste". As sessões foram apresentadas pelo deputado trabalhista Tony Lamb, tendo estado presentes deputados, senadores e o embaixador português José Luís Gomes.

Durante estes dois dias os meios de comunicação australiana fizeram diversas entrevistas ao realizador do filme, Gil Scrine e a José Ramos-Horta da Convergência Nacionalista.

Naquelas entrevistas foi focada a autocensura imposta pelo governo australiano e pelos órgãos de comunicação social australianos ao assunto de Timor, e ao contraste dessa atitude face a outros focos de violações de direitos humanos no mundo.

No filme "Enterrados Vivos" são focados aspetos da diplomacia internacional, das pressões das grandes potências para não discutir o problema de Timor, da apatia diplomática da Austrália e da contrainformação Indonésia. A Lusa tentou entrevistar os principais porta-vozes da oposição para a diplomacia e negócios estrangeiros e estes bem como os do governo escusaram-se alegando que "o problema de Timor já não é assunto". Esta é também a opinião de alguns órgãos de informação, os quais, no entanto revelaram desconhecer a próxima visita do Papa e a carta que monsenhor Belo enviou a Javier Pérez de Cuellar secretário-geral da ONU.

Um total de seis entrevistas para a rádio e TV – nacionais e estaduais - o balanço da ação de Ramos-Horta e Gil Scrine depois de dois dias de intenso lobbying nos corredores do poder em Camberra.

Como nota curiosa numa sessão na galeria de imprensa do parlamento, o primeiro-ministro Bob Hawke, o ex-líder da oposição e outros políticos do governo e oposição foram presenteados com um bolo representando os 9 biliões de dólares que representa o superavit governamental dos últimos doze meses.

A recebê-los estavam não os habituais cronistas da TV e rádio, mas Gil Scrine, Ramos-Horta, Jim Dunn (ex-cônsul da Austrália em Timor), o autor e outras personagens afetas à causa de Timor.

3 CD Trilogia da História de Timor. 2015, 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/obras-do-autor/1076/trilogia-de-timor-3-vols-interativa-cd-ed-3-2018.zip>. Ou leia todo o livro em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/> ou em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1076/TRILOGIA-DE-TIMOR-3-VOLS-INTERATIVA-CD-ed-3-2018.zip>

4 LUSA DESPACHO 120/89, 18 agosto 89 LUSA ÁSIA PACÍFICO

Timor volume 3

Hawke mostrando-se surpreso perguntou: "caras novas?" tendo-lhe sido dito que se tratava apenas das pessoas que não queriam deixar morrer em silêncio o problema de "Timor enterrado vivo".

Hawke sorrindo afastou-se calmamente, recusando-se a confirmar se tinha estado presente na celebração do dia nacional da Indonésia que ontem se celebrou em Camberra.

3.1.2. ENTERRADOS VIVOS – NOVO FILME SOBRE A SAGA DE TIMOR-LESTE 5 SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Em junho 1989, em Sidney teve lugar mais um festival internacional do filme com a apresentação de cerca de 300 películas de toda a parte do mundo. Filmes ocidentais de estúdio, filmes experimentais da Polónia, URSS e outros países do leste, filmes africanos, Sul-americanos e asiáticos, foram apresentados perante uma audiência diária de mais de duas mil pessoas durante os vinte e oito dias da mostra.

Se bem que não estivessem presentes peças portuguesas, um tema benquerido a Portugal foi focado numa produção de Gil Scrine dedicada a Timor-Leste com o título de "Buried Alive (Enterrados Vivos)".

A película iniciou a sua distribuição pelos circuitos comerciais normais, tendo já sido adquirida pela cadeia nacional de TV australiana "ABC", e pela cadeia de TV independente inglesa "ITV-4", e trata-se de um filme a não perder.

As primeiras imagens dão um retrato da Lisboa dos anos 50, com percursos pela baixa citadina e curtas incursões às cenas tipicamente terceiro-mundistas do bairro alto, contrastando com o ar imponente das estátuas da Baixa e do marechal Carmona, sob o olhar aquilino e atento de Salazar. Entremeados de discursos narrativos de jornalistas, políticos e sob a potente dialética de Noam Chomsky que perdura ao longo dos sessenta minutos, passa-se então para o mapa da Europa com o império colonial português sobreposto, dando a noção da vastidão do império.

Cenas de uma África negra dominada pelos colonos brancos sucedem-se até ao dealbar das lutas nacionalistas, cenas do mato, soldados portugueses feridos e mortos sendo evacuados, os discursos patéticos do velho regime, acompanhados de discursos condenadores da velha política colonial portuguesa, na ONU e noutros órgãos.

Uma passagem suave a uma ilha aparentemente desabitada, praticamente virgem de uma beleza inenarrável, dá-nos conta de que existia algures perdida no tempo e no espaço uma parcela colonial esquecida. Sim, era de facto Timor-Leste. A pompa da guarda nativa ao Palácio do Governo, o ritmo lento das ruas vazias centradas no núcleo comercial de Díli, dois quarteirões rodeados de ruas asfaltadas.

Danças tradicionais e a rica cor das "lipas" (panos tipo "sari" indiano enrolados à cintura) perde-se no branco e preto das imagens do ecrã. Cenas do mercado municipal de Díli, da célebre luta de galos e a película passa a ser colorida.

Um aparte curioso de um filme turístico dedicado ao mercado australiano, incitando-o a visitar um dos últimos paraísos do Pacífico, descrevendo Timor como uma terra onde há sempre alguém que fale Inglês, onde as mulheres são de uma extrema beleza e o povo afável.

Uma paródia superficial, descritiva de um Timor que só existia na mente dos produtores do anúncio turístico, da qual perduram na retina as brancas areias das praias e o colorido das lipas.

A narrativa assume agora um corte abrupto, ao passar do idílico Timor para o som e o visual das cenas sangrentas da resistência australiana e timorense contra a ocupação japonesa da 2ª Grande Guerra. O comentário oportuno surge de veteranos australianos de que a Austrália talvez hoje fosse japonesa, não tivessem morrido mais de vinte mil timorenses a auxiliar os australianos. Uma dívida de gratidão totalmente esquecida porque incómoda – alguém comentava.

Cenas pungentes de um documentário australiano da época (1943) mostrando a resistência antinipónica. Desta sequência passamos de uma guerra esquecida para uma revolução inesquecível com a emocionada voz de um locutor de rádio, narrando os acontecimentos do 25 de abril, algures na baixa lisboeta.

O filme segue então o percurso da revolução dos cravos, dos seus ideais e dos seus imediatos resultados.

O "gonçavismo" é visitado sumariamente para nos explicar como do dia para a noite, os maiores anseios de independência das colónias foram oferecidos de mão beijada a Moçambique e às outras colónias. Os africanos nas ruas celebrando a sua independência e o comentador acrescenta que foram momentos de pouca dura, dado o período conturbado que se viria a seguir. Como nota positiva apenas o facto de a bandeira colonial ter sido substituída por um estandarte de povos independentes.

De novo a câmara se volta para o oriente exótico, lembrando que algo ficara por fazer. Timor havia sido esquecido. As imagens acompanham a formação dos principais partidos políticos em Timor, as manifestações de rua, a primeira campanha de alfabetização na Ponta Leste e a primeira eleição democrática para um chefe de suco. Curiosamente é mostrado o detalhe da urna de voto, um saco de palha de um metro de altura, dentro do qual estão outros dois mais pequenos, os quais porém não podem ser vistos senão pelos votantes, que se aproximam e deitam no respetivo saco a pedrinha de voto. Resultado da eleição: o chefe tradicional desde 1959 é substituído por outro de maior apoio popular.

João Carrascalão faz a sua análise da situação, então a partir deste momento o filme passa a centrar-se em torno de José Ramos Horta que relata as aspirações dos timorenses naquela altura.

Timor volume 3

É a partir desta altura que o filme muda uma vez mais de velocidade. Passa-se para as cenas da guerra civil, os bombardeamentos no cais durante a tentativa de evacuação dos civis, seguida pela evacuação do governo de Lemos Pires o qual é posteriormente entrevistado no Ataúro.

As imagens sucedem-se, Carrascalão conta a sua visita a Jacarta e as falsas declarações dos indonésios. As tropas da Fretilin preparam-se então com as armas deixadas pelos portugueses. A vacuidade dos pedidos de auxílio internacional, a hipocrisia dos australianos, com a visita do então primeiro-ministro Gough Whitlam a Suharto, a promessa de que a Indonésia jamais interviria no processo de Timor, os americanos a aumentarem as suas vendas de armamento ao regime indonésio. As imagens mostram que já não há guerra civil, trata-se já de escaramuças nítidas das forças da Fretilin contra milícias indonésias. Os preparativos da invasão, a preparação para a defesa, os votos de luta até à morte contra o invasor indonésio.

O filme percorre as manchetes dos jornais, as declarações políticas em várias capitais do mundo, depoimentos vários de testemunhas ainda em Timor à data. A inoperância do regime português, a indiferença cúmplice australiana, a campanha denegridora dos timorenses como perigosos comunistas, os últimos preparativos para a invasão até à morte dos jornalistas australianos que testemunhavam em reportagem televisiva as forças invasoras antes de elas terem oficialmente declarado a sua intervenção.

A declaração fugaz da independência a 28 de novembro (1975) para o que seriam nove dias de libertação do jugo colonial.

O hastear da bandeira colonial, pela primeira vez em mais de 460 anos de colonização.

Passa-se depois para a visita do (então) presidente Ford a Suharto, em plena véspera da invasão, documentos secretos mostrando o conhecimento e o "aval" dado pelos americanos àquela. A película percorre depois as imagens terríveis da invasão, da mortandade, as campanhas no estrangeiro dos líderes nacionalistas tentando alertar o mundo para o que se estava a passar, sem que o mundo quisesse ouvir.

Entrevistas com diplomatas e governantes tentando agora depois destes anos todos, explicar que as suas atitudes de então eram justificadas face aos dados existentes à data. Depoimentos vários de sobreviventes, a outra face da miséria no Jamor, e os percursos infundáveis de Ramos-Horta nas Nações Unidas e no comité de descolonização em Nova Iorque.

As forças nacionalistas a tentarem com o apoio dos países lusófonos africanos (PALOP's) manterem a sua voz ouvida no deserto dos corredores do poder mundial.

Do outro lado da imagem, o da segunda colonização mostrando Suharto a inaugurar a televisão em Timor, a pompa militarista e opressora dos novos colonos, dispostos a tudo destruir e matar para justificar a sua injustificável invasão. As imagens mostram as cerimónias de rua com mais bandeiras indonésias do que povo, caras indonésias e não timorenses aclamando o opressor.

A pretensa melhoria de condições de vida proclamada por Jacarta. As câmaras confrontando políticos, nacionalistas e diplomatas em Nova Iorque, Lisboa, Genebra, Camberra, Harare e Maputo. A falta de meios humanos e materiais para os nacionalistas manterem a sua pressão para que o problema não caia no esquecimento.

As comparações da cobertura jornalística mundial ao Camboja e a quase ignorância total sobre Timor. A incongruência do presidente Carter por se ter momentaneamente esquecido dos direitos humanos para aprovar nova venda de armamentos à Indonésia, para que esta pudesse aumentar a sua repressão em Timor.

As votações na ONU, as pressões sobre pequenos países para não votarem contra a Indonésia sob ameaças de cortes de apoio económico. Horta perambulando entre a ONU e o seu humilde apartamento em Nova Iorque. Imagens potentes entremeadas de entrevistas e depoimentos de dezenas de personalidades. O filme termina com Ramos-Horta a sair ainda uma vez mais em busca de nova missão para que a voz do povo de Timor-Leste possa ser ouvida e não caia no esquecimento fácil dos fazedores de notícias.

As imagens bem entrelaçadas com depoimentos de inúmeras personalidades mostram bem o porquê do título: "Enterrados Vivos". Um povo traído, que se recusou a ser vencido, mas que jamais deixa de lutar e que quer a sua voz – apesar de enterrada – forte para que a ouçam.

Falamos com Gil Scrine relativamente a este documentário narrativo da saga dos timorenses. Gil apaixonou-se pela causa de Timor quando há cerca de quatro anos atrás se encontrou com Ramos-Horta nas Nações Unidas e daí surgiu a ideia deste filme, mais do que um documentário.

Depois, sem apoios financeiros foi a luta constante e o gasto de várias dezenas de milhar de dólares (milhares de contos) para concretizar o projeto de filmagens decorrendo de Lisboa, a Nova Iorque, Genebra, Sidney, Harare, Washington, Camberra, Perth e Darwin.

A apatia das autoridades portuguesas que até ao último momento não haviam autorizado a utilização de "Grândola vila morena" para tema da revolução, foram alguns dos milhentos obstáculos encontrados por Gil. Para ele "não se compreende o silêncio e a apatia dos australianos face a Timor-Leste, salientando, no entanto, que obteve bastante apoio de jornalistas portugueses e de refugiados timorenses para a filmagem e narração." "Todos os povos podem beneficiar desta lição exemplar que o filme retrata, pois ela simboliza não só o termo do grande império colonial português, como a invasão e as manipulações das grandes potências contra a vontade soberana de um povo".

José Ramos-Horta mostrou-se "satisfeito com o filme" acrescentando que está agora a ter início uma nova meta da sua carreira dado ter sido nomeado "diretor executivo do programa de estudos diplomáticos da faculdade de direito de Nova Gales do Sul". Nesta nova posição assumida oficialmente a partir de 1 de julho passado, Ramos-Horta pretende oferecer preparação e treino em diplomacia e política internacional aos povos indígenas da região, às minorias étnicas, e aos timorenses

Timor volume 3

em áreas tão distintas como o direito internacional, direitos humanos, prática diplomática e de negociações. O programa que recebeu o apoio unânime da academia estadual visa perspetivar os âmbitos de ação daqueles grupos nos meandros da política internacional.

Ramos-Horta é licenciado em relações internacionais com especialização em direito internacional público pela universidade de Colúmbia, onde espera completar o seu doutoramento dentro dos próximos anos. Anteriormente, foi investigador e conferencista na universidade de Oxford em 1988, tendo sido leitor/visitante do instituto superior de relações internacionais do Maputo, especializando-se em política externa desde 1980.

Está prevista para outubro a publicação do seu livro "Timor – amanhã em Díli", que é uma versão atualizada do livro em Inglês "Funu – a saga inacabada do povo de Timor-Leste" publicado em Nova Jersey, EUA, em janeiro de 1987. Prevê-se a presença para o lançamento deste livro de representantes políticos e diplomáticos da Austrália, Reino Unido, EUA, Japão e outros países. Para Ramos-Horta este projeto fílmico de Gil Scrine não pode nem deve ser considerado como uma autobiografia inacabada, mas antes como um retrato incompleto que só estará completo quando os timorenses puderem regressar à sua pátria.

Até lá e como nos confirmava João Carrascalão recentemente "a luta continua e o inimigo é só um: a Indonésia".

Recentemente o secretário de estado da imigração e das comunidades portuguesas, Dr. Correia de Jesus declarava em uníssono com o embaixador de Portugal, Dr. José Luís Gomes, "a minha casa é a vossa casa até que possam regressar à vossa". A data é incerta, mas a vontade dos portugueses é a de os timorenses terem direito ao seu lar. Essa também uma das fortes imagens do filme, o segundo sobre a saga dos timorenses. Ambos realizados por australianos e nenhum ainda exibido em Portugal.

O que motiva a questão de falta de interesse dos cineastas e produtores portugueses naquela saga? A outra questão é porque é que nenhum deles foi exibido em Portugal? Será que tal como na Austrália onde "Timor já não é assunto", Portugal e em especial a RTP pensam que "Timor mais vale esquecido do que lembrado?"

3.1.2. APONTAMENTOS SOBRE O FILME BURIED ALIVE 6 SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

"Enterrados Vivos" é um título bem apropriado para um filme relativo a um país onde a população tem estado fechada do contacto com o mundo exterior há mais de 13 anos. Com efeito passaram-se já quase 14 desde a invasão de Timor-Leste e ainda se sabe muito pouco sobre o que ali se passou quando as forças Indonésias invadiram em dezembro de 1975.

Até 1979/80 praticamente ninguém dos meios de comunicação social foi autorizado a penetrar no território, e desde então os poucos que foram autorizados fizeram-no debaixo de um rigoroso escrutínio das forças indonésias. Este embargo significa antes de mais que pouco material de ordem visual existe de Timor desde 1975, o que facilita os desmentidos da invasão e de subsequentes violações de direitos humanos.

A igreja católica em Timor-Leste considera que cerca de 200 mil pessoas pereceram desde a invasão Indonésia, quer diretamente como resultado da guerra quer indiretamente vitimadas pela fome e doenças. Em 1985 a Amnistia Internacional considerava que existiam 50 mil casos de desaparecimento de pessoas em Timor-Leste sem que para eles houvesse explicação.

A política indonésia de deslocar os habitantes de Timor das suas localidades tradicionais conduziu a um desmembramento dos laços rurais timorenses. As Nações Unidas continuam a recusar reconhecer a administração indonésia, dado que aos timorenses não foi concedido o direito à autodeterminação. Pelo contrário, desde a era de Gough Whitlam sucessivos governos australianos apoiaram tacitamente os direitos da Indonésia sobre Timor-Leste, os quais culminaram em agosto de 1985 com o reconhecimento oficial pelo governo de Bob Hawke da soberania indonésia.

"Enterrados Vivos" é um importante novo filme, um dos primeiros que tenta de forma correta contar a história de Timor-Leste. Dividido em duas partes, o filme traça primeiro a história de Timor-Leste e depois segue a luta continuada das guerrilhas da Fretilin em busca da independência de Timor-Leste.

A Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente) era o mais popular dos três embrionários movimentos independentistas em 1975, à data da invasão indonésia e detinha o controlo da maior parte do país. A segunda parte de "Enterrados Vivos" foca os esforços de José Ramos-Horta, que durante mais de dez anos foi o representante da Fretilin nas Nações Unidas, para trazer a saga do seu país às ribaltas mundiais.

3.1.3. CITAÇÕES, EXTRATOS DE DEPOIMENTOS DO FILME 7 SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

"Uma coisa que me chocou deveras foi quando a bandeira portuguesa atingiu o solo pela primeira vez em mais de quatrocentos anos, porque então eu percebi que era o fim colonial de Timor... Eles estavam expostos a todos, de forma que alguém podia vir e tomá-los, dado não existir nunca o chamado vácuo de poder em nenhuma parte do mundo"

Major Sam Kruger (na reserva) residente em Díli, 28 nov. 1975.

6 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

7 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

Timor volume 3

"Nós fomos a Jacarta para nos encontrarmos com o presidente Suharto, mas claro que isso era impossível e acabamos por nos encontrar com o general Murtopo. Tivemos uma longa conversa com ele e ele foi perentório ao afirmar que Jacarta jamais permitiria um governo de esquerda em Timor... E então perguntamos-lhe "o que aconteceria se limpássemos a nossa casa?" E ele disse "estaremos a observar com muita atenção e pôs as mãos sobre a cara" ...

João Carrascalão porta-voz da UDT (União Democrática Timorense)

"Nós estávamos sob uma intensa barragem de perguntas de homens que sabem que podem perecer amanhã e não conseguem entender porque é que o resto do mundo não se importa... E nós éramos aplaudidos por sermos australianos. Tudo o que eles querem é que as Nações Unidas saibam aquilo que aqui se está a passar..."

Greg Shackleton (HSV-7) na sua última reportagem em outubro 1975. No dia seguinte seria executado pelos indonésios em Balibó com mais outros quatro jornalistas australianos.

**

"... Quando eu ouvi "fogo" atirei-me para o chão e senti corpos a caírem em cima de mim, assim como se fossem folhas. Ouvi muitos gritos, pessoas a chamarem pela mulher e pela mãe, foi horrível"

Carlos Alfonso⁸, sobrevivente do massacre durante a invasão Indonésia em 7 dezembro 1975.

"A história montou para nós observarmos uma experiência controlada neste caso. O massacre timorense ocorreu aproximadamente ao mesmo tempo que os massacres de Pol Pot. Em 1975 quando os Khmer Vermelhos mataram talvez uns milhares de pessoas, o jornal The New York Times, acusou-os de genocídio. Um grande ultraje público sobre os massacres de Pol Pot e para os quais ninguém tinha soluções nem podia intervir. Por outro lado, um silêncio total se abateu por entre inúmeras mentiras sobre as atrocidades praticadas em Timor e para as quais muito poderia ter sido feito, dado sermos responsáveis por elas. Tudo o que era preciso fazer era mandar parar os algozes..."

"Mais de 40 mil timorenses pereceram tentando proteger umas centenas de comandos australianos durante a segunda Grande Guerra e a Austrália respondeu apoiando a agressão e os massacres [da Indonésia] em Timor".

Professor Noam Chomsky, Massachusetts Institute of Technology, USA

"No seu livro "A dangerous place," Patrick Daniel Moynihan diz quase que com orgulho quão efetiva foi a sua função de inativar a ação da ONU em relação a Timor...ele confessa naquele livro ter tido instruções do departamento de estado para tornar ineficiente a ação da ONU em relação a tudo o que pretendesse fazer sobre a questão de Timor."

José Ramos-Horta, representante de Timor-Leste nas Nações Unidas.

"José Ramos-Horta ex-jornalista timorense, e membro do comité central da Fretilin, como delegado para as relações internacionais, foi Secretário-geral da Fretilin em 1975 e na última década tem sido o representante daquele movimento nas Nações Unidas.

Atualmente é residente em Sidney onde está a estabelecer um curso de diplomacia internacional para os povos indígenas na universidade de Nova Gales do Sul. Ramos-Horta é um dos mais hábeis representantes de um movimento de libertação dentre todos os que já passaram pelos corredores da ONU, sendo capaz de demonstrar de forma vívida algumas das formas sob as quais aquela organização funciona de facto."

Roger S. Clark, professor de direito, Universidade de direito de Rutgers em Camden.

3.1.4.. PORQUE É QUE FIZEMOS O FILME "ENTERRADOS VIVOS" UMA EXPLICAÇÃO DOS CINEASTAS. 9 SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

A Austrália tem as mãos manchadas de sangue timorense desde que as nossas guerrilhas saíram do (então) Timor português durante a segunda Grande Guerra. Cerca de 40 mil timorenses morreram às mãos dos japoneses como recompensa de terem apoiado os australianos.

Quando os portugueses abandonaram a sua mais remota colónia durante a guerra civil de 1975, os timorenses como era óbvio voltaram-se para a Austrália em busca de apoio. Nós traímos-los então e continuamos a fazê-lo agora.

A Austrália apoia a Indonésia a tentar retirar o assunto de Timor da agenda das Nações Unidas. Diplomatas australianos mantêm a mentira de que os indonésios estão a fazer maravilhas para os timorenses. A Austrália oficialmente reconhece Timor-Leste como sendo a 27ª província Indonésia. As Nações Unidas reconhecem Portugal como o administrador legal do território.

A Amnistia Internacional além de inúmeros e crescentes organismos internacionais de opinião pública condena a ocupação Indonésia de Timor-Leste. Democracias ocidentais tentaram esquecer e enterrar o assunto a fim de manterem as suas relações com o regime de Jacarta. Isto além de absurdo, uma hipocrisia na qual os EUA e a Austrália estão particularmente envolvidos.

⁸ NO GUIÃO SURGE ALFONSO EM VEZ DE AFONSO.

⁹ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

Timor volume 3

*Juntamente com Fábio Cavadini, cinematógrafo e o redator Rod Hibberd tentei apresentar esta história numa perspetiva histórica e política, antes que o que aconteceu e continua a acontecer desapareça no orwelliano “buraco negro da história”.
Gil Scrine (produtor e codiretor)*

3.1.5. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS **10** SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Gil Scrine: produtor, codiretor e narrador. Como cineasta independente há catorze anos Gil trabalhou em Sidney e Melbourne, tendo realizado os projetos seguintes:

"The bad society" – documentário sobre o ex-tesoureiro federal Dr. Jim Cairns e vice-primeiro-ministro, e a sua filosofia de estilos de vida alternativos, culminando no festival do rio Cotter em 1976.

"Home on The Range" – documentário sobre as bases norte-americanas na Austrália e particularmente o papel da CIA na base de Pine Gap.

O filme centra-se na queda do governo de Whitlam e nas alegações do espião norte-americano Chris Boyce. Este filme obteve o prémio de documentários no festival do filme, em Sidney 1982, categoria de documentários, e o "Boomerang" de prata do festival de Melbourne em 1982. Gil colaborou ainda noutros filmes, tendo completado recentemente o filme "Estranhos no Paraíso (Strangers in Paradise)" como coprodutor, codiretor e editor. O filme "Enterrados Vivos" mereceu este ano uma nomeação para o melhor documentário pelo Instituto do Filme Australiano.

3.2. CRONOLOGIA SUMÁRIA DA SITUAÇÃO DE TIMOR-LESTE **11**

3.2.1. INDEPENDÊNCIA E INVASÃO

<i>abril 74 O MFA destrona a ditadura em Lisboa e o processo de descolonização inicia-se</i>
<i>maio 74 A ANP, partido oficial único do velho regime reorganiza-se como UDT.</i>
<i>A ASDT forma-se com base no grupo clandestino “core”</i>
<i>set. 74 A ASDT passa a Fretilin (frente revolucionária para um Timor livre e independente)</i>
<i>outº. 74 A Indonésia lança a operação “Komodo” para desestabilizar Timor</i>
<i>dez 74 A Fretilin inicia campanhas de alfabetização e estabelece cooperativas no interior</i>
<i>jan 75 Fretilin e UDT iniciam uma coligação pró-independente</i>
<i>maio 75 A UDT abandona a coligação e sofre pressões da Indonésia para se opor à Fretilin</i>
<i>junº 75 Portugal efetua negociações em Macau com a UDT e Apodeti (partido criado pelos serviços secretos da Indonésia), a Fretilin recusa participar em virtude de ser considerada como possível na agenda a integração com a Indonésia</i>
<i>ago. 75A UDT lança um golpe de estado destinado a eliminar a Fretilin.</i>
<i>A Fretilin recupera o controlo da situação e pede a Portugal (sem sucesso) que termine o processo de descolonização</i>
<i>set. Nov. As tropas Indonésias efetuam inúmeras incursões nas regiões fronteiriças</i>
<i>out. 75 Cinco jornalistas australianos são executados pelas tropas avançadas Indonésias</i>
<i>28 nov. A Fretilin declara unilateralmente independência</i>
<i>7 dezº A Indonésia invade Timor-Leste</i>

3.2.2. APOIO DAS NAÇÕES UNIDAS E LUTA INTERNA

<i>dez 75 A Assembleia-geral da ONU exige a retirada Indonésia</i>
<i>Os quatro minipartidos pró-integracionistas formam um governo provisório</i>
<i>O Conselho de Segurança condena unanimemente a invasão e instrui o Secretário-geral para enviar um representante especial a Timor</i>
<i>Jan – fevº. O enviado especial da ONU visita apenas três cidades e nenhuma área dominada pela Fretilin</i>
<i>abril 76 O Conselho de Segurança apela uma vez mais para a retirada das tropas Indonésias</i>
<i>set. – out. Milhares de timorenses em campos de concentração</i>
<i>nov. 76 e um relatório da igreja católica de Timor estima em 100 mil as vítimas da invasão</i>
<i>dez 76 a Assembleia-geral recusa a integração e exige um ato de autodeterminação</i>
<i>dez 77 a Amnistia Internacional acusa a Indonésia de não deixar a Cruz Vermelha atuar dentro de Timor-Leste</i>

3.3.3. TRAIÇÃO INTERNACIONAL

<i>jan 78 a Austrália reconhece “de jure” a integração de Timor</i>
<i>fevº. 78 o congresso norte-americano condena o incremento de fornecimento de armamento à Indonésia</i>
<i>abr. 78 o Reino Unido vende oito aviões Hawke Aerospace de ataque ar-terra à Indonésia</i>
<i>jun. 78 a Austrália fornece aviões de reconhecimento “Nomad” à Indonésia</i>

10 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

11 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

Timor volume 3

<i>set. 78 jornalistas e embaixadores visitam Timor e mostram-se chocados com a fome e miséria e alta taxa de mortalidade em Timor-Leste</i>
<i>nov. 78 cai a última grande base militar da Fretilin em Matebian</i>
<i>jan – mar mais campos de concentração estabelecidos em Timor</i>
<i>maio 79 grande encontro de solidariedade mundial para com Timor-Leste</i>
<i>out. 79 a Cruz Vermelha é autorizada a reentrar em Timor e um grande esforço a larga escala é efetuado para transportar alimentos e medicamentos</i>
<i>nov. 80 documentos secretos da defesa e negócios estrangeiros australianos são divulgados para o período de 1968-1975 mostrando o grande apoio ocidental dado secretamente em meados de 1975 aos planos indonésios de anexação de Timor-Leste. Os documentos passam a ser proibidos pelo governo australiano.</i>
<i>mar 81 conferência nacional organizada pela Fretilin elege Kay Rala Xanana Gusmão novo presidente da Fretilin</i>
<i>maio 81 A Indonésia lança a operação “Segurança”</i>
<i>O tribunal permanente dos povos em Lisboa condena a Indonésia de agressão armada e de ter violado o estatuto da ONU em relação aos direitos dos povos à autodeterminação</i>
<i>junº 81 a nomeada assembleia regional de Timor-Leste queixa-se ao presidente Suharto sobre a exploração, corrupção e flagrantes violações dos direitos humanos</i>
<i>setº 81 centenas de pessoas massacradas em Lacluta durante a operação “Segurança”. Milhares enviados para um exílio forçado na ilha do Ataúro.</i>
<i>set. 81 O partido trabalhista australiano adota uma política de apoio à autodeterminação do povo de Timor-Leste</i>
<i>julho 83 a Amnistia Internacional expõe manuais e ordens de tortura Indonésias para Timor-Leste</i>
<i>Um grupo de 170 parlamentares europeus apela para a autodeterminação de Timor-Leste</i>
<i>setº 83 uma delegação parlamentar australiana a Timor-Leste apoia a integração enquanto um relatório do Senado rejeita a mesma</i>
<i>jan 84 a agência France Press em Jacarta revela a existência de falta absoluta de alimentos em Timor-Leste</i>
<i>fevº. 84 a comissão dos direitos humanos da ONU acusa a Indonésia de violação dos direitos humanos em Timor-Leste</i>
<i>mar 84 o presidente Eanes de Portugal convoca o Conselho de Estado para encontrar uma solução justa para o problema de Timor</i>
<i>jan 85 contacto via rádio estabelecido entre forças da Fretilin em Timor-Leste e Darwin</i>
<i>mar 86 a UDT e a Fretilin reagrupam-se para nova campanha para a autodeterminação</i>
<i>julº 86 Parlamento Europeu exige à Indonésia que cesse a sua ocupação e apoia a autodeterminação de Timor-Leste</i>
<i>O parlamento português denuncia atos de genocídio em Timor-Leste</i>
<i>abr. 87 primeira eleição para a assembleia provincial de Timor-Leste</i>
<i>ago. 87o comité de descolonização da ONU debate Timor-Leste</i>
<i>set. 87 o assunto de Timor-Leste volta à agenda da comissão dos direitos humanos</i>
<i>mar 88 o parlamento Europeu apoia negociações entre Portugal e Indonésia para encontrar uma solução que assegure os direitos dos timorenses e da sua identidade cultural</i>
<i>ago. 88o comité de descolonização da ONU debate de novo o problema de Timor-Leste</i>
<i>setº 88 a Austrália e a Indonésia assinam um acordo para a exploração conjunta das reservas do mar de Timor</i>
<i>outº. 88 senadores e congressistas norte-americanos enviam uma moção ao secretário de estado George Schultz na qual manifestam a sua preocupação em relação a Timor-Leste</i>
<i>nov. 88 Suharto visita Timor-Leste. Centenas de timorenses detidos.</i>
<i>dez 88 a Indonésia concede estatuto total de província a Timor-Leste em paridade com as restantes</i>

3.3.4. em 1989 - A LUTA CONTINUA

<i>jan explosão num paiol em Díli</i>
<i>Padre Fernandes depois de 14 anos na Austrália anuncia o seu regresso a Macau</i>
<i>fevº. Ex-embaixador australiano Bill Morrison demonstra a sua solidariedade com as tropas indonésias</i>
<i>Gov. de Timor, Mário Carrascalão desmentiu atentado bombista em Díli e ameaças de que estaria prestes a ser substituído.</i>
<i>A Austrália e a Indonésia anunciam melhoria das relações diplomáticas bilaterais</i>
<i>Morte de Moisés do Amaral presidente da comissão política da UDT</i>
<i>Stuart Hume, novo embaixador australiano em Lisboa declara que o assunto de Timor está encerrado e que cabe aos portugueses a responsabilidade de o resolver</i>
<i>mar 89 Ali Alatas visita a Austrália e enterra o problema de Timor sem oposição dos jornalistas australianos</i>
<i>maio 89 criado subgrupo de apoio a Timor-Leste dentro do âmbito do comité para um Pacífico independente e não nuclear</i>
<i>Documentário sobre australianos na segunda guerra em Timor passado na TV australiana</i>
<i>Bispo de Díli pede intervenção de Pérez de Cuellar sobre situação em Timor</i>
<i>junº 89 estreia particular do filme “Enterrados Vivos”</i>
<i>Estudantes timorenses pedem asilo nas embaixadas do Vaticano e do Japão em Jacarta</i>
<i>jul. 89 nova antestreia do filme “Enterrados Vivos” na Universidade de Tecnologia de Nova Gales do Sul</i>

Timor volume 3

<i>Try Sutrisno comandante-chefe das FA'S Indonésias visita Austrália</i>
<i>ago. 89estreia de "Enterrados Vivos" em Melbourne</i>
<i>Comité dos 24 reúne sobre Timor com presença de timorenses, japoneses e parlamentares de todo o mundo</i>

3.4. CAMBERRA VÊ FILME SOBRE TIMOR-LESTE 12 . APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO13 SIDNEY agosto 8914

3.4.1. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - TONY LAMB, MHR, MP, PARTIDO TRABALHISTA

"Antes de mais quero agradecer a presença de Gil Scrine, produtor do filme, de José Ramos-Horta e de Chrys Chrystello, vindos de Sidney para esta apresentação aqui no parlamento australiano. Aproveito para lembrar que existe um paralelo entre a situação da Estónia, Lituânia e Letónia e a de Timor-Leste, é a de que há dois anos ninguém pensava ser possível falar de autonomia.

Poderemos imediatamente considerar como duvidosas quaisquer declarações indonésias sobre a forma de plebiscito ocorrido naquele território. Ainda recentemente numa carta enviada ao Secretário-geral da ONU, Pérez de Cuellar, o bispo de Díli, monsenhor Belo declara que como chefe da igreja católica e responsável pelas almas de Timor declara-se adepto de um processo de descolonização de Timor-Leste a realizar através de um referendo nacional sob os auspícios da ONU, a fim de que o povo de Timor possa ser ouvido em relação ao seu futuro.

Até agora esse povo não foi consultado, apenas a Indonésia declara que o povo já escolheu livremente a sua opção como sendo a da integração....

Portugal por seu lado quer resolver o problema, mas, entretanto, as pessoas continuam a morrer como cidadãos e como nação. É sobre isto que o filme se debate e por isso sendo esta a primeira razão vos aconselho a ver bem este filme. Uma segunda razão será a de existir uma profunda relação australiana com os acontecimentos, a nossa proximidade, a nossa relação geopolítica para com o país mais perto de nós, sem podermos esquecer as dívidas da segunda Grande Guerra para com os timorenses, que constituíram a segunda linha de defesa deste país, e sem a qual teríamos sucumbido.

Temos agora 60 parlamentares e senadores no grupo de apoio a Timor-Leste o que continua a ser menos dos que os 200 senadores e congressistas norte-americanos que expressaram recentemente a sua preocupação sobre o território.

Eu já vi este filme e estou desapontado com alguns críticos que disseram que isto não passa de uma tentativa de fazer de José um herói. Como José vos dirá ele pode ser a figura central porque lhe dá continuidade desde o tempo anterior à invasão até hoje e eu presto-lhe a minha homenagem pelo papel complexo que ele desempenhou, mas recuso-me a considerar o filme como um empolamento do ego, e sinto-me triste por alguém ter tentado menosprezar o filme por essa razão. Trata-se de um filme inesquecível e memorável e tenho a certeza de que vão apreciar vê-lo. Depois desta introdução, dou as boas-vindas a Gil que apresentará a figura principal deste filme José Ramos-Horta.

3.4.2. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - GIL SCRINE – PRODUTOR DO FILME:

Obrigado Tony, obrigado a todos por terem vindo, penso que devo dizer apenas algumas palavras sobre as razões porque fiz este filme, como aliás já hoje me perguntou um jornalista do "Camberra Times". Devo dizer que acho a pergunta hipócrita e quero explicar porquê. Como sabem Timor-Leste está a 400 km a norte de Darwin, e trata-se de uma guerra escondida como este folheto que está à entrada vos pode explicar melhor. Timor está escondido dos olhos do mundo porque a Indonésia isolou o país nos últimos 14 anos.

No entanto jornalistas australianos, e produtores de cinema, comentadores e fabricantes de opinião pública escolheram, porém, a via mais fácil e continuam a esconder tal guerra. Tenho muitos colegas no mundo do cinema que passam a vida a correr para a América central para cobrir as guerras ali. É muito popular defender os direitos humanos em outras partes do mundo, mas não é popular defendê-los na nossa região.

Gostaria de mencionar Shirley Shackleton [viúva de um dos seis jornalistas australianos abatidos pelos indonésios] que estava presente no lançamento deste filme em Melbourne e que me mostrou um artigo que ela escrevera para o "Sydney Morning Herald" sobre o massacre em Tian An Men e obviamente fazendo a comparação lógica, porque é que Bob Hawke não chorou por Timor.

O editor dos artigos de fundo do Sydney Morning Herald evidentemente recusou-se a publicar o artigo, ela telefonou-lhe repetidas vezes a fim de saber porquê, e finalmente ele disse-lhe "bem, Shirley, dou-te 180 milhões de razões" [população Indonésia].

12 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

13 INTRODUÇÃO AO FILME "ENTERRADOS VIVOS" NO PARLAMENTO AUSTRALIANO.

APRESENTAÇÃO DO VICE-PRESIDENTE TONY LAMB, PERANTE A PRESENÇA DE SENADORES E PARLAMENTARES, EMBAIXADOR PORTUGUÊS E OUTRAS PERSONALIDADES. [DIA NACIONAL DA INDONÉSIA 17 DE agosto 1989]

14 ORIGINAL PUBLICADO PELO GCS – GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU - REVISTA MACAU)

Timor volume 3

Parece-me a mim que a Austrália como nação tem sido subserviente por muito tempo. Creio que temos de ver bem a nossa psicologia nacional, para vermos porque é que continuamos a esconder esta guerra, porque trabalhamos com os indonésios e os ajudamos a esconder esta guerra, este crime contra a humanidade em Timor-Leste.

A resposta dada àquele jornalista do “Camberra Times” é autoexplicita: não há filmes nem documentários, logo parece normal que alguém fizesse tal filme. Outros produtores perguntaram-me, “mas como é que vais fazer um filme sobre uma terra onde nem sequer podes ir?” Eu deparei com essa mesma questão quando comecei a pesquisar para fazer o filme e vi que havia toda uma intensa luta conduzida por pessoas como José Ramos-Horta nas arenas internacionais. Foi então que me dediquei a mostrar a hipocrisia, o genocídio, a terrível tragédia de Timor-Leste através do trabalho diplomático das forças da Fretilin. Trata-se assim de um filme feito sobre a guerra do papel, a guerra da propaganda, não verão muita evidência no filme da guerra “quente” que ainda hoje decorre no terreno em Timor-Leste e isso é uma consequência de que já seis jornalistas morreram ali e seria muito perigoso para um produtor de cinema australiano, pegar nas suas câmaras e começar a passear por toda a parte, seríamos rapidamente detetados.

Sem mais introduções gostava de apresentar José, que foi a minha inspiração para o filme, e concordo com o comentário de Tony e José também concordará de que ele não quer ser visto como a personagem central do filme, mas como qualquer necessita de uma personagem central para conduzir o veio das ideias através do mesmo, e eu não podia desejar ninguém melhor do que José Ramos-Horta para representar o personagem central.

3.4.3 APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - JOSÉ RAMOS-HORTA –

Obrigado a todos por terem vindo, concordo totalmente com o que Tony e Gil disseram de que eu não queria ser a personagem central. Quando há alguns anos atrás o Gil me abordou em Sidney para fazer o filme, eu tinha duas hipóteses dizer sim ou não. Acedi deixando-o filmar-me em Manhattan, em Nova Iorque, nos meus encontros nas Nações Unidas, etc. E daí algumas pessoas poderem dizer que se trata de um empolamento do ego. Não é e eu até nem estava totalmente satisfeito com o filme, lembro-me até de que por vezes tive de usar alguns truques com o Gil para que ele me não filmasse.

Quando eu ia da 88ª rua para as Nações Unidas, normalmente ia de autocarro, pois não tinha meios de ir de táxi e Gil filmar-me no autocarro e eu disse-lhe não eu não vou de autocarro vou de táxi e ele não conseguiu filmar-me no autocarro porque eu estava envergonhado de ser filmado no autocarro com as câmaras a focarem-me.

Foi uma experiência dolorosa para mim ter sempre uma câmara atrás de mim a focar as minhas atividades, mas por outro lado era meu dever e obrigação utilizar todos os meios ao meu alcance para divulgar a luta do povo de Timor e a sua tragédia.

Penso que Gil fez um ótimo trabalho em especial na frente diplomática.

Algumas pessoas podem assumir conclusões negativas sobre a mensagem do filme de que se trata de uma causa perdida depois de 13 ou 14 anos nas Nações Unidas, o que atingimos? Se entendermos que os processos diplomáticos nunca são nem fáceis nem rápidos eu assumiria que muito se conseguiu.

Os militares quando invadiram Timor em 1975 pensavam que tudo estaria resolvido numa questão de semanas. O general Benny Murdani e Ali Murtopo pensaram que a resistência estaria aniquilada dentro de semanas e que no máximo dentro de um ou dois anos nas Nações Unidas o assunto deixaria de estar na agenda. Em julho deste ano quando eu estava em Lisboa o Secretário-geral da ONU voou para Lisboa para conversações de alto nível com o governo português. O vice-presidente Dan Quayle na sua recente visita à Indonésia discutiu o problema dos direitos humanos em Timor-Leste com o presidente Suharto.

O Papa vai a Timor-Leste em outubro deste ano, há quem pense que ele vai ali para encerrar o assunto de Timor-Leste. O facto da sua ida a Timor representa que o assunto não se desvaneceu da sua agenda. Quando o Papa foi convidado pelos indonésios para visitar a Indonésia ele insistiu em que só iria se uma visita a Timor-Leste fosse incluída. O Parlamento Europeu adotou recentemente resoluções em relação ao problema de Timor-Leste por maioria absoluta, o congresso norte-americano, mais de metade do congresso adotou resoluções em relação a Timor-Leste e assinaram petições para o presidente dos EUA em relação ao problema de Timor-Leste.

O Parlamento Europeu adotou resoluções em relação a Timor-Leste, o embaixador norte-americano Vernon Walters ainda tão recentemente como fevereiro deste ano numa análise das mais completas dos EUA sobre o assunto declarou que os EUA apoiariam uma solução política para o problema. Isto para mim significa que o assunto de Timor-Leste está bem vivo na agenda mundial.

Nós conseguimos-lo depois de muitos e muitos anos de luta, mas não fui só eu nem só a Fretilin e os seus representantes, tratou-se também do esforço de muitas outras pessoas, tais como Jim Dunn, Tony Lamb, o congressista Tony Horne, o senador Dave Durkenberger (republicano) e tantos outros na Europa e no resto do mundo.

Uma coisa porém devo dizer e dar ênfase, tal como já fiz com muitos australianos que encontrei ao longo dos anos: “não menosprezem a nossa determinação ou a determinação dos portugueses”. Portugal é uma nação com mais de 800 anos, com uma grande história e sentido da história e um grande sentido de responsabilidade para com Timor-Leste.”

Eu avístei-me recentemente com o presidente português, Mário Soares em fevereiro deste ano tivemos uma longa discussão e eu perguntei-lhe “Sr. Presidente acredita naquilo que está a fazer para Timor-Leste ou está a fazê-lo apenas por formalidade?” E a sua resposta foi a melhor que já ouvi de alguém e veio do coração, ele disse-me “eu estive exilado 30 anos e sei o que representa lutar por uma causa”.

Timor volume 3

O presidente Mário Soares é altamente considerado na Europa e em Washington, como o é o primeiro-ministro Cavaco e Silva. Portugal é um membro da CEE, da NATO e pelas minhas discussões em Portugal, acredito que os portugueses estejam a considerar o assunto muito seriamente.

A Austrália não deve menosprezar Portugal em relação ao “Timor Gap”, tal como os americanos não menosprezam e é por isso que Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste em Jacarta, os europeus também não menosprezam e eu penso que será nos melhores interesses da Austrália utilizar os seus bons ofícios discreta e subtilmente para persuadir a Indonésia para trabalhar seriamente com o Secretário-geral da ONU para a realização de eleições gerais em Timor-Leste.

Tudo o que pedimos é que se realizem eleições gerais em Timor-Leste supervisionadas pela ONU. O que estamos a pedir [será demasiado?], já alguém disse à Austrália que não deveria ter eleições na Austrália? Será que as eleições são antidemocráticas, inaturais? Não deverá haver eleições na União Soviética, ou na África do Sul? Porque é que a Austrália exige eleições para a África do Sul e inclusive até impõe sanções e não pede algo que é apenas natural: “eleições para que o povo de Timor-Leste possa decidir”.

Eu apelo aos amigos da Indonésia, hoje é o dia nacional da Indonésia, aqueles que apoiam a Indonésia por uma ou outra razão deviam dizer-lhe: nós apoiamos a Indonésia e acreditamos que estão certos e esse tal de José Ramos-Horta e a Fretilin não significam nada, a independência não passa de um falso projeto da Fretilin, vocês não têm nada a temer, vamos fazer eleições em Timor-Leste, supervisionadas pela ONU, pelos países da Commonwealth, parlamento australiano ou norte-americano e decerto que 100% das pessoas de Timor-Leste – a acreditarmos na propaganda indonésia – decidiriam votar a favor da integração e este problema seria resolvido de uma vez por todas.

Porque será que a Austrália adota sanções contra a África do Sul relativamente ao apartheid e parece ter dificuldades em relação a Timor-Leste? É isto que eu não entendo. Se alguém no ministério dos estrangeiros – tenho grande respeito pelo meu amigo Dick Woolcott e digo-o sem cinismo, tenho um imenso respeito pelo seu intelecto e por muitas outras pessoas no MNE, mas queria que eles ou alguém nos mass média ou nos meios académicos me convencessem que a nossa exigência para eleições é uma exigência desmesurada ou inatural e nessa altura eu desistirei, mas antes convençam-me de que aquilo que pedimos está errado.

Isto é tudo o que tenho para dizer, e uma vez mais não nos subestimem, tais como aos Polacos, Húngaros, Alemães do leste, os povos do Báltico, e os chilenos e sul-africanos.

3.4.4. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ RAMOS-HORTA COM PRU GOWARD DA RÁDIO ABC CAMBERRA dia 18 agosto 89

PG – Então pretendem recuperar a vossa terra?

JRH – Eles [indonésios] apossaram-se de todas as terras, tal como estão a fazer agora, ocupando os melhores talhões, apossando-se dos locais de culto dos timorenses que viveram ali nas montanhas durante séculos e séculos e isto são questões muito básicas, para além da questão de independência ou outras.

PG – Porque é que não podem negociar um acordo com eles para a recuperação das terras, pois como disse isso é quase tão importante como a independência? Assim negociam com eles o direito a viverem onde sempre viveram e aceitam viver em território indonésio?

JRH – Nós não estamos em busca disso, estamos apenas a pedir o direito a conduzir eleições livres, não é nada fora deste mundo pedir a realização de eleições.

PG – Essas eleições seriam independentes de existir ou não um governo local?

JRH – Isso permitiria ao povo de Timor-Leste decidir se quer a integração na Indonésia e permanecer nessa situação, ou se preferiam a independência ou alguma forma de ligação a Portugal.

PG – Preferia ir então para Portugal?

JRH – Não, eu preferia poder regressar a um Timor independente.

PG – Claro, mas se tivesse a opção?

JRH – Se tivesse de escolher entre Portugal e a Indonésia depois de 14 anos de ocupação brutal da Indonésia, claro que terei de dizer que preferia um milhão de vezes mais ir para Portugal.

PG – O que é que os portugueses dizem?

JRH – Têm sentimentos bem fortes em relação a Timor-Leste, ainda recentemente me encontrei com o presidente Mário Soares, uma pessoa de tremenda integridade e respeito na Europa e nos EUA e algo que ele me disse durante a conversação: “eu estive exilado mais de 30 anos, lutei contra a ditadura em Portugal sei quão importante é lutar por uma causa e nunca deixaremos de lutar por Timor-Leste”.

PG – Quão português é Timor-Leste, quanto sangue português existe lá?

JRH – Muito pouco, de facto a presença portuguesa em Timor-Leste era mínima, talvez mil portugueses. Ao contrário de Angola e Moçambique [em África] onde a presença portuguesa era mais repressiva, os portugueses em Timor-Leste se de alguma os podemos acusar é de negligência.

PG – Quão português é você?

JRH – Sou parte timorense e parte português, nasci em Timor, a minha mãe é de Timor e o meu pai era de Portugal, um dissidente que foi deportado para Timor-Leste e na segunda Grande Guerra juntou-se às forças australianas aliadas para lutar contra os japoneses em Timor. Ele fez parte do exército australiano tal como o meu avô, juntando-se aos australianos para lutarem contra os japoneses

Timor volume 3

PG – Cresceu em Timor-Leste, mas viveu em Portugal?

JRH – Nunca vivi em Portugal, cresci em Timor e vivi nas montanhas até terminar o ensino secundário quando vim viver para Díli, a capital, de resto vivi sempre nas montanhas e estava em contacto permanente com as gentes.

PG – Pratica a religião hindu?

JRH – Não e a maioria da população de Timor é católica, hoje em dia rondando entre os 75 e 80%.

PG – Nas vilas e montanhas mantêm-se?

JRH – Animistas, não há hinduísmo ou islamismo em Timor exceto uma ou duas centenas de pessoas que ali se fixaram há duzentos anos.

PG – Então de acordo com o que disse existe uma preferência por Portugal, mas então como é que estou errada a sugerir que isto é equivalente à Queenslândia pedir a secessão do resto da Austrália, e dizer não queremos manter-nos unidos, queremos preservar a nossa cultura e identidade, não gostamos do resto da Austrália. Como é que isso é diferente?

JRH – Bem, eu consigo entender que o resto da Austrália queira ver-se livre e obter a secessão da Queenslândia, mas no caso de Timor-Leste e Indonésia, o que se passa é que Timor-Leste nunca foi parte da Indonésia. O mesmo se passa na Papua Nova-Guiné. Seguindo esta lógica, porque é que a PNG quereria ter a secessão do resto da Indonésia? O resto da ilha, a outra metade é já indonésio. Mas podemos dizer o oposto, a Papua Ocidental (Irian Ocidental) é parte da PNG porque é que a Irian Ocidental há de ser parte da Indonésia em vez de ser da PNG? Faria mais sentido porque a Papua e a PNG são muito semelhantes.

PG – Mas de certo modo a Indonésia como país não existe, é uma coleção de ilhas todas com certas diferenças, mas é um país por razões estratégicas e de eficiência.

JRH – Claro, tem toda a razão ao dizer que a Indonésia é um estado artificial e não uma nação estado, nascida das chamadas Índias Holandesas, e aquilo que a Indonésia hoje é uma criação dos holandeses. Por esta mesma razão existem imensos movimentos separatistas na Indonésia, na Sumatra do Norte, na Irian Ocidental, nas Molucas e Celebes que não gostam do monopólio de poder e da economia pelos povos de Java. Timor-Leste nunca foi parte das Índias Holandesas, foi sempre português por mais de 500 anos e antes disso nunca fez parte da Indonésia, e dos reinos e impérios de Java, existentes entre o século VII e X. De facto, se formos até antes do período colonial, Timor-Leste nunca fez parte daquilo que hoje se chama a República Indonésia. Nunca teve nenhuma forma de associação com o resto da Indonésia.

PG – Qual é a densidade populacional de Timor hoje?

JRH – Agora mesmo de acordo com as estatísticas Indonésias – e sinto-me grato por me ter feito esta pergunta.

PG – Sei a que ela conduz...

JRH – 640 mil de acordo com estatísticas indonésias, em 1975 de acordo com estatísticas portuguesas aproximadamente 680 mil.

A taxa de crescimento de Timor-Leste foi de cerca de 2%, seguindo uma evolução normal a população de Timor hoje deveria ser de 900 mil, em vez disso e de acordo com as estatísticas indonésias é de 630 mil

PG – Então pensa que os indonésios estão a declarar menos do que existem na realidade?

JRH – Não o que digo é que isso confirma que dezenas de milhares de timorenses morreram, foram mortos, morreram como resultado da guerra, das evacuações forçadas do mato, como resultado da falta de cuidados médicos e de execuções sumarias. Tudo isto está bem documentado pela Amnistia Internacional e por centenas de testemunhas oculares quer na Austrália quer em Portugal.

PG – Então que evidência tem que a administração central indonésia pretende inundar Timor-Leste com indonésios de outras ilhas?

JRH – A minha evidência baseia-se no governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão o qual declarou que a população de Díli, a capital, é de cem mil pessoas. No tempo dos portugueses a população era de menos de 30 mil, desses 100 mil metade é indonésia. A maior parte das posições nos serviços públicos em Timor hoje são preenchidas por indonésios quer em Baucau e em Lospalos onde os militares comandam. Há colonos em sítios tais como na Maliana vindos da Sumatra e de Bali. Se formos ao mercado [municipal] de Díli, claro que para um jornalista australiano todos parecem timorenses ou indonésios, dado serem todos parecidos. Os mercados que impressionam qualquer jornalista que ali vá estão monopolizados por negociantes de Sumatra, Bali e outras partes da Indonésia não por timorenses.

PG – Então já há uma invasão de indonésios e haverá muitos que são mortos pelos habitantes locais?

JRH – Tem havido casos de violência em Díli, na capital, em protesto contra a ocupação indonésia.

PG – Mas não vai ganhar isto, trata-se mais de uma cruzada pessoal que não irá ter resultados?

JRH – Hoje estou muito mais confiante do que antes.

PG – De facto...?

JRH – Decerto e posso assegurar que nos próximos anos as coisas se modificarão.

PG – Como?

JRH – Quem acreditava que a União Soviética pudesse mudar, quem imaginava que Lech Walesa pudesse tomar as rédeas do poder? Quem o podia imaginar há 5 ou 2 anos atrás? Nas Filipinas, Ferdinand Marcos está hoje em Honolulu em vez de estar em Manila, a Coreia do Sul mudou...

PG – Mas o que mudou em Timor-Leste ou na Indonésia que possa mudar isto?

JRH – As ditaduras da esquerda e da direita entram em colapso face ao povo que exige democracia. Um novo regime democrático na Indonésia semelhante ao da Coreia do Sul e das Filipinas...

PG – Então a sua função é a de assegurar a instituição de uma democracia em Java?

Timor volume 3

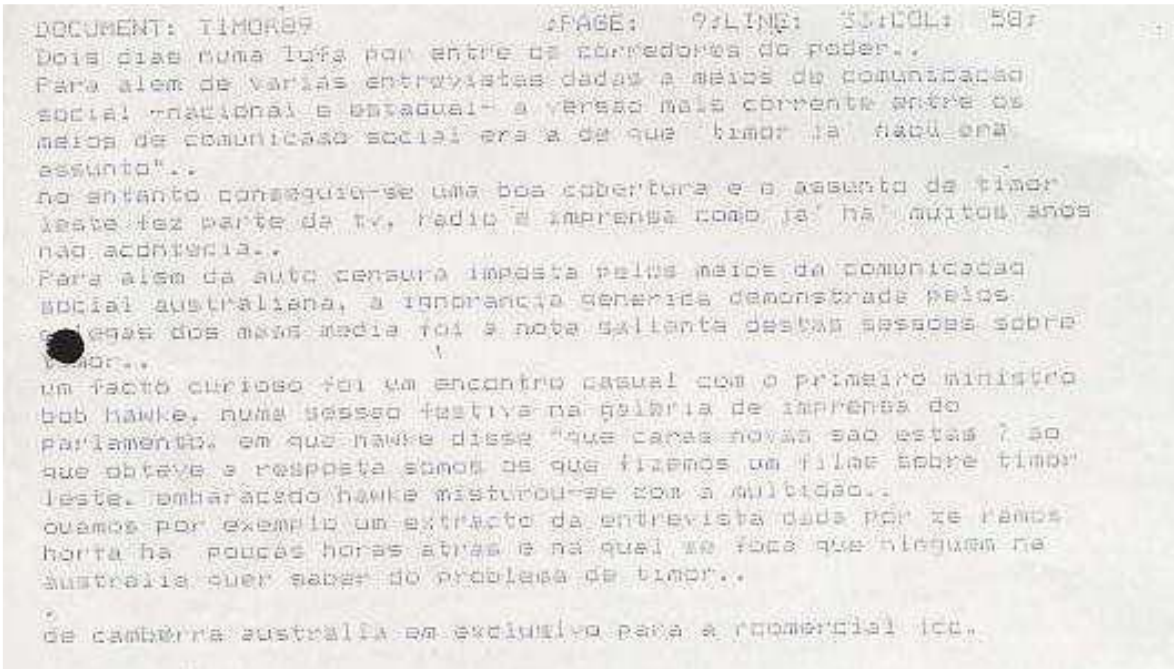
JRH – Não, o que pretendo é manter o assunto nas manchetes falar com os líderes da oposição indonésia e democratas, para ter a certeza de que o regime do país muda naquele arquipélago.

PG – E manter a certeza de que estão fora do vosso alcance?

JRH – Claro

PG – Ramos-Horta obrigado pela sua presença aqui e estamos certos de que é bem-vindo o filme “Buried Alive” agora chegado a Camberra.

3.4.5. 18 agosto 1989 RDP (COMENTÁRIO SOBRE AS CENAS ATRÁS DOS BASTIDORES)



3.4.6. ENTREVISTA DE GIL SCRINE (GS) E JOSÉ RAMOS-HORTA (JRH) COM A RÁDIO 2XXX (X) CAMBERRA 18 agosto 1989)

X – Temos hoje connosco Gil Scrine produtor, codiretor, narrador, sonoplasta e editor do filme “Enterrados Vivos” e José Ramos-Horta, o representante da Fretilin nas Nações Unidas. Boa tarde a ambos. Para começar com Gil, que fez tanta coisa neste filme, o que me baralha sempre sem saber como foi possível obter tanta energia, como é que ficaste envolvido na produção e na ideia de fazer este filme?

GS – O meu maior ímpeto como australiano deriva da leitura do livro de Jim Dunn [“Timor, um povo traído”] e senti esta sensação profunda de vergonha como australiano de que tínhamos vendido os timorenses. Se estudarmos a história do passado vemos que os esforços australianos na segunda Grande Guerra, em que basicamente ocupamos a sua ilha e como resultado mais de 40 mil timorenses morreram como recompensa japonesa de o haverem feito.

Mas não foi só isso, quando chegou a altura de haver autodeterminação neste pequeno território pouco desenvolvido do império português, parecia lógico que justiça seria possível para este povo, e que tivesse o direito à autodeterminação e todos nós no início da década de 70 apoiávamos Gough Whitlam e pensávamos que a história faria justiça aos timorenses. Parecia então que o governo australiano poderia apoiar os timorenses. Embora ele sempre dissesse no parlamento seria melhor que eles se integrassem na Indonésia, mas tal só se deveria passar depois de ter havido um ato de autodeterminação, o que soava como uma contradição, mas todos fomos na cantiga pois Gough era um grande líder para a justiça social e causas semelhantes.

Mas quando chegou a altura a Austrália abdicou totalmente dos timorenses tal como eu mostro no filme com uma pergunta a Richard Woolcott [então embaixador australiano em Jacarta] que basicamente diz num despacho para Gough “Se e quando a Indonésia invadir nós deveremos fazer o melhor possível para publicamente mostrarmos a nossa compreensão pela atitude indonésia”.

Penso ser muito claro que isso indica uma relação entre o governo e os meios de comunicação social, pois de outra forma não seria possível reduzir o interesse público na Austrália a menos que haja um entendimento entre o governo e a comunicação social?

Timor volume 3

Isto também mostra que as pessoas no ministério dos estrangeiros tinham uma agenda secreta relativa aos interesses nacionais australianos de que a Austrália seria melhor servida se fosse ao encontro desta invasão brutal e creio que há muita gente hoje em dia no parlamento capaz de dizer que os timorenses foram abandonados, mas a maior parte deles não está disposta a vir a público e dizê-lo. Tudo isto combinado põe um ónus moral nos produtores de cinema independentes que não se sentem constrangidos por superiores hierárquicos.

Muitos outros produtores independentes têm-se concentrado na situação da América Central ou nas Filipinas, por que não ver uma situação que se passa tão perto de nós? As guerrilhas da Fretilin até são fisicamente parecidas aos sandinistas com os seus longos cabelos e insígnias: é impossível esquecer esta semelhança que nas suas dramáticas conotações deveria levar-nos a olhar naquela direção e estudar a luta ali existente.

Eu deparei com um vácuo total em relação a Timor-Leste. O próprio José Ramos-Horta fez um minifilme penso que em 1977 do qual eu utilizei algum material de arquivo para o meu filme. Até eu fazer o meu filme isso era tudo o que havia em relação a Timor.

X – Que dificuldades houve e estamos certos de que as financeiras foram as maiores, mas por exemplo a apatia e isso é demonstrado no filme em relação a Timor-Leste. Que dificuldades houve, as pessoas perguntavam que filme, porquê e para quê?

GS – Claro que houve disso, mas quando por exemplo eu telefonava para os sindicatos deparava com esta espécie de memória esquecida de Timor e pelo telefone davam-me bastante apoio. Claro que no fim muito pouco dinheiro veio dos sindicatos, mas senti este sentimento de culpa que estava lá e veio à tona quando se falava no assunto. As pessoas devem ter dito este tipo é louco, mas merece algum apoio. Por outro lado, o que interessava também para fazer este filme era descobrir porquê esta apatia em relação a Timor. Será ele fruto da nossa maneira de ser humana que tem de esquecer isto ou foi de alguma forma manipulada? Foi depois de ler Noam Chomsky em relação ao assunto que comecei a encontrar algumas respostas.

X – Chomsky atinge um ponto alto ao demonstrar como a comunicação social é manipulada por estes enormes interesses e corporações. Isto sem ter visto o filme, mas baseado nas notas de apresentação demonstra que não só na Austrália, mas na América e na Inglaterra e no resto do mundo o assunto de Timor foi enterrado.

GS – Penso que ninguém tem de ter um alto nível intelectual para entender isto como Chomsky me disse a certa altura numa entrevista que não está no filme, claro que muita gente dirá “para entender isto é preciso ser-se um académico ou ter estudos em comunicação social para se entender este assunto tão complexo”, mas pelo contrário qualquer pessoa pode pensar que um grande jornal do grupo Fairfax ou Murdoch tem contactos estreitos com o governo a toda a hora e muitas vezes dependem do governo para obterem as suas vendas de anúncios. Claro que a nível mundial o mesmo se passa e os donos de meios de comunicação social estão em contacto íntimo com departamentos de estado, ministérios de estrangeiros e outros.

Trata-se de uma relação simbiótica e isto é importante entender-se para depois termos uma janela sobre a qual olhar para o assunto de Timor. Posso recordar uma experiência recente em que um jornalista do grupo Murdoch incluiu um tema na lista diária sobre Timor-Leste. Quando o redator devolveu a lista dos artigos a tratar nesse dia o assunto sobre Timor tinha sido assinalado com o comentário “isto já não é notícia”. Isto é um bom exemplo da forma como o assunto de Timor é gerido pelas pessoas que dominam a comunicação social. São os redatores que são capazes de manipular as notícias dessa forma.

X – Isto é espantoso, aliás pode-se ver sentando-se no clube de imprensa em especial em Camberra e ouvi-los falar sobre as notícias que não saem ... esta censura seletiva e redatorial que foi bem demonstrada no filme. A este respeito gostaria de falar com José Ramos-Horta, para as pessoas que nada sabem da Fretilin, que nada sabem do passado, pode-nos exemplificar o seu envolvimento e narrar os factos?

JRH – Primeiro, Timor-Leste era uma colónia portuguesa durante cerca de 500 anos até 1975 quando foi invadida pela Indonésia. Em 1974, depois de 50 anos de ditadura em Portugal o Movimento das Forças Armadas depôs a ditadura e começou um processo de descolonização que traria a independência de Moçambique, Angola e outras colónias africanas. Pela mesma lógica Timor-Leste iria ser independente no verão de 77 ou 78, data para a qual se previa a realização de eleições em outubro 1976. Dos três maiores partidos a maior parte [a Fretilin e a UDT] queria a independência e havia um minipartido, chamado Apodeti que queria a integração com a Indonésia, mas a Apodeti não dispunha de mais de uma centena de elementos em todo o país. Era óbvio que uma maioria do povo de Timor-Leste, totalizando 680 mil à data queria a independência.

Depois de 500 anos de dependência colonial era apenas lógico e natural que o povo de Timor-Leste que não tinha qualquer relação com a Indonésia ao longo dos séculos, não quisesse ser colonizado por outra potência estrangeira. É um insulto à inteligência e à dignidade de um povo dizer “Bem agora que os portugueses saíram, vamos enviar-vos para serem escravizados e colonizados por outra potência”. É uma visão condescendente, paternalista e racista típica da Austrália, quando alguns jornalistas e políticos decidem que já que os portugueses vos não querem depois de 500 anos, os 670 mil timorenses devem ir para a Indonésia.

A propósito quem são os indonésios? São os javaneses, serão eles superiores aos timorenses, aos Papuas Ocidentais. Nós não pensamos assim, temos centenas de anos, milhares de anos de história, uma cultura impressionantemente rica, bem como uma história e rituais e era lógico que os timorenses de uma forma geral quisessem a independência e a Fretilin nada mais representava do que uma expressão deste desejo de liberdade e independência.

Claro que não foi a Fretilin quem inventou a palavra independência, ela esteve sempre na mente das gentes, não numa forma moderna de estado soberano, mas durante séculos eles controlaram e governaram o interior, nas vilas e aldeias, com uma relação de respeito mútuo pelos portugueses.

Timor volume 3

De facto, se algo pode ser dito em relação aos portugueses é de que o seu regime colonial foi um regime benigno. O pior que poderemos dizer é que se tratou de um regime negligente, mas esta negligência de séculos foi extremamente útil para os timorenses que viviam nas montanhas.

Noventa por cento dos que viviam nas montanhas foram deixados à sua sorte, sem serem tocados ou afetados pelos portugueses. Os portugueses por exemplo não foram para o mato e liquidaram todos, ao contrário do que os primeiros colonos fizeram na Austrália. Eu lembro-me dum francês, não tenho a certeza se era o presidente Mitterrand ou o primeiro-ministro quando houve um debate com a Austrália em relação à Nova Caledónia, disse “se tivéssemos feito como os australianos não haveria hoje problemas na Nova Caledónia”.

O mesmo se passa em relação a Timor, quando ouvimos racistas como Gough Whitlam e Peter Hastings tentando culpar os portugueses, bem deixemo-nos disso, não creio que os portugueses precisem de lições em relação a harmonia racial por parte da Austrália. Se virmos o Brasil em que cerca de 80% da população é mestiça, se virmos Cabo Verde na África Ocidental onde 80% são de raça mista, vejamos Angola e Moçambique, bem creio que os portugueses não precisam de conselhos.

Claro que não estou aqui a defender o poder colonial português, mas acho hipócrita, quando ouvimos jornalistas australianos, académicos e políticos culparem os portugueses sobre o que se passou em Timor-Leste, porque é a Indonésia que está a ocupar Timor-Leste há 15 anos. Resumidamente, a maioria esmagadora das pessoas de Timor ainda hoje apoiam a independência e se eles tivessem de escolher entre a Indonésia e Portugal, penso que não erro se disser que a esmagadora maioria preferiria um milhão de vezes Portugal aos “ditos irmãos” da Indonésia.

X – José, isto é uma versão que aqui não ouvimos muito nos mass média. A explicação indonésia daquilo que se passou é que de facto todos os mortos desde 76 e 77 foram vítimas da guerra civil entre timorenses.

JRH – Não posso crer que quer membros do governo quer membros da comunicação social possam acreditar nessa propaganda indonésia. Talvez o admitam em público, mas creio ser exagerado esperar que alguém acredite nisso. O que se passa em Timor hoje é uma guerra, basta falar com algum das centenas de refugiados na Austrália e em Portugal, alguns deles chegados há apenas algumas semanas, que podem testemunhar que 99,9% da população se opõe à Indonésia. Entidades timorenses que no passado em 1974 e 75 pensavam que a integração com a Indonésia era a melhor opção estão hoje escondidos nas montanhas e alguns foram até assassinados pelos indonésios. João Martins um líder proeminente da Apodeti, um professor primário, foi envenenado há apenas alguns meses e ele era um dos intelectuais que propugnava a integração na Indonésia. Nos últimos anos, porém, mudou e tornou-se bastante vocal e foi envenenado. O mesmo aconteceu com outros, assassinados pelos indonésios.

Quem em Timor hoje quer a integração com a Indonésia? Contam-se pelos dedos, sabemos quem são e onde vivem. Meia dúzia deles e é tudo. Por essa razão a Indonésia não aceita um ato de autodeterminação ou eleições livres. Se é verdade aquilo que a Indonésia diz que aquilo que se passa em Timor é o resultado de uma luta de guerrilhas instigada pela Fretilin, e se é verdade que a maioria da população prefere os indonésios, então pareceria lógico que a Indonésia aceitasse eleições livres para Timor-Leste.

A Austrália exige eleições livres na África do Sul, ainda há semanas ouvi um debate sobre sanções contra a África do Sul e no qual o senador Gareth Evans e outras pessoas exigiam o poder para a maioria na África do Sul e a realização de eleições, sanções, etc. por causa do apartheid, então porque não [pedir o mesmo para] Timor-Leste? É como Gil disse, as pessoas estão excitadas sobre o que se passa na América Central, centenas de milhares de quilómetros de distância, mas não estão interessados naquilo que se passa em Timor a apenas 400 milhas a norte de Darwin. Porque não exigir a realização de eleições na Indonésia?

X – Isto parece típico do governo australiano sempre a tentar ser visto como se estivesse a proceder corretamente, mas em relação a Timor-Leste é como se esperassem que todos se esquecessem que está ali.

JRH – Deixe-me também dizer-lhe que tendo lidado com membros governamentais australianos por mais de 15 anos, porque a primeira vez que vim à Austrália tentar obter apoio para a causa de Timor foi em 1974, sem um avo nos meus bolsos quando cheguei a Darwin, e era o começo da nossa campanha. Eu basicamente já desisti da Austrália. Claro que compete ao público australiano estimular um debate e impor mudanças em relação a Timor. Para mim a Austrália tornou-se irrelevante no caso de Timor-Leste. Depois de terem reconhecido a integração de facto e de jure na República Indonésia, a Austrália perdeu a oportunidade de preencher seja que papel for em relação a Timor-Leste. O que quer que Gareth Evans diga ou queira. Se ele tentar fazer algo de bom será apreciado, doutra forma será esquecido.

O assunto de Timor-Leste está já na agenda do congresso norte-americano, no parlamento Europeu em Estrasburgo, na CEE em Bruxelas e se bem que pareça um assunto morto e enterrado na Austrália não o foi no resto do mundo. Algumas vezes fico impressionado com os sentimentos patrióticos de jornalistas australianos e académicos que de facto pensam que a Austrália é o centro do universo. Que se nada se passar em Camberra nada se passa na Europa ou nos EUA. Aprecio isso e creio que toda a gente deveria ser patriótica, mas o facto é que geograficamente a Austrália está numa posição infeliz, pois tanto quanto se tente mudar o globo não conseguirão colocar a Austrália no centro do universo. Podem por os EUA no centro, depende como se olhar para o mapa, se virarmos o mapa de pernas para o ar teremos a África no centro em vez da Europa e vice-versa. A Austrália será muito mais difícil, exige muita imaginação para tal.

O facto de os australianos serem ignorantes, apáticos, os chamados académicos e peritos da universidade nacional australiana [ANU] que se fazem passar por académicos neutrais e independentes, embora muitos sejam consultores da Bakkim [serviços secretos indonésios] e do governo indonésio, mas de facto o assunto de Timor-Leste está bem vivo no resto do mundo. No congresso norte-americano, o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste com o presidente

Timor volume 3

- Suharto da Indonésia. Fê-lo porque existe pressão do congresso norte-americano, do papel cada vez maior que Portugal está a desempenhar, e os EUA têm de tomar em consideração a posição de Portugal, como membro da NATO (OTAN), da CEE.*
- O Papa irá visitar Timor-Leste em outubro e vai lá porque Timor é um assunto importante. Quando os indonésios o convidaram [o Papa] a visitar a Indonésia em 1986 ele recusou, por causa de Timor. Eles convidaram-no de novo e desta vez resolveu aceitar desde que a visita seja extensiva a Timor-Leste. Claro que aguardámos para ver o que ele fará ali. Mas o simples facto de ter incluído Timor na visita mostra a extrema importância que Timor tem. Isto prova que o assunto não está esquecido, mesmo que os negócios estrangeiros [australianos] não queiram falar do assunto, mesmo que o Canberra Times ou outros meios de comunicação social não queiram falar disto e nós estamos bem confiantes de que o assunto será mantido nas manchetes e teremos mais apoio internacional.*
- X – José, o seu passado profissional cremos ter sido como jornalista.*
- JRH – Comecei muito novo a ter de ganhar a vida como jornalista num fraco jornal em Timor, depois fui deportado para Moçambique na África Oriental onde trabalhei como correspondente de um jornal local, cobrindo a guerra entre os portugueses e os guerrilheiros em Moçambique e era correspondente para a TV em Timor [onde não havia televisão].*
- X – A razão pela qual fiz esta pergunta é que através do filme há uma ênfase muito especial na perceção dos factos e em especial dos meios de comunicação social. O filme está dividido em duas partes, uma primeira que leva até aos acontecimentos de 1975, e os australianos estavam preocupados então com a morte dos jornalistas, depois a forma como a imprensa relata – ou melhor – não relata os acontecimentos em Timor deixou-me uma impressão muito forte.*
- GS – Penso que uma das razões porque eu quis fazer disso um dos temas centrais do filme e do título deve-se a esta apatia de que falávamos há pouco. Não acredito que os australianos tenham esquecido Timor-Leste, penso antes que lhes foi dito para esquecerem pela sua omissão dos meios de imprensa e da televisão. Como resultado fico francamente espantado com a ignorância de alguns comentadores australianos. Ainda esta manhã uma jornalista perguntou ao José sobre o seu budismo ou hinduísmo. Esta mesma comentadora deve saber segundo presumo – que a Solidariedade na Polónia é altamente católica, ela sabe isso mas desconhece tudo sobre os timorenses. É extraordinário quando se pensa no assunto. Faz parte da nossa história e da nossa perceção na Austrália como parte da Europa, o que é pelo menos insólito, considerarmo-nos um enclave colonial da Inglaterra.*
- X – Parece também existir uma componente racial que pode ser manipulada na comunidade em relação ao que se passa em Timor-Leste. Essa pequena ilha com todos aqueles estranhos seres de cor. Isso leva ao facto de só ser relevante o que se passa no parlamento em Canberra ou talvez até mesmo em Washington. O outro lado da medalha será o daquelas pessoas que não têm à sua disposição uma estação de rádio ou um jornal ainda sentem profundamente o problema de Timor-Leste. O José tinha razão há momentos, porque todos os governos de Fraser, Whitlam, Hawke negligenciaram totalmente o assunto em troca da ligação com a Indonésia e EUA. Existe uma restrição profunda a nível político e geopolítico, Gil qual o seu comentário?*
- GS – Penso que é verdade, obviamente a Indonésia é um amigo da confiança dos Estados Unidos no Sudeste Asiático e depois da derrota no Vietname do Sul – e aquela imagem do helicóptero tentando levantar do telhado da embaixada americana em Saigão está bem gravada na mente de todos como sendo a pior hora da América, a ignominiosa derrota da América no Vietname do Sul provavelmente implicou que a Indonésia teria de ser protegida a todo o custo, e como o José diz no filme, Timor-Leste não era relevante nem para russos nem para americanos, mas o importante era essa perceção de ser a Indonésia o último bastião contra o comunismo no Sudeste Asiático, uma espécie de último dominó.*
- Depois do golpe [1965] que depôs Sukarno e instalou Suharto, pelo menos 500 mil indonésios no arquipélago foram massacrados numa guerra fratricida, em que velhas dívidas foram saldadas. Como se pode admitir que os indonésios venham depois acusar os timorenses de fazer o mesmo? É abominável. Contudo isso provou aos americanos que a nova clique de generais que iria reger Jacarta daí para a frente eram brutais e ditatoriais logo eram de confiança.*
- Estive na Indonésia em 1984/85 estudando o idioma e tentando fazer um filme sobre a Papua Ocidental além do de Timor e falei com tantos indonésios quanto possível e achei incrível encontrar nos mercados de Satiga [Java Central] grandes posters de indonésios membros do PKI [Partido Comunista Indonésio] e alertando a população de que aqueles eram perigosos assassinos e que se fossem vistos deveriam ser executados de imediato. Esta mentalidade brutal contra o comunismo é histórica na Indonésia.*
- Ao mencionar Timor de novo surge a histeria pois a Fretilin é conotada como sendo comunista e a qual se fosse deixada em liberdade tomaria de assalto toda a Indonésia e permitiria que o PKI tomasse de novo as rédeas do poder na Indonésia, e claro que isto tem todo o apoio do departamento de estado [norte-americano] e todos sabemos a subserviência da Austrália, historicamente subserviente, primeiro pela Grã-Bretanha e depois pela América do Norte e agora ao que parece pela Indonésia. Porque somos tão subservientes? Creio que teremos de prestar atenção a isto pois no fundo pode representar a nossa queda final.*
- X – Todo este assunto de subserviência manifesta-se nas mais variadas formas. José como representante - tantos anos - nas Nações Unidas decerto observou toda uma vasta gama de jogos e complôs e eu estou a recordar-me da cena em que Moynihan [embaixador dos EUA na ONU] se mostra satisfeito por ter apagado o entusiasmo na discussão do assunto de Timor e garantindo que alguns países do terceiro mundo votassem de acordo com os interesses americanos. Será isto, com base na sua experiência, aquilo que frequentemente se passa com países do terceiro mundo cujos representantes deveriam apoiar a Fretilin e Timor e são forçados a abster-se ou votar contra?*
- JRH – Claro que sim, por exemplo no caso do Vanuatu, o governo de Walter Lini foi sempre bastante apoiante de Timor, em 1982 houve um debate crucial, Vanuatu era um dos principais proponentes da resolução de Timor na Assembleia-Geral e a meio dos*

Timor volume 3

debates o embaixador australiano Lance Joseph, o assistente de Dick Woolcott, disse abertamente que se Vanuatu continuasse a apoiar a questão de Timor a Austrália cortaria o auxílio económico ao Vanuatu. Primeiro este tipo de ameaça nunca é feito desta forma direta, dado que Lance Joseph excedeu o seu papel, e Vanuatu não mudou o seu voto. Debati depois este problema com Dick Woolcott, e se Lance Joseph parece mais um adepto de futebol do Liverpool em Inglaterra sempre pronto para uma cena de pancadaria depois de umas cervejas, ao contrário Dick Woolcott é um diplomata refinado, e apesar das enormes diferenças que nos separam trata-se de uma pessoa razoável e urbana, extremamente inteligente. Eu costumava dizer-lhe que ele era um pragmático artístico que deveria ter vivido no século XVIII e ser o tutor do príncipe em vez de Maquiavel. Isto digo-o não como uma ofensa, mas em reconhecimento do seu pragmatismo como diplomata de carreira.

Enquanto Lance Joseph é uma personagem rude e crua que em frente de um embaixador de outro país ameaça um pequeno país em relação a Timor. Não vejo a necessidade de a Austrália ter de recorrer a isto. Nós não pedimos à Austrália que nos apoie dado que não quer, se a Austrália se quiser manter afastada do assunto tudo bem, no caso de 1982 a Austrália foi deveras destruidora indo de país em país, fazendo lobbying nalguns países em favor da Indonésia. Isto não me agrava muito porque a Austrália não tem grande influência na ONU, os países africanos e da América Latina e da Europa estão-se nas tintas para a Austrália, mas os pequenos países da região são influenciados.

Existe ainda um outro fator, acho muito pouco dignificante para a Austrália este tipo de atitude. Imagine por exemplo o embaixador norte-americano na ONU à caça de votos para apoiar as Honduras.... É indigno e prova como a Austrália é capaz de descer a esse ponto envolvendo-se no assunto e tentando obter votos a favor da Indonésia e se calhar a Indonésia nem lhes pediu nada! Mas querem ser vistos como bons e amigos, para que os generais fiquem amigos dos diplomatas australianos, uma posição mais típica dos servos nos séculos XVIII e XIX na China, fazendo vénias e quase partindo a espinha diante do imperador chinês.

X – Trata-se quase de uma criança que está desesperada por agradar em todas as ocasiões...

GS – Lamento, mas nós somos um bocado assim

X – José, no filme menciona que no seu papel na ONU é importante manter uma certa visibilidade, ser visto e falar com diferentes representantes, e para si quando há votações ganhar uma moção pode não representar muito, mas perdê-la é terrível.

JRH – Bem o que eu disse é que ganhar uma moção pode não trazer grandes alterações em relação à situação no terreno, mas perdê-la é muito triste. Para qualquer país seja para Timor ou para a Indonésia. Abertamente eles podem afirmar que não faz mal, mas depois de terem lançado centenas de diplomatas muitos meses antes da votação e delegações de alto nível para todas as partes do mundo, delegações militares, de negócios, diplomáticas para lutarem contra a nossa resolução, é embaraçoso perder, os estados nação são altamente sensíveis em relação a resoluções que os aponte em relação a um determinado assunto, seja abusos de direitos humanos ou outros. Há prestígio e orgulho nacional envolvidos ao oporem-se a serem criticados nas Nações Unidas, desta forma qualquer resolução na ONU é importante por estas razões. Perder é neste caso um importante recuo na nossa luta.

X – Qual a situação agora na ONU em relação a Timor-Leste, já mencionou a CEE e o congresso americano, outras entidades que dão apoio a uma resolução do problema, infelizmente que ainda não se passa o mesmo na Austrália, mas em relação à ONU o que se passa?

JRH – O assunto esteve na agenda desde 1975, em 1982 uma resolução crucial foi adotada a resolução 37/30 que apelava para a intervenção do Secretário-geral para iniciar conversações intervindo pessoalmente neste assunto. Em consequência o Secretário-geral tem tentado encontrar soluções e aproximar as partes envolvidas, os portugueses, nós e os indonésios. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil, um processo doloroso e lento.

Os indonésios aceitaram conduzir negociações. Um ponto que talvez tenha passado despercebido ao público em geral: os indonésios sempre disseram que Timor-Leste era parte da república da Indonésia como 27ª província, pelo que se tratava de um assunto interno que estava fora do mandato das Nações Unidas. Contudo, ao aceitarem sentarem-se à mesa das negociações com os portugueses em frente da ONU, isto significa que eles retrocederam e pelo menos parcialmente ab-rogaram parte da sua soberania sobre Timor-Leste para as Nações Unidas, aceitando que as Nações Unidas tinham de facto um papel a desempenhar em relação a Timor-Leste. Isto foi uma vitória para nós. Eles podem dizer que Timor-Leste é parte da Indonésia, mas de facto ao concederem sentar-se e debater o assunto eles abdicaram daquela afirmação reconhecendo que Timor é ainda um assunto sob a responsabilidade da ONU.

Em julho quando me encontrava em Lisboa, o Secretário-geral deslocou-se a Lisboa para discutir com o presidente português. As negociações têm-se mantido em Nova Iorque e em Genebra com vista a levar a Timor uma larga delegação parlamentar portuguesa, cerca de 50 pessoas incluindo parlamentares jornalistas e técnicos para estudar a situação no território. Tudo isto faz parte de um esforço genérico com vista à realização de eleições em Timor.

X – Entretanto a Fretilin continua a lutar de várias formas, e embora não seja conhecida e publicitada a luta diplomática ela mantém-se.

JRH – Voltemos atrás e ao papel dos meios de comunicação social australianos. Tem havido inúmeras notícias provenientes de Timor-Leste, de fontes altamente credíveis e fiáveis. O bispo católico de Timor, monsenhor Belo, que vive em Díli, viaja através do país e tem conhecimento da situação, enviou recentemente uma carta ao Secretário-geral das Nações Unidas apelando para a intervenção do Secretário-geral para interceder junto da Indonésia para a realização de um referendo em Timor. Dura-mente criticou as violações de direitos humanos em Timor.

Essa carta foi altamente publicitada na Europa, no New York Times a cinco ou seis colunas. Eu posso referir Chrys Chrystello, que está aqui connosco hoje, ele é um jornalista português baseado em Sidney, e correspondente para a maior agência dos serviços

Timor volume 3

noticiosos portugueses neste país, ele contactou a maior parte dos jornais australianos com esta carta. De facto, ele obteve a carta antes do Secretário-geral da ONU, e antes que qualquer outra pessoa em Lisboa e seria um “scoop” (uma caxa, um furo) para os jornais, mas ninguém se mostrou interessado. O “New York Times”, o “Washington Post” aceitaram-na, a carta faz parte dos registos do congresso norte-americano.

É por isso que o público na Austrália não sabe. Quando eu vi Bob Hawke a chorar na TV em relação à China, eu não fui cínico e considerei-o muito sensível, seria bom que todos os outros países tivessem líderes capazes de chorar por tragédias como aquela, mas ele chorou porque viu nos ecrãs da televisão o massacre de estudantes e crianças em Tian An Men, se os meios de comunicação social australianos fossem mais investigativos para preencherem o seu papel de revelar a verdade perante o público, quebrando o bloqueio indonésio, creio que o governo talvez mudasse de atitude.

Eu culpo mais a comunicação social do que o governo. É fácil para os mass media convidarem-me a criticar o governo australiano, mas eu culpo-os mais a eles do que ao governo. Outro exemplo que ainda ontem Jim Dunn narrou. Jim Dunn um ex-cônsul em Timor e uma autoridade em relação a Timor, recentemente foi convidado a apresentar um programa na rádio ABC sobre direitos humanos em geral, o diretor da ABC suspendeu o programa depois de Jim Dunn ter dito que era obrigado a mencionar Timor naquele programa e isso afetaria as relações com a Indonésia. Não é isto muito pior do que a censura na URSS de Brezhnev e Estaline?

GS – Uma vez mais a subserviência...

X – Falando do filme “Enterrados Vivos” e esta entrevista está quase tão longa como o filme, uma imagem que me impressionou do filme é a do camião do The New York Times com o slogan “todas as notícias que são apropriadas para publicação” ... Parece-me que os jornais e camiões australianos também deveriam ter uma daquelas frases.

GS – Penso que o New York Times é vítima de um anacronismo daquele slogan, que têm utilizado desde há 120 anos e nessa altura representava a retidão moral, o que queria dizer então não publicamos nenhuma porcaria ou imoralidade...

X – Outra cena é uma reconstrução em que a mulher de alguém 15 vai à porta e vê um ombro largo e pensam que é a polícia. Porque decidiu reencenar essa imagem?

GS – Porque era importante para dar ênfase à dramática mudança do fim da era colonial, tal como ocorreu em Lisboa numa certa data. O fim do fascismo, o fim de repórteres tais como Adelino Gomes sendo molestados, e o recomeço da sua vida profissional. Durante o fascismo ele estava proibido de trabalhar. Queríamos mostrar como esse dia histórico começou.

X – Antes de terminar devo dizer que me parece uma luta muito solitária, José?

JRH – Toda a gente me diz isso, mas de facto a minha vida é tudo menos solitária, e nunca fui um mártir. A minha vida em Nova Iorque nunca foi solitária, onde tenho imensos amigos e dos bons, tenho amigos nos EUA e na Europa e ao longo desta luta por Timor encontrei centenas de pessoas maravilhosas, de crianças a adultos em todas as partes do mundo e ensinaram-me muito em termos de solidariedade humana. Mas não! Não é uma vida solitária.

Eu não sou como Henry Kissinger que disse “eu sou o cowboy solitário” e isso causou um escândalo nos EUA, porque ele via-se como o único arquiteto da política externa dos Estados Unidos. Eu não sou o único arquiteto da luta de Timor, há inúmeros outros envolvidos de uma forma ou outra. O que se passou é que quando o Gil foi a Nova Iorque fazer o filme eu estava sozinho naquela altura.

GS – O filme era para ser bem diferente e centrado na resolução da Assembleia-geral em que haveria 4 ou 5 timorenses vivendo num pequeno apartamento em Nova Iorque e cada um indo em diferentes direções em busca de apoios para a luta de Timor, uma espécie de cinema verité, essa a intenção original que eu planeava e ainda penso que deva ser feito um dia, o que se passou é que a resolução foi adiada em 1985 e 86 e não pude fazer o filme todo duma vez. Penso que se houver uma decisão em 1990 talvez então seja a altura de fazer esse filme.

X – Obrigado foi ótimo falar convosco hoje.

3.4.7. FILME SOBRE TIMOR NA TV AUSTRALIANA¹⁶CAMBERRA, 28 agosto, LUSA)

José Ramos-Horta e Gil Scrine produtor do filme sobre Timor-Leste “Enterrados Vivos [Buried Alive]” conseguiram hoje pôr a situação de Timor num dos principais programas de TV nacional.

Durante a última semana em várias entrevistas a órgãos de comunicação social escrita, rádio e TV o filme e a saga de Timor-Leste têm sido despertados da apatia nacional australiana, segundo declarava há momentos Gil Scrine à Lusa.

“Com mais de dez entrevistas em menos de uma semana, em Camberra, Sidney e Melbourne, a saga dos timorenses e o filme puseram Timor na lista dos assuntos que as pessoas queriam esquecer, mas não podem” confirmou Horta, que se mostrou extremamente crítico em relação aos mass media.

“Ao longo destas entrevistas conseguimos expor porque é que as autoridades governamentais australianas e os meios de comunicação social tentam evitar o assunto, e felizmente temos obtido uma cobertura ótima para a apresentação ao público no próximo domingo do filme “Enterrados Vivos” que terá lugar em Sidney e no qual contaremos com a presença do cônsul geral de Portugal Alexandre Vassalo.

¹⁵ TRATA-SE DA MULHER DE ADELINO GOMES, ÚLTIMO JORNALISTA PORTUGUÊS EM TIMOR ANTES DE 7 dez 1975.

¹⁶ LUSA DESPACHO #126/89 28/8/89

Timor volume 3

"Várias pessoas com quem contactamos nos últimos dias têm-nos dito que há muito se não focava Timor como agora e que era bom saber que o assunto não estava morto no resto do mundo"

"Na estreia pública do filme estarão presentes entidades importantes ligadas ao problema de Timor além de mim e do João Carrascalão teremos o novo presidente da UDT, Dr. Paulo Pires que se desloca propositadamente à Austrália para incrementar a participação da população timorense na nova fase diplomática da Convergência Nacionalista " disse Horta a finalizar.

4.8. ESTREIA DO FILME 17 SIDNEY 27 agosto 89 LUSA)

Mais de 500 pessoas aplaudiram esta noite em pé a estreia pública do filme "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste" que se centra à volta de José Ramos-Horta. O filme que nas últimas semanas tem estado a ser lançado nas diversas capitais australianas tem merecido boas críticas por parte dos órgãos de comunicação social.

Esta semana por exemplo o único jornal nacional The Australian publicava um artigo a 3 colunas relativo ao mesmo, e a TV e outros meios da comunicação social davam relevo ao esquecimento que o caso de Timor tem tido na imprensa australiana.

Na sessão inaugural de hoje estiveram presentes: o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo, o cônsul para os assuntos da imigração e comunidades portuguesas, Eduardo Oliveira, José Ramos-Horta embaixador de Timor na ONU, e o corpo dirigente da UDT (União Democrática Timorense) constituído pelo Dr. Paulo Pires expressamente vindo de Lisboa para o efeito, João Carrascalão, Domingos Oliveira e outros membros do comité central da UDT.

Tratou-se da primeira vez desde há muitos anos que as cúpulas da convergência unitária timorense se encontravam tão altamente representadas.

Com uma presença superior a 500 pessoas, nas quais, segundo a Lusa apurou, se encontravam veteranos australianos da 2ª Grande Guerra, a senadora australiana Irina Dunn do partido antinuclear para o desarmamento do Pacífico, inúmeros membros da comunidade timorense aqui radicada, intelectuais, jornalistas australianos e apenas um representando os semanários portugueses locais: José Almada, diretor do "Português", propriedade do Clube Portugal Madeira.

No final da sessão que por várias vezes foi interrompida por ovações do público, houve um cocktail, durante o qual o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo declarou à Lusa "este filme devia ser visto em Portugal".

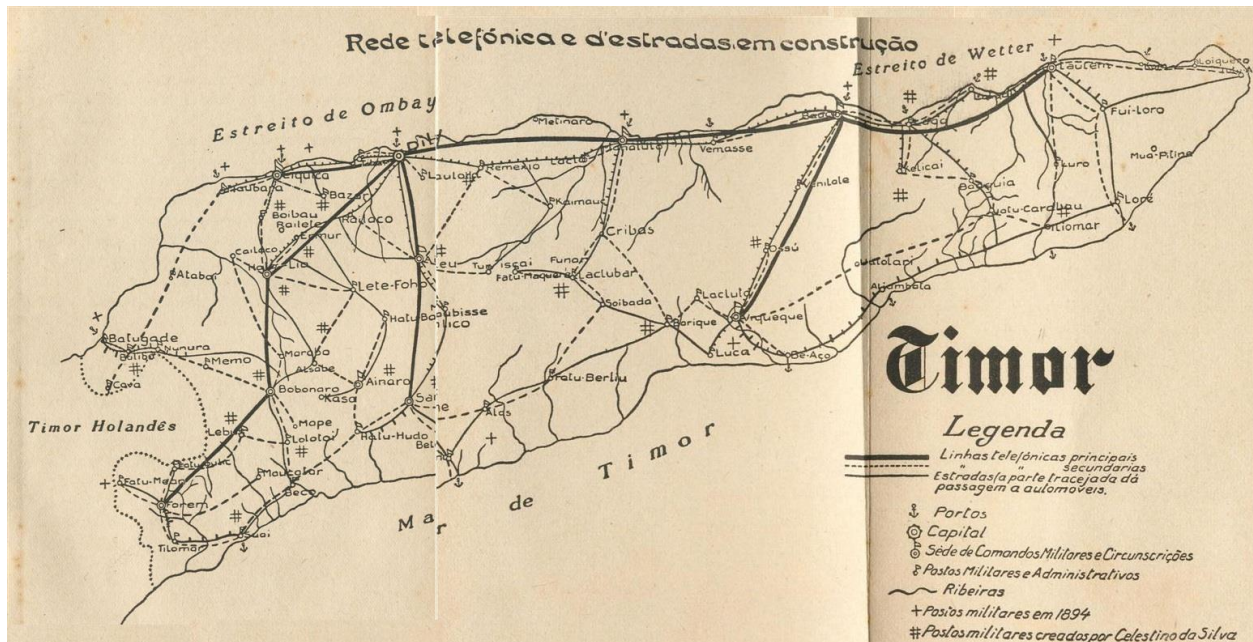
Eduardo Oliveira da secretaria de estado da imigração e comunidades adiantou que "estava disposto a interceder junto das autoridades portuguesas e em especial da RTP para que a passagem deste filme em Portugal fosse possível, dado tratar-se de um documento extraordinário, do qual o governo português se não devia dissociar".

O sucesso desta primeira exibição pública vem culminar uma crescente ofensiva nos órgãos de informação australianos para o problema de Timor, que nas últimas semanas pode ler doze entrevistas e vários programas de TV e rádio dedicados a Timor-Leste.

De acordo com o que Ramos-Horta disse à Lusa: "não deve ser menosprezada a vontade dos portugueses e timorenses em resolver o problema e tal como me foi assegurado aquando da minha visita em fevereiro a Portugal pelo próprio presidente Dr. Mário Soares, este quer ver encontrada uma solução para o problema da mesma forma que o Prof. Cavaco e Silva a tenta."

O filme "Enterrados Vivos" de Gil Scrine manter-se-á em exibição em Sidney por várias semanas depois da sua apresentação na passada semana em Camberra e em Adelaide e Melbourne.

Timor volume 3



TIMOR LESTE VOL. 3, AS GUERRAS TRIBAIS, A HISTÓRIA REPETE-SE (1894-2006)

1. J. CHRYS CHRYSTELLO